

Morfossintaxe da língua
Parkatôjê

Maria Ferreira

**LINCOM Studies in
Native American Linguistics**

LINCOM webstore
www.lincom-webstore.com

Morfossintaxe da língua Parkatêjê

Marília Ferreira

full text research
abstracts of all titles
monthly updates

LINCOM webshop
www.lincom-europa.com

2005
LINCOM EUROPA

Published by LINCOM GmbH 2005.

LINCOM GmbH
Gmunder Str. 35
D-81379 Muenchen

LINCOM.EUROPA@t-online.de
<http://home.t-online.de/home/LINCOM.EUROPA>
www.lincom-europa.com

webshop: lincom.at

All rights reserved, including the rights of translation into any foreign language. No part of this book may be reproduced in any way without the permission of the publisher.

Printed in E.C.
Printed on chlorine-free paper

Die Deutsche Bibliothek - CIP Cataloguing-in-Publication-Data

A catalogue record for this publication is available from Die Deutsche Bibliothek (<http://www.ddb.de>)

LINCOM EUROPA academic publications
are a product of LINCOM GmbH.

Sumário

Sumário

Prefácio

Abreviaturas

Lista de quadros

0. Introdução

1. Considerações sobre o povo e sobre a língua Parkatêjê

2. Conhecimento cultural

3. Estudos sobre a língua

4. Características gerais da língua em relação a outras línguas do tronco

5. A pesquisa

5.1. Corpus utilizado

5.2. Auxiliares de pesquisa

5.3. Apresentação dos dados no corpo do trabalho

5.4. Metodologia

5.5. Estrutura do trabalho

1. Classes de palavras: uma abordagem funcional

1.1. Nomes

1.1.1. Expressão de posse

1.1.1.1. Nomes não-possuíveis

1.1.1.2. Nomes alienavelmente possuídos

1.1.1.3. Nomes inalienavelmente possuídos

1.1.1.4. Prefixos relacionais: uma análise alternativa

1.1.2. Número

1.1.3. Estrutura dos nomes: uma proposta alternativa

1.2. Pronomes

1.2.1. Pronomes livres

1.2.2. Pronomes dependentes

1.2.3. Pronomes reflexivo e recíproco

1.2.4. Pronomes demonstrativos

1.2.5. Pronomes indefinidos

1.2.6. Formas interrogativas

1.3. Verbos

1.3.1. Classes de verbos: intransitivos, intransitivos estendidos, transitivos e transitivos estendidos e verbos posicionais

1.3.2. Verbos intransitivos

1.3.3. Verbos ativos e verbos descritivos

1.3.4. Descritivos e verbos

1.3.5. Descritivos e nomes

1.3.6. Predicados estendidos

1.3.7. Verbos transitivos

1.3.8. Os prefixos relacionais com os verbos

1.3.9. Verbos da classe **ku-**

1.3.10. Tipos semânticos – verbos ‘matar’ e ‘comer’

1.3.11. Categorias de tempo, aspecto e modo

1.3.12. Formas dos verbos ativos

i
Página

i

iv

v

vii

1

1

5

8

10

11

11

12

12

13

13

15

15

17

17

17

18

19

21

22

24

25

26

27

28

31

34

39

41

41

41

42

43

48

49

49

51

55

56

56

	ii		iii
1.3.13. Formação das formas longas	56	2.5.6. Oração transitiva estendida	84
1.4. Partículas	59	2.6. Orações com predicado não-verbal	84
1.4.1. Partículas de tempo	59	2.6.1. Orações identificacionais	85
1.4.1.1. Tempo passado	59	2.6.2. Orações existenciais ou possessivas	85
1.4.1.2. Tempo futuro	61	2.6.3. Orações equativas	86
1.4.2. Partículas de aspecto	61	2.6.4. Orações locativas	87
1.4.2.1. Aspecto continuativo	61	2.6.5. Tipos de orações independentes	88
1.4.2.2. Aspecto não-completado	62	2.6.6. Orações declarativas	88
1.4.2.3. Aspecto de 'ação recentemente completada'	62	2.6.7. Orações declarativas com tópico deslocado	88
1.4.2.4. Aspecto completivo	62	2.6.8. Orações interrogativas	89
1.4.2.5. Aspecto perdurativo	62	2.6.9. Orações negativas	91
1.4.2.6. Aspecto iterativo	63	2.6.10. Orações imperativas	92
1.4.2.7. Aspecto frustrativo	63	2.6.11. Orações exclamativas	93
1.4.2.8. Mudanças na raiz verbal relacionadas ao aspecto	64	2.7. Orações complexas	94
1.4.3. Partículas de intensidade	65	2.7.1. Coordenação e <i>switch-reference</i>	94
1.4.4. Partículas de modo	66	3. Sistema de marcação de caso em sentenças independentes	97
1.4.4.1. Negação	66	3.1. Cisão condicionada pela natureza semântica do verbo	97
1.4.4.2. Imperativo	67	3.2. Cisão condicionada pelas categorias TAM	99
1.4.4.3. A partícula <i>mũ</i>	68	3.3. Cisão condicionada pela categoria de pessoa dos elementos pronominais	102
1.5. Posposições	69	4. Incorporação Nominal	109
1.6. Advérbios	73	4.1. Um conceito de incorporação nominal	109
1.6.1. Sub-classes de advérbios	73	4.2. Composição lexical	110
1.6.1.1. Locativos	73	4.3. Incorporação do pronome reflexivo	111
1.6.1.2. Temporais	74	4.4. Termos de classe	113
2. Aspectos da sintaxe	75	5. Construções verbais seriais	117
2.1. Locução nominal	75	5.1. Caracterização das construções seriais em Parkatêjê	117
2.1.1. Estrutura da locução nominal	75	5.2. Tipos de construções seriais	120
2.1.2. Locução genitiva	76	5.2.1. Tipo (a): construção serial [- contíguo; - incorporado]	120
2.1.3. Conjunção e disjunção de locuções nominais	77	5.2.2. Tipo (b): construção serial [+ contíguo; - incorporado]	121
2.2. Locução verbal	79	5.2.3. Tipos semânticos de construções verbais seriais	122
2.2.1. Estrutura da locução verbal	79	5.2.3.1. Intenção	122
2.3. Locução posposicional	79	5.2.3.2. Modal	123
2.4. Orações independentes	80	5.2.3.3. Aspectual	123
2.5. Orações com predicado verbal	80	5.2.3.4. Causativo	123
2.5.1. Oração intransitiva	81	5.4. Construções verbais com o verbo <i>tɔ</i> 'fazer'	123
2.5.2. Oração intransitiva ativa/S _a	81	6. Referências Bibliográficas	127
2.5.3. Oração intransitiva descritiva/S _o	81		
2.5.4. Orações intransitivas estendidas	82		
2.5.5. Oração transitiva simples	83		

Resumo

A língua Parkatêjê é uma língua em perigo de extinção, que pertence ao tronco Macro-Jê. Somente 10% de um povo que soma aproximadamente 400 pessoas, fala essa língua no sudeste do Estado do Pará (Brasil),

Partindo-se de uma perspectiva funcional-tipológica foram descritos e analisados aspectos centrais da morfossintaxe: as classes de palavras; a sintaxe das sentenças independentes; o sistema de marcação de caso nessas sentenças; alguns mecanismos de derivação verbal; o fenômeno da incorporação nominal e as construções verbais seriadas. O Parkatêjê é uma língua de marcação no núcleo, que apresenta um sistema sofisticado de indicar as relações entre núcleos e argumentos, quando há re-arranjos na sintaxe usual de suas estruturas.

Meus mais sinceros agradecimentos vão para os Parakatêjê, cuja língua foi a razão deste estudo. Assim agradeço ao cacique Krôhókrenhum e a meus auxiliares de pesquisa: Piare, Rônore e Poiaretêti por compartilharem comigo seus conhecimentos.

Gostaria de agradecer aos colegas Sidney Facundes, Carmen Rodrigues, Luciana Dourado, Eduardo Ribeiro, Mônica Borges e Adriana Viana (*in memoriam*) por me encorajarem e comentarem partes de meu trabalho, em diferentes momentos, cada um a seu tempo e modo.

Calorosos agradecimentos vão para minhas mestras, a Professora Doutora Lucy Seki e a Professora Doutora Alexandra Aikhenvald, com quem aprendi a trilhar novos caminhos na lingüística.

Este trabalho também não seria possível sem a amizade e assistência de Leopoldina Araújo que me auxiliou incommensuravelmente nos estágios iniciais de meu trabalho com a língua Parkatêjê. Por fim, agradeço ao meu filho Samuel Maurício e à minha família, fortalezas sem as quais eu não poderia chegar até aqui.

Abreviaturas

1	=	primeira pessoa do singular
1Enf	=	primeira pessoa do singular enfática
2	=	segunda pessoa do singular
1PlIncl	=	primeira pessoa do plural inclusiva
1PlExcl	=	primeira pessoa do plural exclusiva
A	=	sujeito de verbo transitivo
Abs	=	absolutivo
Acu	=	acusativo
Adit	=	aditivo
Agt	=	nominalizador agentivo
Aten	=	atenuativo
-Aum	=	aumentativo
Ben	=	benefactivo
Caus	=	causativo
Com	=	comitativo
Conj	=	conjunção
Cont	=	continuativo
Dat	=	dativo
Dem	=	demonstrativo
DemPl	=	demonstrativo plural
-Dim	=	diminutivo
Dir	=	direcional
DS	=	sujeitos diferentes
Du	=	dual
Dub	=	dubitativo
DuPl	=	dual plural
FE	=	forma estendida
FNE	=	forma não-estendida
Enf	=	ênfase
Erg	=	ergativo
ErgPl	=	ergativo plural
Evi	=	evidencial
Excl	=	exclusivo
Exort	=	exortativo
Fin	=	finalidade
Frust	=	frustrativo
Fut	=	futuro
Incl	=	inclusivo
Incompl	=	incompletivo
Ind	=	indefinido
Instr	=	instrumental
Int	=	interrogativo
Intens	=	intensificador
Iter	=	iterativo
Itj	=	interjeição
lit.	=	literalmente
LN	=	locução nominal
Loc	=	locativo
LP	=	locução posposicional
LV	=	locução verbal
Mal	=	malefactivo
Mir	=	mirativo
Neg	=	negação
NegExist	=	negativo existencial
Nom	=	nominativo
Nomz	=	nominalizador
N.Pr.	=	nome próprio
O	=	objeto direto
Obl	=	oblíquo
Onc	=	objeto não-contíguo

Pas	=	passado
PD	=	partícula discursiva
Perd	=	perdurativo
Pl	=	plural
PDep	=	pronomes dependentes
Pos	=	posse
Posp	=	posposição
Pot	=	potencial
Pro	=	pronomes
PR	=	passado remoto
PrEnf	=	pronomes enfáticos
Quant	=	quantificadores
Rec	=	recíproco
Refl	=	reflexivo
Rel-	=	relacional
Rcompl	=	ação recentemente completada
Rog	=	rogativo
RV	=	raiz verbal
Sa	=	sujeito de verbo ativo
S _{Der}	=	sujeito derivado
S _{io}	=	sujeito de marcação não-canônica
So	=	sujeito de verbo descritivo
SS	=	sujeitos idênticos
Voc	=	vocativo

Lista de quadros

Página

Quadro 1:	Grupos etários e faixa de idade aproximada	3
Quadro 2:	Inventário fonológico do Parkatêjê: consoantes	10
Quadro 3:	Inventário fonológico do Parkatêjê: vogais	10
Quadro 4:	Prefixos relacionais com os nomes	20
Quadro 5:	Pronomes livres e dependentes	25
Quadro 6:	Pronomes livres	25
Quadro 7:	Elementos pronominais em suas funções sintáticas	26
Quadro 8:	Pronomes demonstrativos	28
Quadro 9:	Formas interrogativas	35
Quadro 10:	Tipos de verbos S _{io} existentes em Parkatêjê	48
Quadro 11:	Características básicas dos verbos intransitivos em Parkatêjê	49
Quadro 12:	Prefixos relacionais com os verbos	50
Quadro 13:	Formas estendidas e não-estendidas de alguns verbos	58
Quadro 14:	Combinação das partículas de tempo e aspecto	69
Quadro 15:	Posposição	70
Quadro 16:	Advérbios locativos	73
Quadro 17:	Advérbios temporais	74
Quadro 18:	Orações intransitivas simples	83
Quadro 19:	Orações transitivas simples	84
Quadro 20:	Características de predicados não-verbais	87
Quadro 21:	Marca de <i>switch-reference</i>	95
Quadro 22:	Paradigma de um verbo ativo e de um verbo não-ativo	98
Quadro 23:	Cisão condicionada pela natureza semântica do verbo	99
Quadro 24:	Ocorrência dos verbos e dos elementos pronominais	99
Quadro 25:	Cisão condicionada por TA(M)	101
Quadro 26:	Elementos pronominais – Função x Forma verbal	102
Quadro 27:	Elementos pronominais singular – Função x forma verbal	103
Quadro 28:	Elementos pronominais plurais	105
Quadro 29:	Termos de classe	114
Quadro 30:	Termos de classe para alguns itens da fauna	115
Quadro 31:	Estrutura de uma construção serial verbal	118

INTRODUÇÃO

1. Considerações sobre o povo e sobre a língua Parkatêjê

A língua Parkatêjê, falada atualmente em duas aldeias, ambas localizadas no município de Bom Jesus do Tocantins, sudeste do estado do Pará, trinta quilômetros ao sul de Marabá, é uma língua da família Timbira, pertencente ao tronco Macro-Jê, família Jê (Rodrigues, 1999:167). A aldeia 'original' em que habitava toda a comunidade - conhecida como Área Indígena Mãe Maria ou Kupêjipokti, entre os índios, - fica no km 30 da rodovia BR 222, enquanto a outra aldeia fica no km 25 da mesma rodovia.

De acordo com a antropóloga Iara Ferraz (em comunicação pessoal), Parkatêjê é uma forma de denominação de vários grupos. Assim, neste trabalho, estarei me referindo ao povo assim conhecido, independentemente dos grupos que o formaram, conforme será visto a seguir.

O povo que vive nas duas aldeias - cerca de quatrocentas pessoas¹ - é considerado "remanescente"² de três grupos que viveram naquela região: os Rôhokatêjê ('turma' do Cocal), os Kyjkatêjê (grupo da Ladeira Vermelha ou 'turma' do Maranhão) e os Akrâtikatêjê ('turma' da Montanha). A língua indígena, no entanto, é falada por somente 10% dessa população de mais ou menos quatrocentas pessoas.

A atual situação sociolinguística dos Parkatêjê reflete a história desse povo, sua saga, sua sobrevivência na floresta, suas lutas internas, bem como as inúmeras epidemias, que quase os dizimaram completamente. A junção dos três grupos em uma só aldeia está relacionada à história comum de disputas internas - uma das causas era a posse de seu território tradicional, que sempre foi alvo de desavenças - e de disputas com os não-índios que viviam em derredor; mas também à existência de várias facções - a seu próprio modo de ser (cf. Ferraz, 1998; Arnaud, 1975).

De acordo com Ferraz, "a aproximação definitiva em relação aos *kupê* - 'os cristãos'; 'civilizados' ou simplesmente 'outros' - foi "a única possibilidade de sobrevivência física para os componentes do grupo do Cocal, localizado, então nas cabeceiras do rio Praia Alta, no município de Itupiranga." (cf. Ferraz, 1993:22)

Ainda segundo a referida pesquisadora e de acordo com os relatos dos próprios índios, após a morte do chefe político desse grupo, Krôhokrenhũm, um jovem cantor naquele tempo, decidiu ir ao encontro dos não-índios, para, "logo em seguida, antecipar o fim". (cf. Ferraz 1993:22). Naquele momento, o grupo não tinha mais que vinte componentes, a maior parte dos quais era constituída por crianças e adolescentes - entre cinco e dezesseis anos de idade (seis mulheres e sete homens), que foram entregues à famílias de comerciantes e funcionários públicos em Itupiranga e em Marabá, por intermédio do dominicano Frei Gil Gomes Leitão, vinculado à Prelazia de Marabá, por decisão do jovem Krôhokrenhũm, que naquele momento estava convencido de que o fim era sobranceiro.

Os mais velhos foram levados para o Posto Indígena Mãe Maria, por volta de 1964, graças à atuação do SPI, após cerca de quatro meses de estadia num barracão da Prefeitura em Itupiranga, onde eles sobreviveram prestando serviços à comunidade local, tais como,

¹ Não há nenhum censo recente, mas tal informação consta dos relatórios da administração da Associação Indígena "Amjiptar kaxuwa", que funciona na aldeia Kupêjipokti (Reserva Mãe Maria) no km 30.

² Ferraz (em comunicação pessoal) chamou-me a atenção para o fato de esta 'concepção' de tratá-los como "remanescentes" ser oriunda do Estado, do SPI, da FUNAI, podendo ser verificada nos trabalhos de Arnaud. Em contrapartida, Ferraz discute, em sua tese de doutorado datada de 1998, exatamente as manifestações de identidade e cultura que acabam sendo "sobrevivências culturais".

carregar água, cortar lenha (cf. Ferraz, 1993). Além disso, ainda de acordo com Ferraz (em comunicação pessoal), “a exploração da castanha foi o motor para muitas remoções forçadas”.

O grupo Akrātikatêjê, também bastante reduzido, fixou-se às imediações da cidade de Tucuruí, onde hoje existe a barragem da usina hidrelétrica. E o terceiro grupo, os Kyikatêjê, refugiou-se às proximidades da cidade de Imperatriz do Maranhão, a montante do rio Tocantins.

A reunião desses três grupos em um único deu-se nos anos 70. Em 1969, os Kyikatêjê foram levados para a área Mãe Maria pela FUNAI.

Quando a professora Leopoldina Araújo iniciou seu trabalho de pesquisa com a língua, em 1974, havia dois grupos no Posto: os que se autodenominavam Parkatêjê (Rôhokātêjê e Akrātikatêjê), que constituíam a ‘turma’ de baixo (tendo como referência o rio Tocantins) ou grupo do Trinta (assim chamado por estarem vivendo no quilômetro 30 da rodovia PA-70); os Kyikatêjê, que significa ‘turma’ de cima (do rio Tocantins), grupo constituído pelos índios que habitavam a Ladeira Vermelha, também conhecido como grupo do Maranhão, por ter vivido em uma região limítrofe entre esse Estado e o Estado do Pará.

Segundo Araújo (1977:7), àquela altura, o grupo dos Kyikatêjê era ainda quase completamente monolíngüe – o que os diferenciava bastante dos Parkatêjê, que já falavam maciçamente a língua portuguesa. Araújo, que realizou seu trabalho de pesquisa lingüística no período de 1974 a 1977, relata que já eram notáveis as mudanças nas atitudes desse último grupo tanto com relação à sua língua quanto com relação à sua cultura propriamente dita. Naquela época, de acordo com a pesquisadora, tornou-se evidente um movimento no sentido de revalorizar o idioma e a cultura, marcado também pelo fato de os índios terem assumido sozinhos o controle da atividade de comercialização da produção de castanha, independentemente do órgão tutelar (cf. Araújo, 1977:8). Para Ferraz (1993:30), o líder Krôhokrenhûm retomava seu projeto de recuperação do grupo.

No ano de 1980, tendo morrido o último chefe tradicional dos Kyikatêjê, esse grupo incorporou-se finalmente ao dos Parkatêjê, passando todos a serem reconhecidos como constituindo a razão social “Comunidade Indígena Parkatêjê”, principalmente por motivos de ordem econômica, já que eles começavam a administrar a produção de castanha sozinhos, embora no seio da comunidade estivesse claro quem era quem, ou seja, a que grupo cada indivíduo pertencia.

Se por um lado, a junção dos dois grupos em uma única “Comunidade” e a independência em termos econômicos foram fatos positivos, por outro, o contato com a sociedade envolvente repercutiu muito nessa cultura. As crianças não estão aprendendo o Parkatêjê como sua primeira língua, mas sim o português. Isso coloca o Parkatêjê em uma situação de risco, sobretudo se se considerar que somente cerca de 10% dos adultos falam a língua indígena (cf. Crystal, 2000:19, para sintomas de línguas em perigo de extinção). A junção dos dois grupos favoreceu o aumento populacional, que, por sua vez, possibilitou a recuperação dos sistemas de metades rituais (Pân ‘arara’ x Hāk ‘gavião’ – metades existentes nas cerimônias do grupo) que estavam em franco declínio pela falta de representantes. (cf. Araújo, 1989).

Os membros da primeira geração - geração mais velha - ainda falam a língua majoritariamente, principalmente quando estão em interação com índios da mesma faixa etária, em suas atividades diárias. Porém, também usam a língua portuguesa quando em interação com os filhos, com os netos e bisnetos, ou com os *kupê*³ que vivem na aldeia, seja como trabalhadores, seja como “parentes”, devido aos casamentos interétnicos.

Os membros da segunda geração falam tanto o português quanto o Parkatêjê, tendendo a falar cada vez mais o português, e a terceira geração fala basicamente o português, demonstrando até mesmo um certo desinteresse em aprender o Parkatêjê, por ver o restabelecimento da língua à luz da seguinte linha de pensamento: “para que vou aprender a

gíria⁴, se nos meus estudos o que vai valer é o português?”. Vê-se aí o que Ferraz (em comunicação pessoal) chama de “aprendizado do português reforçado e estimulado pela escola e pela política integracionista da FUNAI”. O quadro abaixo mostra as gerações e a faixa de idade aproximada de cada uma delas:

Quadro 1: Gerações e faixa de idade aproximada⁵

Geração	Idade
1ª	50-70
2ª	30-49
3ª	00-29

Na verdade, as gerações subseqüentes à primeira, a meu ver, vivem uma grande crise de identidade, e essa crise tende a ser maior, conforme os índios se afastam das atividades tradicionais, de sua cultura e da língua de seus pais. Em determinados momentos, eles se consideram índios plenamente. Em outros, hesitam, visto que a linha tênue que os separa dos *kupê* fica quase apagada em situações cotidianas de interação com estes, seja na escola fora da aldeia, seja na própria aldeia. No fundo de toda essa questão, está o sentimento de desvalor impresso na ideologia que considera o “ser índio” e o falar uma língua indígena, minoritária, “primitiva”, algo que deve ser deixado de lado, que deve ser esquecido.

Posso ilustrar essa afirmação com um fato relatado por uma jovem senhora. Sua filha menor de seis anos, ao ver uma festa tradicional na aldeia, disse-lhe:

“- Puxa, mamãe, eu queria tanto ser índia que nem a vovó!” A mãe, então, perguntou: “- Mas tu não és índia, menina? O que tu és, então?”. Ao que a menina lhe respondeu: “- Eu sou *kupê*, mãe! Eu nem falo mais na *gíria*!”.

Além disso, a geração mais nova é notadamente mestiça, resultante da miscigenação de índios com não-índios, tanto mulheres quanto homens. Em todos os casos de filhos de homens não-índios, os pais (homens) não vivem na aldeia. Em contrapartida, as mulheres *kupê* que tiveram filhos com homens índios viveram ou vivem em uma das duas aldeias com seus maridos. Houve vários casamentos interculturais na aldeia não somente entre indivíduos dos grupos que deram origem à “Comunidade” em si, como também entre indivíduos de distintas etnias: Pykobiê, Tembê, Canela, Guaraní e não-índias. Algumas mulheres índias tiveram filhos com homens não-índios, não chegando a constituir família com eles. Tais ‘uniões’, entretanto, propiciaram um substancial aumento populacional na “Comunidade”.

A situação sociolingüística na área somente não se torna mais complexa porque a língua portuguesa é a língua usada majoritariamente. Essa língua hoje infiltra-se em todos os recônditos de interação social desse povo, servindo-lhe como instrumento de comunicação diária.

⁴ Gíria é um termo utilizado por várias etnias para designar sua língua indígena. O termo apresenta uma forte carga de desprestígio.

⁵ Ferraz (em comunicação pessoal) sugere que talvez fosse interessante explicitar o bilingüismo por “geração” e observa que se pode considerar a existência de quatro gerações, em vez de três – duas mais antigas e duas nascidas na Reserva Mãe Maria. Entretanto, dadas as limitações de tempo e o escopo deste trabalho, não detalharei essas questões. Concorro com a referida pesquisadora sobre o número de quatro gerações, mas preferi manter três somente, a fim de simplificar esta análise, visto que as duas gerações nascidas na aldeia Mãe Maria (Kupêjipokti, no km 30), aparentemente não apresentam muitas diferenças quanto ao seu grau de bilingüismo.

³ Kupê: denominação dos parkatêjê para os não-índios.

No ano de 1993, por iniciativa da “Comunidade”, foi iniciado um projeto de educação dentro da área, com o apoio da SEDUC (Secretaria de Educação do Pará) e da Companhia Vale do Rio Doce. As pesquisadoras Leopoldina Araújo (lingüista) e Iara Ferraz (antropóloga) foram convocadas pelo chefe tradicional para conduzir esse empreendimento.

Naquele ano, foi construído um prédio à parte para a escola. O projeto previa a escolarização de 1ª a 4ª séries primárias, com ensino em português e em Parkatêjê, isto é, tratava-se de uma escola bilingüe. Uma equipe de professores da SEDUC, ministrantes das disciplinas língua portuguesa, matemática, estudos gerais e ciências, assistiu a vários cursos de formação com diferentes professores das áreas específicas, visto que o projeto visava à interdisciplinaridade, ao trabalho conjunto intensivo e extensivo das disciplinas. O projeto previa, exatamente por essa razão, uma escola diferenciada da escola dos não-índios.

A escola funcionou por quatro anos e incentivou mudanças positivas, ainda que não suficientes, no que se refere à preservação da língua e da identidade étnica. Houve grande evasão, sendo a crítica principal a esse projeto a de que “a escola não era igual à dos *kupê*, dos não-índios”. Apesar de todos os entraves, oito índios concluíram o curso de 1º grau com sucesso. Inúmeros deles continuaram seus estudos, dois deles estando em vias de prestar vestibular no presente momento.

Os parkatêjê enfrentam as novas situações que a eles se impõem no dia-a-dia com seu jeito particular de ser. Em sua filosofia, o importante é a ‘tentativa para ver se vai dar certo’. É sempre preciso tentar primeiro. Assim sendo, o projeto da escola, visto por essa ótica, foi uma primeira tentativa de escolarização bilingüe. Após quatro anos de trabalho, em razão do falecimento do irmão mais moço do chefe, maior incentivador e idealizador da escola, o chefe solicitou que o projeto parasse, a fim de que fosse avaliada a sua utilidade, necessidade, desempenho, entre outros pontos. Permaneceram funcionando somente as chamadas séries fundamentais, incluindo as aulas de Parkatêjê, ministradas por dois falantes nativos da língua, Piare e Payaré.

Após quatro anos sem aulas na escola, novamente a ‘Comunidade’ solicitou à SEDUC/Pará a reativação da escola, que atualmente conta com uma equipe de professores não-índios para o ensino de 5ª a 8ª séries, e com quatro professores indígenas que lecionam da 1ª à 4ª séries do ensino fundamental. A escola agora está funcionando em ritmo *kupê*. Uma outra tentativa...

Outros fatores concorreram para alterar a situação lingüística da ‘Comunidade’ como um todo, entre eles destacam-se: (i) a construção da rodovia BR-222 (antiga PA-70), através da qual a cultura ocidental adentrou os núcleos familiares; (ii) o uso da televisão e do rádio, em consequência da chegada da energia elétrica, bem como o confronto com a Eletronorte por causa da passagem das linhas de transmissão, cortando a reserva, o que mudou radicalmente muitos outros dos antigos hábitos e costumes dos Parkatêjê, como, por exemplo, a utilização dos igarapés para os vários banhos diários, já que a água passou a ser retirada de um poço artesiano e encanada para todas as casas da aldeia.

Cada um desses fatores, isoladamente, não constitui, de fato, um motivo para as mudanças que ocorreram na ‘Comunidade’. Entretanto, olhá-los em conjunto propicia um quadro bastante elucidativo acerca das questões sociolingüísticas hoje vividas pela Comunidade Indígena Parkatêjê, como, por exemplo, a substituição da língua nativa pela língua portuguesa.

Por outro lado, a reunião dos grupos em um único assegurou um contexto em que o desejo de ver o povo aumentar, falar sua língua e vivenciar sua cultura tornou-se o anseio de todos. Todavia, embora os grupos que constituíram a grande ‘Comunidade Parkatêjê’ tenham convivido por quase trinta anos em um só local, as diferenças entre eles nunca deixaram de existir, ainda que não tenham representado um grave problema. De fato, uma das reivindicações dos Kyikatêjê, o grupo do Maranhão, sempre foi possuir uma terra sua.

Em julho de 2001, um conflito entre o chefe tradicional e um jovem líder acarretou uma crise na ‘Comunidade’, que acabou resultando em uma nova cisão. Um ciclo se fecha,

outro se abre. Assim, o grupo do Maranhão hoje vive no km 25, enquanto os outros permanecem no km 30, muito embora tenha havido muitos casamentos entre os descendentes de ambos os grupos.

2. Conhecimento cultural

Os Parkatêjê são conhecidos como índios castanheiros e a influência da castanha-do-pará pode ser sentida em todos os planos da cultura desse povo. Na culinária, por exemplo, há pratos salgados e doces, cuja base é a castanha-do-pará. Entre eles, o jabuti no leite de castanha, o *kôtay*⁶, que é um suco de cupuaçu com leite de castanha. Muito da culinária usada atualmente foi aprendido com os regionais, principalmente as iguarias cozidas. Na Reserva, ainda é possível caçar pacas, tatus, antas, porcos-do-mato e aves, tais como arara, tucano, gavião, pegar peixes como o tamuatá, o poraquê e o mandi. Assim, é possível cozer todas as carnes de caça, bem como peixes no leite de castanha.

Os Parkatêjê também comem freqüentemente o kuputi, um bolo de massa de mandioca ou de milho, que pode ser recheado com as mais diversas carnes de caça. O kuputi é enrolado em folhas de guarumã e assado numa espécie de forno feito com pedras, as quais são cobertas com terra e palha. O fogo é aceso por sobre as palhas secas. Há um tipo de kuputi, que é feito com o milho ralado, misturado com a castanha-do-pará também ralada, sem nenhuma adição de sal ou de açúcar. Eles também comem a *kwyrkô*, a macaxeira molhada, que é a macaxeira preparada da seguinte forma: eles colhem a macaxeira e deixam-na de molho no rio por um dia e uma noite inteiros. Após isto, a retiram-na do molho e a descascam, despedaçando-a em pequenos filetes. A lém da castanha-do-pará, e les também consomem bastante o mendoim nativo.

Como outros povos da família lingüística Jê, os Parkatêjê têm uma concepção de mundo centrada em si mesmos e bastante arraigada na concretude desse mesmo mundo. Tal concepção pode ser compreendida a partir da visão “nós”, referidos quase sempre por palavras com os formativos *mê* ou *por jê*, cujo sentido básico é ‘gente’, no caso, ‘índios’.

Como não se conhece o período anterior ao contato e a vida cerimonial plena desses povos, não se pode afirmar quase nada sobre os aspectos da mitologia e das práticas xamanísticas por eles utilizadas, muito embora ainda sobreviva a figura do pajé, do curandeiro na cultura deles. Também, é possível se ouvir as histórias sobre a criação do mundo em que os personagens centrais são o Sol e a Lua. Nessas narrativas, o Sol e a Lua eram companheiros inseparáveis, e a Lua, audaciosa, invejosa e atrapalhada, teimava em imitar o Sol e suas atividades, provocando quase sempre acidentes, cometendo erros por conta de seus descuidados atos. Os parkatêjê deixam bem claro que “eles eram dois, não eram casal”. Após inúmeros problemas causados pelos erros da Lua, eles decidiram separar-se, o Sol muito zangado com a Lua. Essa separação foi o que deu origem ao dia e à noite.

Há ainda a história da criação de todos os tipos de vegetais e frutos comestíveis. Segundo esse mito, todos os vegetais nasciam em uma mesma árvore muito frondosa. Havia, porém, uma regra para a colheita desses vegetais: eles deveriam ser colhidos de acordo com as necessidades diárias, isto é, não era necessário armazenar os alimentos. Mas, por causa da ganância de alguns índios, que teimaram em tirar mais vegetais do que precisavam um certo dia, a divindade deles decidiu destruir a grande árvore, fazendo cada tipo de vegetal nascer de sua árvore específica, em diferentes períodos do ano, a partir desse episódio.

Contam ainda histórias acerca da origem dos diferentes animais, os quais nada mais são que índios antigos que viviam na Terra. Um dia, os índios estavam passeando e vários

⁶ *kôtay* é a palavra para designar cupuaçu, entretanto, por extensão, os parkatêjê usam o termo para referir-se ao suco do cupuaçu batido no leite de castanha.

⁷ Os morfemas *jê* e *mê* são encontrados na denominação de outros povos Jê.

deles sofreram transformações, de acordo com certas características pessoais. Por exemplo, alguns deles gostavam de andar em bandos, então foram transformados em porcos, porque os porcos também gostam de estar em bandos. Alguns deles não queriam mais ser índios, logo foram transformados em *kupê*, por isso certos *kupê* (como é o meu caso, enfatizado por eles) têm o cabelo tão liso quanto o cabelo dos índios.

Um outro mito explica a origem do fogo, que pertencia primeiramente à Onça, a qual, ludibriada por um grupo de índios, passou a comer carnes cruas, enquanto eles passaram a comer seus alimentos assados ou cozidos.

Da formação geográfica da área, pouco tive oportunidade de saber, a não ser que a área era muito maior que a área atual (o que é um fato comum, em se tratando de terra indígena). Além disso, obtive informações que considero relevantes para futuras investigações interdisciplinares e para o conhecimento desse povo. Uma delas está representada em um mapa desenhado pelo chefe com meu auxílio que mostra se não toda, uma grande parte da bacia hidrográfica da área de seu território tradicional, incluindo aldeias antigas, aldeias temporárias utilizadas somente para ‘pernoites’, cada local com a toponímia em língua indígena. Esse material está em processo de digitalização a fim de possa ser reproduzido em edição bilíngüe, a fim de poder circular como documentação lingüística e histórica.

Das várias cerimônias que antigamente eram realizadas como, por exemplo, a Festa do Pêmp, poucas ainda subsistiram.

A Festa do Pêmp é o ritual de iniciação dos meninos no universo masculino. Esses (pré-)adolescentes, na faixa etária de 10 a 14 anos, ficam durante cerca de três meses separados em um acampamento no mato, aprendendo a caçar os diferentes tipos de animais, aprendendo a pescar, aprendendo a observar a natureza e a compreender seus segredos, mistérios e sinais sobre o bom tempo para plantar, colher, obter determinados tipos de palha, madeira para a confecção de casas, entre outras atividades. Em outras palavras, eles aprendem a forma pela qual devem se portar como homens, guerreiros vitoriosos. Vários tabus e estão ligados a esse ritual de iniciação. Um deles bastante sério diz respeito à ingestão de certos alimentos proibidos nesse período, como a carne do jabuti preto. A ingestão dessa carne pode mesmo levar os adolescentes à morte, segundo o tabu.

Um outro ritual que voltou a ser realizado é o da furação de beijo, o qual é feito nos rapazes por volta dos quinze anos de idade, com um osso fino de veado, pelos experientes pajés da aldeia.

Os parkatêjê também crêem em *mêkarôn*, os espíritos, os que podem ser bons ou maus. No que se refere à religiosidade, pode-se perceber a imensa influência que as crenças de fundamento cristão têm ou tiveram sobre a cultura desse povo⁸.

Os parkatêjê possuem os sentidos da audição e da visão muito apurados. Suas descrições são bastante precisas, não sendo próprio de sua cultura expressar-se com ambigüidades ou falta de exatidão. São extremamente observadores e prestam muita atenção a detalhes de forma, localização e direção, o que pude experimentar em minha convivência diária com eles no decorrer de minhas estadas na aldeia. Tais detalhes podem, por exemplo, ser percebidos no conjunto bem como no uso das posposições na língua. A partir da compreensão desse ‘saber ouvir e observar’, podem ser aprendidos todos os modos de bom comportamento na aldeia ou no mato.

Uma dessas regras de bom comportamento diz respeito ao “não andar sozinho” de forma alguma. Um dos mitos contados pelos parkatêjê é a história de uma índia que teimou em andar sozinha no mato e foi engolida por uma cobra. A moral dessa história é também que, se estamos sozinhos, podemos não perceber todas as nuances dos perigos que nos rodeiam; ao contrário, se estamos em dupla ou trio, fica mais fácil observar todos os sinais ou perigos existentes na natureza circundante. Tudo na aldeia é realizado em dupla ou em

parceria, com um “companheiro”, como eles dizem. O jogo de flechas é em dupla; no mito da criação, o Sol e a Lua são parceiros. Enfim, estar acompanhado é uma das regras de ouro do bom comportamento parkatêjê.

Para expressar os números, há poucas palavras em Parkatêjê. De fato, eles contam até três. Daí até dez, o que se tem é uma combinação dos três numerais, talvez já criada pelos mais novos, motivados pelo contato com a nossa sociedade. Eles distinguem genericamente as quantidades ‘um’, ‘pouco’ e ‘muitos’, o que, a meu ver, pode ser observado claramente em seu sistema pronominal, bem como no uso de palavras para quantificar, o que será discutido no capítulo sobre classes de palavras.

O conceito de posse dos Parkatêjê é bem diferente do ocidental, e isso pode ser atestado na estrutura da locução genitiva, bem como nos diferentes tipos de nome que variam conforme a categoria de posse - nomes não-possuíveis, nomes alienável e inalienavelmente possuídos.

Um exemplo do conceito de posse refere-se à caça. Se um homem vai para o mato caçar, o que ele conseguir pegar nunca será seu. Ao contrário, ele vai caçar para os outros, um amigo, um parente, sendo mesmo proibido que ele coma daquilo que conseguiu trazer para a aldeia. Ao chegar da caçada, ele deixará o animal capturado no centro do pátio ou ainda em frente da casa da pessoa escolhida para receber aquele “presente”. O dono da casa e seus parentes devem, então, receber o “presente”, e o recebedor fica “devendo” um outro “presente” àquele que lhe ofereceu a caça, o qual lhe será “pago” tão logo seja possível. Nesse esquema, é possível um amigo declarar ao outro seu desejo de comer carne de paca ou de tatu, por exemplo. Os termos que eles utilizam para referir-se aos animais caçados são nomes não-possuídos, expressando assim claramente que aquilo que conseguem obter como produto de caça ou de colheita não lhes pertence. É evidente que alguns, talvez, por influência da sociedade envolvente, já aceitam certas construções de posse contendo nomes de animais oriundos de caçadas e nomes de frutos provindos de colheita, mas a grande maioria usa a forma não-possuída.

Há inúmeras regras de evitação entre os parkatêjê, embora atualmente os mais velhos se queixem muito da não obediência dessas regras pelas gerações mais novas, muito influenciadas pelos conceitos e costumes ocidentais.

As regras preferenciais de matrimônio estão ligadas ao sistema de nomeação (nomação, para os antropólogos, segundo Ferraz - em comunicação pessoal) e, por isso, poder-se-ia dizer que o casamento entre eles era “arranjado”, isto é, os pais se encarregavam de dar sua filha em casamento a um rapaz mais velho do que ela, que já soubesse caçar e pudesse sustentar uma nova família e que no tempo determinado viria morar com os sogros em sua casa. Durante o período de noivado, o genro passava a dormir com a noiva, sem ter relações sexuais, a fim de que ambos se “acostumassem” um com o outro. Mais tarde, após estarem acostumados e após o ritual do casamento, as relações sexuais eram liberadas. Atualmente não estão mais ocorrendo casamentos dessa forma, visto que os índios estão namorando e casando ao modo *kupê*, isto é, eles escolhem um par, namoram e casam, embora ainda seja possível ouvir que “fulana estava prometida para o sicrano”, ou que “pela lei do índio, o marido da Fulana era o Fulano, mas ela (ou ele) casou com a Sicrana”.

Outra regra de evitação proibia o genro ou a nora de conversarem com o sogro ou com a sogra. Se a sogra ou o sogro quisesse obter um favor desses parentes, deveria pedi-lo por intermédio de uma terceira pessoa, nunca diretamente. O genro ou a nora deveria realizar aquilo que lhe foi solicitado.

O sistema de nomeação (ou nomação), de acordo com Ferraz (em comunicação pessoal), é central na organização social dos grupos Jê-Timbira. Quando nasce uma criança, seu nome lhe será dado por uma irmã paterna, se menina, ou por um irmão materno, se menino. O nome é sempre uma qualidade (boa ou má) do nomeador. Por exemplo, “aquela que chora por qualquer coisa”, ou “aquele que é bom de corrida de tora”, ou ainda “aquele que, quando fica bravo, não come”. (cf. Araújo e Ferreira, 2001). Juntamente com o nome, a

⁸ No dia de finados do ano de 2001, pude ver muitos parkatêjê acenderem velas no cemitério indígena, talvez apenas para ‘seguir’ a tradição local dos regionais circunvizinhos.

criança recebe por herança seu credenciamento à mesma metade ritual à qual pertence o seu nomeador – *hàk* “gavião” ou *pàn* “arara”, bem como a categoria à qual pertencerá na Festa do Tep – lontra, peixe ou arraia. Pertencer a essas categorias implica usar determinado tipo de pintura corporal nas festas rituais. Além disso, uma menina nomeada por uma mulher é também esposa, em potencial, do marido de sua nomeadora. Tudo indica que se trata de um princípio organizacional da comunidade, que, a meu ver, deve remontar às gerações mais antigas e que subsiste até hoje.

O nomeado recebe de seu nomeador todos os seus amigos formais, os quais serão exatamente os mesmos de seu nomeador – os *krixwya*, termo vocativo usado pelas mulheres para chamar os amigos formais do sexo masculino e *hàpynire*, usado pelos homens para chamar as amigas formais.

Os amigos formais devem ser respeitados, o que significa dizer que também entre eles há regras de evitação. Amigos formais não podem conversar, não podem sequer olhar-se diretamente nos olhos. Se um vem por um caminho e o outro o avista, ao longe, deve desviar-se do caminho tão logo seja possível. Podem até estar num mesmo ambiente, se assim for inevitável, mas todo e qualquer contato, mesmo que somente visual, fica proibido, sob pena de morte por desrespeito a essa regra.

Conforme descrito pelos Parkatêjê, um amigo formal é um grande bem que uma pessoa pode ter. Alguém que tem muitos amigos formais é sobremaneira afortunado, pois eles tudo farão pelo bem-estar do seu amigo. Um dos exemplos que me foi dado é o seguinte: um marido enraivecido briga com a esposa e, num acesso de raiva, diz que vai matá-la; o *krixwya* / *hàpynire* do marido é a única pessoa que pode salvar a esposa, visto que, tão logo ele entre na casa, ou chegue ao lugar onde o casal esteja, o marido largará a mulher e a deixará em paz, pois não pode encarar o *krixwya* / *hàpynire*, sob pena de adoecer gravemente e até mesmo morrer.

Se um *krixwya* / *hàpynire* de alguém adoecer, seu(s) amigo(s) formal(is) deverá(ão) cantar no pátio⁹, faça sol ou faça chuva, até que seu amigo formal se recupere plenamente; ou ainda deverá(ão) passar pelo mesmo processo que levou o *krixwya* / *hàpynire* a adoecer, como, por exemplo, comer determinado alimento da mesma forma, que levou o amigo formal a sentir terríveis dores de barriga, ou tomar banho de rio até ficar tremendamente resfriado tal qual seu amigo formal.

Não é permitido que uma moça ou um rapaz se case com alguém que foi nomeado por um de seus pais, pois, nesse caso, eles estarão cometendo incesto. O nomeado é pai ou mãe em potencial dos filhos de seu nomeador.

Há ainda algumas proibições vigentes na comunidade, como, por exemplo, a de caçar, para um homem que está com um de seus parentes adoentado. Os parkatêjê acreditam que, se alguém com um parente doente matar um animal no mato, essa pessoa estará matando o seu próprio parente. Da mesma forma, se um determinado inseto ou outro animal entra em uma casa, não se deve matá-lo, pois certamente aquele bicho é um parente falecido que está em visita aos parentes e amigos.

3. Estudos sobre a língua

Conforme já mencionado, o Parkatêjê é uma língua Timbíra, do tronco lingüístico Macro-Jê. Devido à falta de estudos descritivos mais consistentes e detalhados sobre os vários aspectos dessa língua, ela tem sido considerada uma das partes de um conjunto de línguas referido por Rodrigues (1999:167), como o Apaniêkra, o Ramkókamekra, o Krahô, o Pykobiê (também conhecido como Gavião do Maranhão), o Krenye e o Krikati. A esse conjunto de línguas tem-se chamado “complexo dialetal Timbíra”. Em diferentes graus, essas línguas são

inteligíveis entre si. Assim, por exemplo, o chefe Parkatêjê afirma que, nas visitas bastante frequentes a distintas aldeias Krahô para participar de festas desse povo, cada um fala a sua própria língua, podendo todos, contudo, se comunicar entre si. Também índios Krahô, de diferentes aldeias, afirmam poder comunicar-se com os parkatêjê falando sua língua.

Há uma lista de palavras e orações simples, que teria sido gravada e transcrita por Patricia Ham, do SIL (Summer Institute of Linguistics). A lista, segundo informações nela escritas, teria sido gravada com Piare, um de meus auxiliares de pesquisa, na aldeia da Montanha, quando ele ainda tinha vinte anos de idade. Ele afirma que não se lembra desse trabalho. No ano passado, entrei em contato com Patricia Ham via e-mail, a pedido de Piare, o qual gostaria de obter uma cópia da fita, para comprovar se ele teria realmente feito a gravação, mas ela me informou que a fita já não mais existe nos arquivos do SIL. À exceção dessa lista, Ham nada escreveu sobre a língua Parkatêjê.

Os primeiros e únicos trabalhos lingüísticos descritivos feitos sobre a língua Parkatêjê são os da Profa. Dra. Leopoldina Araújo de 1977 e de 1989, além de outros trabalhos menores, bem como os da autora desta tese.

O primeiro trabalho de Araújo intitulado “Semântica gerativa da língua gavião-jê” é uma dissertação de mestrado, apresentada ao Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da Universidade Federal de Santa Catarina, feita à luz da Teoria Gerativa, cujo modelo, na época, postulava as transformações que geravam estruturas diferentes para as orações dependendo de algumas de suas características. O trabalho apresenta, em um dos anexos, uma análise, de base *pikeana*, de aspectos da fonética e da fonologia segmental da língua. Essa análise fundamenta a proposta, incluída na dissertação, de uma ortografia prática¹⁰ para a língua, a qual é atualmente usada pelos parkatêjê.

O segundo trabalho de Araújo, datado de 1989, é sua tese de doutoramento, intitulada “Aspectos da língua gavião-jê”, que foi apresentada à Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A tese apresenta, em seu primeiro volume, uma caracterização geral da língua de acordo com os postulados tipológicos de Greenberg (1966) e Lehmann (1973). O trabalho traz um esquema geral das classes de palavras da língua, com ênfase na classe de nomes e em alguns aspectos morfológicos concernentes a estes. Alguns aspectos das orações independentes foram apresentados em 1977 e em 1989, a partir de diferentes visões teóricas, já que o primeiro trabalho era de cunho gerativista e o segundo, uma descrição tipológica. O segundo volume da tese foi dedicado ao vocabulário que constitui a base do dicionário da língua a ser apresentado, em breve, por Araújo.

Comparando alguns dados do Parkatêjê com dados do Canela-Krahô (Popjes e Popjes, 1986), pode-se dizer que, além de diferenças lexicais, há também diferenças fonológicas e sintáticas entre essas línguas, as quais poderão ser esclarecidas com futuros estudos.

Os membros do ‘complexo dialetal Timbíra’ não contam ainda com estudos mais detalhados de seus aspectos gramaticais e não há trabalhos histórico-comparativos que abordem essas línguas, devido à falta de descrições. Os trabalhos comparativos mais conhecidos envolvendo línguas Jê são os de Davis (1966 e 1985), os quais não incluem nenhum membro do mencionado ‘complexo Timbíra’.

⁹ Pátio: lugar onde os homens se reúnem para conversar todas as noites sobre problemas cotidianos da aldeia ou mesmo para contar histórias antigas.

¹⁰ Essa ortografia foi publicada em 1993, numa coletânea de textos sobre educação indígena no Brasil. (cf. Seki, 1993)

4. Características gerais da língua em relação às outras línguas do tronco

Neste item, apresento sucintamente algumas características gerais da língua Parkatêjê face a outras línguas do tronco Macro-Jê. As características morfofônicas aqui abordadas serão descritas e analisadas com maiores detalhes no corpo do presente trabalho.

Segundo Araújo (1977), o Parkatêjê possui um sistema fonológico típico de línguas Jê, em que as vogais predominam sobre as consoantes, isto é, há mais vogais que consoantes na língua.

São vinte e sete fonemas, divididos em dezesseis vogais, e somente onze consoantes. Das consoantes, cinco são oclusivas surdas, com pontos de articulação bilabial /p/, alveolar /t/, alveopalatal /tʃ/, velar /k/ e glotal /ʔ/; duas são nasais, com pontos de articulação bilabial /m/ e alveolar /n/; uma é fricativa, com ponto de articulação glotal /h/; três são aproximantes, com pontos de articulação labiovelar /w/, alveolar /r/ e palatal /y/. Das dezesseis vogais, nove são orais e sete são nasais. As duas séries contrastam, articulatoriamente, na posição da língua: anterior, média e posterior. As orais são /i/, /ɛ/, /u/, /e/, /ɛ/, /a/, /o/, /ɔ/ e /u/; as nasais, /ĩ/, /ĩ/, /ũ/, /ẽ/, /ẽ/, /õ/ e /õ/. As posteriores são arredondadas e as anteriores são não-arredondadas. A série oral contrasta em três alturas: alta, média e baixa, já a série nasal contrasta somente em duas alturas: alta e não-alta.

Os Quadros 2 e 3, abaixo, ilustram a ocorrência dos sons consoantes e vogais da língua:

Quadro 2: Inventário fonológico do Parkatêjê: consoantes (cf. Araújo, 1977:124)

	Oclusiva	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Bilabial	/p/	/t/	/tʃ/	/k/	/ʔ/
Nasal	/m/	/n/			
Líquida		/r/			
Semiconsoante	/w/		/y/		/h/

Quadro 3: Inventário fonológico do Parkatêjê: vogais (cf. Araújo, 1977:124)

	Anterior		Central		Posterior	
	oral	Nasal	oral	nasal	oral	nasal
Alta fechada	/i/	/ĩ/	/ɛ/	/ẽ/	/u/	/ũ/
fech.	/e/	/ẽ/	/ə/	/ẽ/	/o/	/õ/
Média abert.	/ɛ/		/ɛ/		/ɔ/	
Baixa aberta			/a/			

Alguns aspectos e fenômenos comuns em línguas Jê são também correntes em Parkatêjê. O Parkatêjê é uma língua posposicional, em que a ordem básica dos constituintes nas orações declarativas simples/independentes é predominantemente Sujeito-Objeto-Verbo. O genitivo precede o nome.

Com relação às classes de palavras, menciono a distinção entre classes abertas e classes fechadas (Schachter, 1985). Em Parkatêjê, nomes, advérbios e verbos são classes abertas, enquanto as demais constituem classes fechadas.

Os nomes podem ser distinguidos com base em sua categoria de posse, isto é, há os nomes não-possuídos e os possuídos. Entre os possuídos, a distinção se dá na base da ocorrência dos prefixos relacionais e na ocorrência do nome alienável *õ*, que aparece somente com nomes alienavelmente possuídos.

Ao que tudo indica, a ocorrência de prefixos relacionais é também uma característica de línguas Jê. Popjes e Popjes¹¹ (1986), Dourado (1993), Borges (1995 e 1996), Santos (1997) e Salanova (1999) tratam do referido tema em Canela-Krahô, Panará, Kayapó, Suyá e Mëbêngokre, respectivamente. Além disso, Rodrigues (1990) sugere serem os prefixos relacionais um mecanismo muito antigo que pode ser tomado como uma evidência da relação genética entre línguas dos troncos Tupí, Carib e Macro-Jê.

O sistema pronominal da língua é basicamente constituído de duas séries de elementos: os pronomes livres e os pronomes dependentes.

Os verbos em Parkatêjê apresentam pelo menos duas formas. Ocupam a posição final na oração e constituem o núcleo da locução verbal. Seu sentido pode ser negado por *inũarẽ* ~ *inõrẽ* ou intensificado por *nĩrẽ* ou *-ti/-rẽ*, dependendo da natureza do verbo, se descritivo ou ativo, respectivamente; podem ser modificados por advérbios; podem constituir séries de verbos: (i) com sentido de causativização; (ii) com sentido de intenção; (iii) em locuções verbais intransitivas como, por exemplo, aquelas que apresentam verbos posicionais. As partículas relacionadas às categorias de tempo, aspecto e modo encontram-se ao longo do predicado, não sendo codificadas na raiz verbal. Os verbos descritivos podem aparecer como modificadores de nomes e como modificadores de verbos ativos.

As construções sintáticas em Parkatêjê são basicamente do tipo sujeito-predicado, mas é possível topicalizar o objeto de uma sentença levando-se este para a primeira posição na sentença, isto é, alterando-se a ordem canônica dos elementos na oração, a qual é Sujeito-Objeto-Verbo.

5. A Pesquisa

5.1. Corpus Utilizado

O corpus utilizado para a análise apresentada neste trabalho consiste em um conjunto de dados coletados por Araújo (em diferentes momentos de seu trabalho de pesquisa com a língua Parkatêjê), o qual me foi gentilmente cedido, e em um outro conjunto de dados reunido por mim.

O primeiro conjunto inclui: o longo texto mítico *Pyt mẽ kaxêr* (O Sol e a Lua) e o texto procedural *Hõpny krã* (sobre a feitura da roça, incluindo o ritual de confecção de peteca), ambos narrados pelo chefe *Krõhõkrenhũ*, transcritos na ortografia pela Profa. Leopoldina com o auxílio dos falantes nativos e publicados no livro didático *Conhecendo nosso povo*, editado pela SEDUC (Secretaria do Estado do Pará); dois textos procedurais, *Aikrepoti* (sobre a feitura da casa grande) e *Maguari* (sobre a confecção de cofos), ambos narrados por *Piare*; dois relatos – sendo um deles feito por *Kruwa*, sobre uma caçada, e o outro produzido por *Piare*, em que ele conta sobre um espinho que lhe entrou no braço; uma carta a mim endereçada por *Jõkãtýtĩrẽ*, o qual ditou o conteúdo que foi transcrito pela Profa. Leopoldina. Esse material foi conferido pelos auxiliares de pesquisa e posteriormente analisado.

O segundo conjunto de dados inclui: o relato de sonho feito por *Piare*, transcrito e analisado por mim; um texto de história de vida, parcialmente transcrito e analisado por mim,

¹¹ Popjes e Popjes (1986) apresentam uma análise alternativa para esse fenômeno. Eles propõem uma regra morfofonêmica geral. Rodrigues (1990) propõe a análise dos prefixos relacionais por meio de uma reinterpretação dos dados daqueles autores.

fornecido por Piare, de divulgação restrita; um texto narrativo, escrito por Payaré, verificado junto aos auxiliares de pesquisa e analisado por mim; dois diálogos informais entre mulheres. Há uma série de textos de vários tipos gravados e ainda em processo de transcrição.

Outros dados são itens lexicais e construções gramaticais de diferentes tipos, oriundos de elicitación formal, conseguidos durante a transcrição dos textos e da validação das hipóteses de análise. Há ainda dados obtidos durante a observação dos diálogos em contextos reais de interação verbal entre os índios e entre eles e as pesquisadoras (no caso, a Profa. Leopoldina e eu), como, por exemplo, alguns diálogos registrados no acampamento, formas de xingamento, maneiras de reclamar de alguém ou de erros durante o jogo de flechas. Em tais situações, eu tomei nota das ocorrências, bem como do contexto situacional, para em seguida testar os dados: ou usando-os em situações semelhantes àquelas em que haviam aparecido, ou no trabalho formal de coleta de dados.

5.2. Auxiliares de pesquisa

Como já foi dito anteriormente, os dois grupos que conviveram durante trinta anos na reserva Mãe Maria possuem dialetos que são inteligíveis entre si, mas diferem não se sabe exatamente em que grau, nem em que aspectos (se lexicais ou morfossintáticos ou ambos). Os próprios índios costumam enfatizar essas diferenças quando fazem afirmações do tipo “eles falam isso ou aquilo diferente de nós”.

Para o trabalho de obtenção dos dados lingüísticos, contei com o apoio e a ajuda de vários auxiliares de pesquisa, bilingües em diferentes graus em Parkatêjê e em português, remanescentes basicamente do grupo Parkatêjê:

1. o capitão Krôhókrenhûm, líder político da comunidade, falante fluente de Parkatêjê, que deve estar com quase 70 anos de idade;
2. o professor Piare, que dá aulas de Parkatêjê para as crianças na escola e que deve ter aproximadamente 50 anos de idade; saiu da aldeia aos oito anos de idade para viver com a família de um funcionário da FUNAI, nos idos de 1960, tendo voltado para a aldeia quando tinha seus vinte anos, de acordo com o que ele próprio relatou em um texto autobiográfico; passou um tempo entre os Tembê do Guamá, tendo, inclusive, constituído família com uma índia Tembê;
3. a Rônore, a Mamãe Grande, que deve ter seus 70 e poucos anos, falante fluente de Parkatêjê;
4. a Pôiarêti, a Madalena, primeira esposa do capitão Krôhókrenhûm, que deve estar com 50 e poucos anos.

Estes foram os auxiliares principais de nossa pesquisa, entretanto, de certa forma, toda a primeira geração da comunidade foi envolvida. Em momentos de confirmação de dados, por exemplo, fazíamos a leitura dos textos diante de todos no acampamento. Falantes da segunda geração também participaram, confirmando ou não algumas hipóteses e oferecendo *insights* sobre ocorrências de determinadas construções e morfemas.

5.3. Apresentação dos dados

Os dados estão apresentados em três linhas. Na primeira delas consta uma transcrição morfofonológica – em que as palavras são separadas por espaços e os morfemas por hífen (-). A segunda linha traz as glossas e a terceira contém a tradução do exemplo (traduções livres e literais, quando necessárias). Em alguns casos, houve a necessidade de acréscimo de informações, as quais são dadas entre parênteses ou ainda em notas de rodapé, quando se trata de explicações sobre a cultura.

As glossas e as abreviaturas seguem, até onde possível, a convenção estabelecida em outros trabalhos descritivos de línguas Macro-Jê, principalmente o de Santos (1997) e o de

Dourado (2001). A indicação das funções sintáticas e a marcação de pessoas são feitas em conformidade com os trabalhos de Dixon (1979 e 1994).

5.4. Metodologia

A metodologia utilizada nesta tese é aquela utilizada nos trabalhos de descrição lingüística: (i) a pesquisa de campo, que inclui viagens ao local onde a língua é falada, momento em que se realiza a coleta dos dados, base para o trabalho; (ii) a análise do material obtido nessas coletas – sua organização e comparação com outras línguas do tronco, utilizando-se os trabalhos existentes como os de Wiesemann (1986), Borges (1995), Stout (1975), Ribeiro (1996), Dourado (2001) que trabalham com dados do Kayapó, Karajá e Panará, respectivamente.

A orientação teórica deste trabalho é tipológico-funcional. A análise dos dados foi realizada com base em trabalhos como os de Shopen (1985), Comrie (1976 e 1985), Aikhenvald (2000 e 2001), Dixon (1979 e 1994), Mithun (1984 e 1988), e Seki (1990 e 2000), entre outros.

5.5. Estrutura do trabalho

Este trabalho está organizado da seguinte forma: além desta introdução, que apresenta, em linhas gerais, como a pesquisa foi realizada, há mais seis capítulos.

O primeiro capítulo das classes de palavras, revendo aspectos que foram descritos nos trabalhos de Araújo (1977 e 1989), além de fornecer uma descrição inédita de várias classes de palavras em Parkatêjê, como os verbos e as posposições, por exemplo. Verifiquei a ocorrência dos prefixos relacionais nas classes de nomes e verbos na língua. O segundo capítulo trata de aspectos da sintaxe das orações independentes. Primeiramente descrevo cada constituinte possível de uma oração. Em seguida, classifico os predicados em verbais e não-verbais, descrevendo-os na forma em que ocorrem na língua. O terceiro capítulo apresenta o sistema de marcação de caso nas orações independentes em Parkatêjê. Há a combinação de três tipos de cisões na língua, o que faz do Parkatêjê um exemplo lingüístico raro da combinação de fatores como (i) a semântica do verbo, (ii) as categorias de tempo-aspecto-modo e (iii) a categoria de pessoa. O quarto capítulo descreve preliminarmente alguns mecanismos de derivação verbal, como, a causativização, as construções recíprocas e reflexivas, a ocorrência do formativo *aipĩ* que pode estar ligado à passivização. No quinto capítulo, tratei do fenômeno da incorporação nominal, que parece ter bastante em comum com outras línguas do tronco, que já tiveram esse fato estudado, como é o caso do Karajá e do Panará. O sexto capítulo aborda as construções verbais seriais, que combinam até três verbos, e que são predicados simples, com diferentes codificações semânticas, bem como a transitividade.

Capítulo 1

Classes de Palavras: uma abordagem funcional

Este capítulo traz uma proposta de descrição das classes de palavras em Parkatêjê, as quais se distinguem com base em critérios estritamente lingüísticos de ordem morfológica e sintática, bem como semântica. Cada classe apresenta um conjunto de características morfossintáticas peculiares, o qual pode ser focado por dois prismas: (i) suas características distribucionais e (ii) suas propriedades estruturais. Aqui, entretanto, somente serão descritas as características estruturais das classes em si mesmas, sendo as de ordem distribucional tratadas nos capítulos que se seguem e que abordam a sintaxe da língua.

De acordo com Seki (2000:53), a determinação das classes de palavras constitui-se num meio de operar a descrição da língua fundada exatamente nos critérios oferecidos pela própria língua. Com base nos critérios ora delineados, proponho nove classes de palavras para a língua Parkatêjê.

Os nomes, os verbos e os advérbios são classes abertas. Os pronomes (livres, dependentes, recíproco, reflexivo, demonstrativos, indefinidos e interrogativos), os descritivos, as posposições, as partículas, as conjunções e as interjeições constituem classes fechadas (cf. Schachter, 1985). A descrição das classes de palavras, tais como as partículas, as conjunções e as interjeições, ora apresentada, é ainda bastante parcial, precisando ser mais aprofundada ao longo de trabalhos subsequentes.

Neste capítulo, a descrição das classes de palavras na língua Parkatêjê encontra-se assim organizada: na primeira seção, apresentam-se os nomes e os pronomes; na segunda seção, faz-se a caracterização geral do verbo, das partículas, dos descritivos e dos advérbios; na terceira seção, descrevem-se as posposições, as conjunções e algumas interjeições.

1.1. Nomes

Os nomes em Parkatêjê podem ser caracterizados como aqueles elementos cujas características principais são:

(I) Morfológicas:

- (a) A categoria de posse dos nomes depende de sua natureza semântica. Assim, distinguem-se nomes possuíveis e não-possuíveis. Os nomes possuíveis podem ser divididos em nomes alienavelmente possuídos e nomes inalienavelmente possuídos, sendo os mecanismos morfossintáticos que evidenciam a relação dos nomes em tais construções, diferentes entre si.
- (b) Os nomes ocorrem com os sufixos derivacionais *-re* e *-ti*, de diminutivo e de aumentativo, respectivamente. Esses sufixos ocorrem também com os verbos, porém, nesse caso, não fazem referência a tamanho, mas indicam ênfase sobre a ação, apontando para a sua intensidade ou para características do sujeito ou do objeto.
- (c) Os nomes cujo referente é [+ humano] podem ocorrer com o formativo¹² *mẽ*, que indica plural.

¹² O termo *formativo* está sendo usado na acepção de elemento gramatical identificável e irreduzível, que participa da construção de unidade lingüística mais ampla (cf. Crystal, 1999:17; Matthews, 1997:18; Trask 1993:15)

- (d) Os nomes não são flexionados para gênero. O gênero de alguns nomes, porém, pode ser indicado lexicalmente por termos genéricos para homem/macho ou mulher/fêmea, dependendo das circunstâncias.
- (e) Os nomes são marcados pela categoria de caso.
- (f) Raízes nominais podem ser derivadas a partir de itens de outras classes de palavras, como, por exemplo, verbo e pronome reflexivo, bem como pelo acréscimo do sufixo nominalizador -t ʃɛ̃.
- (g) Da mesma forma, raízes verbais podem ser nominalizadas através do acréscimo do formativo kate.

(II) Sintáticas:

- (h) Os nomes ocupam a posição de núcleo de uma locução nominal, ocorrendo como sujeito, objeto de verbos e de posposições.
- (i) Podem ocorrer como predicado de orações não-verbais.
- (j) Os nomes possuíveis ocorrem como núcleo em locuções genitivas ou possessivas.
- (k) Podem ser modificados por descritivos, quantificadores, demonstrativos e outros nomes.

Os nomes, prototipicamente, codificam uma larga variedade de noções de entidades concretas e abstratas. Segundo Givón (1984:51), a característica de exprimir conceitos ligados à estabilidade no tempo por nomes é uma questão de grau, já que entidades como “cachorro” nascem, crescem, envelhecem e morrem, deixando de existir, e mudam mais rapidamente que “árvore”, enquanto “árvore” muda mais rapidamente que “rocha”. Dessa forma, percebe-se uma gradação entre os conceitos expressos por “cachorro”, “árvore” e “rocha”.

Em sua maioria, em Parkatêjê, a classe de nomes exprime conceitos que são estáveis no tempo e que se referem a: (i) elementos e fenômenos naturais, (ii) animais e plantas, (iii) nomes de pessoas, (iv) manufaturas, objetos da cultura material, (v) relações pessoais. Os nomes citados em (i), (ii) e (iii) são não-possuíveis, os citados em (iv) são geralmente alienavelmente possuídos, e em (v) estão parte dos nomes inalienavelmente possuídos, já que estes incluem partes de um todo (partes do corpo humano, de plantas e de animais), termos de parentesco e certos conceitos profundamente ligados ao ser, como, por exemplo, alma, excretos, sombra, rastro etc. Abaixo são dados exemplos desses tipos de nomes:

(1) kokrire ‘rio’	(7) pɛ̃n ‘arara’	(13) hahĩ ¹³ ‘tipóia’
(2) airòm ‘mata’	(8) kukoy ‘macaco’	(14) ariat ʃɛ̃ ‘rede’
(3) pɛ̃t ‘sol’	(9) põhĩ ‘milho’	(15) mpĩ ‘homem’
(4) kat ʃer ‘lua’	(10) kwər ‘mandioca’	(16) ntia ‘mulher’
(5) kok ‘vento’	(11) kaper ‘açai’	(17) ituwa ‘parente’
(6) tɛp ‘peixe’	(12) kay ‘cesto’	(18) krit ʃwɛ̃ə ‘amigo formal’

Os nomes, de uma maneira geral, podem ocorrer com os sufixos derivacionais -re e -ti¹⁴, os quais indicam tamanho, pequeno (diminutivo) e grande (aumentativo), respectivamente, além de outras noções como veremos adiante.

¹³ O **hahĩ** é uma espécie de tipóia utilizada pelas mulheres para carregar suas crianças.

¹⁴ Araújo, em comunicação pessoal, relatou-me que o Sr. Jack Popjes refere-se à língua Parkatêjê como “o dialeto -rel-ti” (do Canela), devido ao uso de tais sufixos na língua.

1.1.1. Expressão de posse

Semanticamente as línguas relacionam um nome a outro nome sobretudo para indicar: (i) posse estrita; (ii) relações de partes de um todo e (iii) relações de parentesco. E a forma pela qual se faz a expressão de posse divide os nomes em subclasses semânticas, que também apresentam distinções de ordem morfosintática.

Assim, em Parkatêjê, distinguem-se morfosintática e semanticamente três subclasses de nomes: (a) nomes não-possuíveis, (b) nomes alienavelmente possuídos e (c) nomes inalienavelmente possuídos.

Nomes ligam-se a outros nomes por meio de uma locução genitiva, a qual é constituída fundamentalmente de dois nomes: o núcleo (o nome possuído) e o modificador (o nome possuidor). A locução genitiva pode apresentar pequenas diferenças em sua constituição que dependem do fato de o nome ser alienável ou inalienavelmente possuível.

1.1.1.1. Nomes Não-Possuíveis

Na subclasse de nomes não-possuíveis, encontram-se elementos relacionados a nomes de pessoas, a nomes de plantas e a fenômenos da natureza em geral. Tais nomes não são núcleos de locuções genitivas, não sendo nunca precedidos de um possuidor.

1.1.1.2. Nomes alienavelmente possuídos

Os nomes alienavelmente possuídos referem-se em sua maioria a objetos da cultura material, podendo ou não ocorrer em relações genitivas precedidos do possuidor, o qual pode ser expresso, por meio de uma locução nominal ou dos pronomes dependentes. Na formação dessa locução ocorrerá o prefixo relacional ʒ- anexado ao nome de posse genérica ɔ̃. O possuidor [modificador] (locução nominal ou pronominal) não pode ocorrer imediatamente antes do nome núcleo (modificado). O esquema abaixo explica essa estrutura:

	LN		
	Pro	[Rel- ɔ̃	LN]
(19)	Piare ʒ-	ɔ̃	kruwa
	NPr	Rel- Pos	flecha
	‘flecha do Piare’		

Nas situações em que o possuidor, ou é conhecido pelo contexto, ou é expresso por um nominal deslocado para fora da locução, a referência ao possuidor é codificada junto ao nome núcleo pelo prefixo relacional h- da classe B. Esse prefixo, portanto, tem o papel de assinalar, na locução genitiva, uma relação anafórica¹⁵ com o possuidor (Seki, em comunicação pessoal).

Verifica-se também a ocorrência desses sufixos em Kayapó (Mêbêngokre) (anotações pessoais de Borges), em Canela-Krahô (Popjes e Popjes, 1986) e em Suyá (Santos, 1997).

¹⁵ O termo *anáfora* é tomado aqui como uma relação gramatical em que uma unidade linguística recebe sua interpretação de alguma outra parte da oração, tipicamente de algo já expresso (cf. Crystal 1999:17; Matthews, 1997:18; Trask, 1993:15).

Assim, em uma locução como a apresentada abaixo, fica evidente que o possuidor do nome ali enfocado está citado em outra parte do discurso ou ainda é um indeterminado:

- (20) h- ð kruwa
Rel- Pos flecha
‘flecha dele’

Em outras palavras, pode-se dizer que os nomes alienáveis não são ‘diretamente’ possuídos. Para isso, é necessário o uso do prefixo relacional, mais o nome ð ‘coisa’, os quais constituem um formativo de expressão de posse alienável:

- (21) i- ʒ- ð ɾop
1- Rel- Pos cachorro
‘meu cachorro’
- (22) a- ʒ- ð ɾop
2- Rel- Pos cachorro
‘teu cachorro’
- (23) h- ð ɾop
Rel- Pos cachorro
‘cachorro dele’
- (24) Airom ʒ- ð ɾop
NPr Rel- Pos cachorro
‘cachorro do Airom’

Optou-se por considerar ð como um nome genérico de posse, que é o núcleo da locução genitiva e que explicitado por um nome da classe dos alienavelmente possuídos, apostrofa a essa locução. Aikhenvald (2000:129) aponta a existência de um classificador genérico para todos os itens alienavelmente possuídos em línguas Jê do Norte, tais como, Timbira, Canela, Krahô, Kayapó e Panará, o qual seria o elemento ð.

1.1.1.3. Nomes inalienavelmente possuídos

Os nomes inalienavelmente possuídos são referem-se a termos de parentesco, a partes do corpo e a partes de um todo. Ocorrem sempre precedidos do possuidor, que pode ser uma locução nominal ou pronominal (com os pronomes dependentes).

Em uma locução genitiva cujo núcleo é um nome inalienavelmente possuído, o possuidor (modificador) pode ocorrer imediatamente antes do nome núcleo (modificado), caso em que os prefixos relacionais da classe A, anexados ao núcleo, assinalam a relação sintagmática entre eles. O esquema abaixo explicita essa estrutura:

LN
Pro [Rel- LN]

- (25) kra y- ahi
paca Rel- cara
‘cara da paca’
- (26) mpo tʃ- ur
Ind Rel- pus
‘pus da ferida’
- (27) yatʃu ø- krẽ
veado Rel- cabeça
‘cabeça do veado’
- (28) i- ʒ- ãn
1- Rel- fezes
‘minhas fezes’
- (29) h- ahi
Rel- cara
‘cara (de bicho)’
- (30) h- ãn
Rel- fezes
‘fezes ou fezes dele’
- (31) h- ur
Rel- pus
‘pus’
- (32) Ø- krẽ
Rel- cabeça
‘cabeça ou cabeça dele’

Nas situações em que o possuidor é conhecido pelo contexto, é expresso por uma locução nominal deslocada, ou ainda é indeterminado, a referência ao possuidor é codificada junto ao nome núcleo pelos prefixos relacionais da classe B:

1.1.1.4. Prefixos relacionais: uma análise alternativa

Tradicionalmente os estudos sobre línguas Tupi denominam os elementos que marcam os nomes possíveis prefixos relacionais. Mais recentemente, Rodrigues (1993) propôs que esses prefixos poderiam ser tomados como uma evidência de relacionamento genético entre línguas Tupi, Macro-Jê e Karib. Reanalizando os dados do Canela-Krahô, contidos no trabalho de Popjes e Popjes (1986), Rodrigues, em seu artigo, incentivou pesquisadores de línguas do tronco Macro-Jê (e de outras línguas brasileiras)¹⁶ a buscar uma explicação para a ocorrência e a função dos prefixos relacionais nessas línguas.

Observando os dados da língua Parkatêjê, verificamos a existência de prefixos relacionais, os quais ocorrem com nomes e verbos. Para Araújo (1977:126) trata-se de uma

¹⁶ Cf. Dourado (1993), Borges (1995), Santos (1997), Cabral (1997), Salanova (1999), Ribeiro (2001), entre outros.

questão fonético-fonológica, um caso de variação condicionada de certos fonemas ao seu ambiente de ocorrência.

Tanto com nomes quanto com verbos, a forma desses elementos é idêntica, bem como o parece ser sua função. A interpretação de Seki (2000:55), adotada neste trabalho, explicita o fenômeno com base no fato de a referência do possuidor ser específica ou indefinida, considerando sua função na construção, o tipo de referência expressa, assim como o tipo de construção. A meu ver, o mecanismo de ocorrência dos prefixos relacionais é um sistema bem desenvolvido na língua, que marca obrigatoriamente a relação entre o possuidor e o nome possuído, no caso dos nomes inalienáveis, da mesma forma que marca a relação entre os argumentos e os verbos intransitivos estativos e os verbos transitivos.

Nos nomes, portanto, esses prefixos marcam a relação entre o nome e seu possuidor, e o seu uso depende (i) do tipo de construção, (b) da função gramatical que o possuidor tem naquela construção e (c) do tipo de referência expressa (cf. Seki, 2000:55).

Seguindo a análise dos prefixos relacionais proposta por Seki para o Kamaiurá, temos o seguinte quadro para o Parkatêjê, em que estão reunidos os prefixos relacionais e seus alomorfes¹⁷:

Quadro 4: Prefixos relacionais com os nomes

Classe A		Classe B
Possuidor Especificado		Possuidor indefinido
Possuidor expreso na locução	Possuidor ≠ Sujeito ou deslocado de sua posição original	
ɜ- y- tʃ- Ø-	h- Ø-	h- Ø-
Referência a um possuidor expreso dentro da locução genitiva em relação sintagmática com o núcleo.	Referência a um possuidor conhecido pelo contexto ou expreso fora da locução genitiva.	Referência a um possuidor indefinido.

A análise, tradicionalmente adotada para a interpretação dos prefixos relacionais, é aquela apresentada nos trabalhos de Rodrigues (1990), que considera que o fato de o possuidor ser contíguo ou não-contíguo ao nome possuído condiciona a ocorrência dos prefixos relacionais de uma ou de outra classe. Os termos contigüidade e não-contigüidade, usados para designar a ocorrência dos prefixos relacionais, descrevem apenas parcialmente o fenômeno em questão, obscurecendo, num certo sentido, a função anafórica desses elementos.

Os prefixos relacionais da classe A, por exemplo, são aqueles que (a) fazem referência a um possuidor expreso dentro da locução genitiva em relação sintagmática com o núcleo. (cf. exemplos 25, 26, 27 e 28); (2) ou ainda aqueles que fazem referência a um possuidor conhecido pelo contexto ou expreso fora da locução genitiva (ou por ter sido deslocado de sua posição original ou por já ter sido mencionado anteriormente). Além disso, tais

relacionais indicam se o possuidor é diferente do sujeito, como pode ser observado nos exemplos abaixo:

- (33) wa mû i- ɜ- õ rōkre w ɪr mō
Eu 1 Rel- Pos casa Dir ir
'eu vou para a minha casa'
- (34) wa mû h- õ rōkre w ɪr mō
Eu Rel- Pos casa Dir ir
'eu vou para a casa dele'

Os prefixos relacionais da classe B são aqueles que fazem referência a um possuidor indefinido. São formalmente idênticos aos prefixos da classe A, nos casos em que a referência do possuidor é diferente da referência do sujeito, ou em que o possuidor foi deslocado de sua posição original. O que os distingue é o contexto. Os prefixos da classe B, usados com nomes inalienavelmente possuídos ou com compostos em que figuram esses nomes, assumem um significado citacional, somente definido com base no contexto de sua ocorrência, conforme já afirmei anteriormente.

- (35) h-ɪn 'fezes' ou 'fezes dele'
(36) h-apak 'orelha' ou 'orelha dele'
(37) h-ōkre 'garganta' ou 'garganta dele'
(38) ø-krɪt 'nariz' ou 'nariz dele'
(39) ø-për 'pé' ou 'pé dele'

A ocorrência dos prefixos relacionais é análoga à ocorrência desses elementos com os verbos, conforme será observado na seção que se refere a eles.

A ocorrência dos prefixos relacionais é uma característica tipológica que coloca a língua Parkatêjê entre as línguas consideradas com marcação no núcleo (isto é, do tipo "head-marked"), de acordo com o que propõe Nichols (1986:57-8), para quem a função da morfologia é identificar as relações sintáticas pela marcação apropriada no núcleo ou no dependente, além de evidenciar a dependência sintática – isto é, um mecanismo morfológico marca determinado núcleo como tendo um dependente, sem necessariamente especificar o tipo dessa dependência.

1.1.2. Número

A marcação de número em Parkatêjê é feita pelo acréscimo do formativo *mē*¹⁸ antes dos nomes cujos referentes são [+ humano], enquanto o singular é não-marcado.

- (40) ɜũm mpɪ mē pia?
Int homem Int Dub
'quem é (aquele) homem?'

¹⁷ Encontrei uma forma *iʔ-* para a terceira pessoa do singular, como em *iʔ-kɪn* 'cabelo dele', entretanto não consegui os contrastes necessários para incluir essa forma no quadro de prefixos relacionais.

¹⁸ Ocorrência semelhante é verificada em outras línguas Jê como, por exemplo, o Kayapó (*Mëbêngokre*) (notas pessoais de Borges, 1991-1995) e o Canela-Krahô (Popjes e Popjes, 1986).

- (41) zũm mē mpĩ mē pia?
Int Pl homem Int Dub
'quem são (aqueles) homens?'

O formativo **mē** também ocorre com certas formas pronominais, indicando suas formas plurais. Em certos contextos, **mē** é plural e em outros marca o traço [+humano] de determinados nomes. Não está claro ainda se se trata de duas formas homófonas ou se o morfema de plural desenvolveu-se historicamente a partir do primeiro significado. Estudos futuros poderão elucidar essa questão.

O exemplo abaixo ilustra a ocorrência de **mē** antecendo um nome, ao qual atribui o plural:

- (42) mē ntia tēm ton tozo
Pl mulher Erg+Pl tatu caçar
'as mulheres caçaram tatu'

Por outro lado, em um contexto negativo **mē** pode ocorrer com o sentido de 'ninguém'. Nesse caso, **mē** está na posição da locução nominal, isto é, está ocorrendo no *slot* da locução nominal objeto, como pronome de terceira pessoa plural. As duas sentenças abaixo comparam essas ocorrências:

- (43) wa pa ha mē tapa inũare
eu Enf Pot Pl sentir.saudades Neg
'eu mesma não sinto saudades de ninguém'
- (44) wa pa ha i- pien tapa inũare
eu Enf Pot 1- marido sentir.saudades Neg
'eu mesma não sinto saudades do meu marido'

Uma outra possibilidade é que, no exemplo (43), **mē**, por estar ocorrendo no lugar da LN objeto, seja interpretada como a terceira pessoa do plural 'eles', adquirindo o significado negativo de 'ninguém'.

Os nomes, de uma maneira geral, podem ocorrer com os sufixos derivacionais **-rē** e **-ti**, os quais indicam tamanho, pequeno (diminutivo) e grande (aumentativo), respectivamente. Em alguns casos, o sufixo **-rē** pode indicar 'magro; fino' e **-ti** pode indicar 'gordo; grosso'. Nos termos de parentesco, esses mesmos sufixos assumem uma dimensão cronológica, fazendo contraste entre a indicação de parentes mais velhos e mais novos. Entretanto, a dimensão física prepondera sobre a cronológica, de acordo com as observações de Araújo (em comunicação pessoal). Isto é, se a tia materna mais nova que a mãe for gorda, ela será chamada de **anōti**:

- (45) **anōti** 'tia – qualquer irmã mais velha que a mãe'
- (46) **anōrē** 'tia – qualquer irmã mais nova que a mãe'

1.1.3. Estrutura dos nomes: uma proposta alternativa

Inúmeros compostos em Parkatêjê são formados a partir de raízes simples e, de acordo com o que foi observado por Araújo (1977), tais nomes podem constituir-se de itens lexicais

pertencentes à mesma ou a diferentes classes de palavras. A análise de Araújo, embora cuidadosa, difere da aqui sucintamente apresentada, no que respeita à consideração de aspectos distribucionais e estruturais de outras classes de palavras da língua que se combinam para a derivação de nomes por meio de composição e de outros critérios a seguir explicitados.

Primeiramente observa-se que, do ponto de vista semântico, o significado do nome composto não se reduz à simples soma dos itens lexicais que o constituem. Em geral, os compostos apresentam um significado distinto daquele de seus itens constituintes.

Um outro critério está relacionado ao padrão acentual. Em geral, nomes compostos apresentam um padrão acentual típico de raízes simples.

Além disso, verifiquei a estrutura interna de sintagmas com tais nomes compostos. Como exemplos, observem-se os itens lexicais abaixo, bem como os esquemas que os explicitam:

- (i) **nome + nome = que ocorre como uma construção genitiva**

- (47) parkre 'cañoa' lit. 'pau com buraco'
par 'pau' + kre 'buraco'

- (ii) **nome + descritivo¹⁹ = que ocorre à semelhança de uma locução nominal**

- (48) konkrirē 'lagoa' lit. 'água pequena'
ko 'água' + nkrirē 'pequena'

Araújo cita ainda os nomes formados por composição de elementos de mesma ou de diferentes categorias gramaticais por meio do acréscimo dos sufixos derivacionais **-tʃē** e **-kate**. Ambos formam nomes. O primeiro combina-se com raízes verbais para designar o objeto com o qual se pratica a noção expressa pelo verbo, como nos exemplos abaixo:

- (iii) **(nome) + verbo + -tʃē**

- (49) pērkupu-tʃē 'sapato'
pēr 'pé' + kupu 'enrolar' + Nom
- (50) amʒipupun-tʃē 'espelho'
amʒi 'reflexivo' + pupun 'ver' + Nom
- (51) kapōn-tʃē 'vassoura'
kapōn 'varrer' + Nom

Já o sufixo derivacional **-kate** combina-se com nomes indica o agente da noção que o verbo expressa, ou que se pode deduzir do nome ao qual se agrega, conforme os exemplos abaixo:

- (iv) **nome + sufixo agentivo**

¹⁹ Araújo trata o que chamamos descritivos como adjetivos descritivos (cf. Araújo, 1989:61).

- (52) rɔpkate 'caçador de onça'
rɔp 'onça' + Agt

- (53) kotay kate 'caçador de cupuaçu'
kotay 'cupuaçu' + Agt

Os nomes próprios em Parkatêjê são compostos e seguem os padrões acima detalhados, tendo como característica particular o fato de serem nomes não-possuíveis. Tradicionalmente o nomeador escolhe uma característica de seu próprio caráter ou comportamento com a qual chamará seu nomeado (cf. Araújo e Ferreira 2001b, para uma compreensão do sistema de nomeação da língua). Alguns exemplos são apresentados a seguir:

- (54) Amrīkupati 'corajosa' *lit.* 'não há medo'
Amrī 'negativo.existencial' + kupati 'ter.medo'
- (55) Kupêʒipok-re '(aquele que gosta de) estar no meio dos kupê'
Kupê 'não-indio' + ʒipok-re 'estar.no.centro-Dim'
- (56) Kiyaprēm-re 'aquela que gosta de fazer o forno para assar kuputi'
Kiya 'forno para assar kuputi' + prēm-re 'ter.vontade-Dim'

Existem, ainda, alguns nomes não possuíveis que são especificamente utilizados como vocativos. Como tal, não aparecem em funções nucleares. Alguns exemplos desses nomes são: ʒe, que é a forma de tratamento usada pelo Sol e pela Lua no mito da criação do mundo; os termos de parentesco - *ituware* 'sobrinha/o', *ituwa-hūm* 'filho', *ituwa-mēntia* 'filha', *kat̚y* 'tia' e *keti* 'tio'. É necessário ainda investigar mais aprofundadamente se esses nomes podem desempenhar outras funções nominais, para assim categorizá-los adequadamente.

1.2. Pronomes

A língua Parkatêjê tem duas séries de pronomes pessoais: uma de pronomes livres e outra de pronomes dependentes. Esses elementos pronominais, muito embora tenham algumas características da classe de nomes, como, por exemplo, seu comportamento sintático – eles recebem marcas de caso e a marcação de número, apresentam uma distribuição especial.

Essas duas séries de pronomes distinguem duas pessoas (1ª e 2ª) e três números (singular, dual, plural). Há duas formas para a primeira pessoa do plural, conforme o ouvinte esteja incluído (primeira inclusiva) ou não (primeira exclusiva). Na série de pronomes livres e na série de pronomes dependentes, não há distinção entre formas para o dual e formas para a primeira pessoa do plural inclusiva.

Todavia essa classe de palavras inclui, além dos pronomes livres e dependentes, o reflexivo e o recíproco, os demonstrativos, os indefinidos e os interrogativos, dada a possibilidade de sua ocorrência paralela à dos nomes. Os pronomes livres e dependentes do Parkatêjê vêm resumidos no quadro abaixo:

Quadro 5: Pronomes livres e dependentes

Pronomes livres				Pronomes dependentes
1ª	Singular		wa / pa	i-
	Dual		ku	ku-
	Pl.	Dual	ku...mě	ku...mě-
	Pl.	Incl.	mpa	mpa-
		Excl.	wa...mě	mě...i-
2ª	Singular		ka	a-
	Plural		ka...mě	mě...a-

Algumas observações acerca da ocorrência dos pronomes:

- as formas plurais contêm a marca *mẽ* que segue as formas pronominais livres e que precede as formas pronominais dependentes;
- alguns pronomes presentes nas duas classes são formalmente idênticos, todavia sua distribuição é distinta;
- os pronomes podem ser usados para substituir locuções nominais;
- à maneira dos descritivos, os pronomes podem modificar o nome (no caso dos demonstrativos e indefinidos).

1.2.1. Pronomes livres

Os pronomes livres ocorrem como argumento sujeito de verbos intransitivos ativos (S) e como sujeito de verbos transitivos (A), não ocorrendo como argumento objeto direto (O) de verbos transitivos nem como argumento nuclear objeto indireto locativo – distintamente dos nomes –, quando a língua está operando no sistema Nominativo/Acusativo, isto é, no tempo não-passado e aspecto não-perfectivo. Em sua maioria, são constituídos de uma única série básica, que se combina com o formativo *mẽ* para marcar o não-singular. Os pronomes livres estão reunidos no quadro abaixo:

Quadro 6: Pronomes livres

Pronomes livres			
Pessoa	Singular	Não-singular	
1ª	wa	Dual	ku
		Pl. dual	ku...mẽ
		Exclusiva	wa...mẽ
		Inclusiva	mpa
2ª	ka	ka...mẽ	

A primeira pessoa do singular apresenta uma forma enfática *pa* que pode ocorrer seguindo ou precedendo o pronome livre *wa*. Ainda não se sabe qual é a diferença semântica entre essas ocorrências, ficando a questão a ser respondida em estudos posteriores. Não há

formas de pronomes pessoais livres para a terceira pessoa. Essa lacuna, em relação aos pronomes livres, é suprida pelo uso dos demonstrativos, quando necessário. Quando se faz referência à terceira pessoa do plural, a forma **mẽ** aparece na posição em que deveria vir o pronome, a qual fica evidente pela comparação entre dados que envolvem as outras pessoas e a terceira.

Acredito que a primeira e a segunda pessoas do plural, constituídas pelas formas pronominais no singular e pelo formativo **mẽ**, são descontínuas, podendo ocorrer entre elas partículas aspecto-temporais e outros constituintes, como, por exemplo, adjuntos adverbiais.

1.2.2. Pronomes dependentes

Os pronomes dependentes têm distribuição diferente dos pronomes livres. Eles podem ocorrer em construções sintáticas nas seguintes funções:

- marcando o possuidor de uma construção possessiva, com nomes alienáveis ou inalienáveis;
- como argumento O de verbos transitivos;
- como argumento S de verbos intransitivos não-ativos;
- como argumento A, marcado pela posposição **te** de caso ergativo, em orações transitivas de tempo passado e aspecto perfectivo – no sistema Ergativo/Absolutivo; como argumento S de verbos S_{IO} e como terceiro argumento de verbos bitransitivos, em ambos os casos, esses elementos aparecem marcados por posposições;
- da mesma forma que para a série de pronomes livres, não há formas para a terceira pessoa dos pronomes dependentes.

Quando o sistema opera na base ergativo/absolutiva e o argumento A é de terceira pessoa, a posposição **te** / **tem**, do singular e do plural, respectivamente, ocorre na mesma posição que com as outras pessoas, o que identifica a pessoa do sujeito. O mesmo acontece quando **mẽ**, que indica a terceira pessoa, aparece em contextos próprios de locuções verbais. Os prefixos relacionais da classe B também recuperam essa referência.

No quadro abaixo, resumizamos os pronomes livres e os pronomes dependentes, de acordo com suas respectivas funções sintáticas:

Quadro 7: Elementos pronominais em suas funções sintáticas

ELEMENTOS PRONOMINAIS						
	S_A/A_{Nom}	A_{Erg}	O	S_o	O_{Posp}	Poss
1 singular	wa	i-te	i-	i-	i-	i-
2 singular	ka	a-te	a-	a-	a-	a-
1 dual (1 + 2)	ku	?	ku-	ku-	ku-	ku-
1 plural exclusivo	wa...mẽ	i-tem	mẽ i-	mẽ i-	mẽ i-	mẽ i-
1 plural inclusivo	mpa	mpa-tem	mpa-	mpa-		
1 dual plural	ku...mẽ	?	ku...mẽ	ku...mẽ		
2 plural	ka mẽ	ka mẽ -tem	mẽ a-	mẽ a-		

1.2.3. Pronomes reflexivo e recíproco

A língua Parkatêjê tem uma forma recíproca e uma forma reflexiva. O reflexivo indica que a ação expressa pelo verbo refere-se ao sujeito, o qual também é entendido como sendo o objeto da sentença. Isto é, a forma reflexiva indica que uma dada entidade preenche dois papéis semânticos e/ou relações gramaticais, de acordo com Payne (1997:198). O reflexivo em Parkatêjê tem a forma **amzi**.

- (57) mpa- tem key to amzi mē hīr
 1Incl ErgPl faca Instr Repl Dat cortar
 'nós nos cortamos com a faca'

Já a forma recíproca, **aipēn**, indica que dois participantes de uma sentença são igualmente agentes e pacientes, ou seja, eles agem igualmente um sobre o outro.

- (58) ma ku mẽ aipēn wīr ku-rē
 Exort Du Rec Dir Onc-jogar
 'Vamos jogar (a bola) um para o outro'

O fato em comum entre reflexivos e recíprocos é que ambos apontam para a correferencialidade entre os papéis semânticos de agente e paciente. Não está claro ainda o status desses elementos em Parkatêjê: se são prefixos ou formas livres. Estudos posteriores deverão esclarecer isso. No presente trabalho, está-se considerando-os formas livres. A princípio, as formas reflexiva e recíproca ocorrem somente com verbos transitivos, os quais assumem as propriedades morfossintáticas de verbos intransitivos. Em vários exemplos, a forma reflexiva ocorre incorporada à raiz verbal. Em alguns casos, como o do verbo **amzitey** 'estar.cheio/farto/satisfeito (de comida)', é possível identificar os morfemas que o compõem - **amzi** 'Refl.' e **tey** 'ser/estar.duro'. Em outros casos, como o do verbo **amzizakop**, isso já não é possível (cf. capítulo sobre incorporação nominal):

- (59) rī i-te to amzitey
 já 1-Erg estar.cheio
 'eu já estou cheia' (depois de comer)

- (60) wa amzizakop
 eu pensar
 'eu penso'

As formas **amzi** e **aipēn**, reflexivo e recíproco do Parkatêjê, respectivamente, são idênticas às do Canela-Krahô e têm funções semelhantes em vários aspectos, de acordo com o que foi observado por Popjes e Popjes (1986:141-2).

Callow (1962:175) menciona a existência, em Apinajé, de dois tipos de verbos, os quais seriam compostos por duas ou mais raízes. Um desses subgrupos, denominado por ele grupo A, é formado de verbos constituídos pela forma *amnĩ* 'self' e de verbos de um morfema, como, por exemplo, *amnĩma* 'pensar', o qual é composto do reflexivo e do verbo *ma* 'escutar, saber, entender algo'.

1.2.4. Pronomes demonstrativos

A língua Parkatêjê apresenta um sistema de pronomes demonstrativos que ocorrem em várias funções nominais. O sistema está organizado de acordo com o parâmetro de distância relativa em relação ao falante e/ou ouvinte.

O quadro abaixo apresenta os demonstrativos da língua:

Quadro 8: Pronomes demonstrativos

Demonstrativos		P. Dependentes	Distância	Segmentação
S	ita	i-	do ouvinte	i-ta
Pl	itaʒe			
ata		a-	do falante	a-ta
ta		Ø-	-	Ø-ta ~ tam

À primeira vista, os demonstrativos parecem ter relação com a série de pronomes dependentes, em virtude de sua forma. Os informantes tendem a dizer que **ita** refere-se a alguma coisa ou alguém que está próximo do falante e que **ata** refere-se a alguma coisa (ou alguém) que está distante do falante, mas ainda sob sua visão. Por essa razão, considero ser a função dêitica a função principal dos demonstrativos: a informação sobre a localização espaço-temporal de um dado objeto ou elemento. Isso parece bem plausível, se se levar em conta a forma dos demonstrativos e dos pronomes dependentes, porém, como veremos adiante, esta parece ser somente a regra geral, uma vez que esses elementos podem designar alguma coisa conhecida pelo falante e pelo ouvinte e que está somente em suas memórias e não mais diante dos olhos de ambos.

Da mesma forma que adjetivos e quantificadores, os demonstrativos nominais ocorrem em posição pós-nominal numa locução nominal plena. Com os pronomes dependentes, eles podem ocorrer como objeto de posposição, muito embora não se tenham encontrado exemplos em que apareçam como possuidor em uma locução genitiva.

Como a língua não tem formas de pronomes de terceira pessoa, algumas vezes **ta** pode substituí-los, se o contexto pragmático estiver claro para o falante. Mas ainda assim, o uso preferencial é o do zero. Parece-me que há um caso de distribuição complementar entre **ta** e outros nomes também.

O grupo de demonstrativos pode ocorrer como uma locução nominal com uma palavra interrogativa (ou indefinida). Uma locução nominal incluindo um demonstrativo pode ocorrer nas funções S_a, A e O.

No exemplo (61), o demonstrativo **ita** substitui o nome **tũmtũm** 'capivara'. O contexto de sua ocorrência é o seguinte: o Sol caçou dois desses animais e deu o mais magro para a Lua, que ficou cobiçando o animal do Sol, porque este era mais gordo; a Lua começa a reclamar e a pedir ao Sol que lhe dê o gordo. Neste exemplo, o demonstrativo ocorre como uma locução nominal plena em função de objeto:

- (61) tama! rĩ ita a- mē hõr
 Espera! já Dem 2- Dat dar+Pas
 'Espera! Eu já te dei este.'

Nos exemplos (62) e (63), o demonstrativo aparece nas locuções nominais **ituware ita** 'este sobrinho' e **mpo ita** 'esta coisa', sendo que em (62) ele ocorre em função S. A ordem V-S é um recurso de ênfase, muito usado em textos.

- (62) mĩti kēm: tayma ituware ita
 jacaré Posp desaparecer sobrinho Dem
 'O Jacaré (perguntou): onde está aquele sobrinho?' *lit.* 'O Jacaré (perguntou): Aquele sobrinho desapareceu?'

No exemplo (63), não há um verbo na primeira sentença do período, muito embora a estrutura seja a mesma de um verbo do tipo S_{io}, cujo significado é 'Jê, me dá essa coisa'. Por essa razão analiso a locução nominal **mpo ita** 'esta coisa' como estando em função O:

- (63) ʒe, i- mē mpo ita
 Voc 1- Dat coisa Dem
 'Jê, me dá esta coisa'

No exemplo (64), o demonstrativo está ocorrendo em função A, estando marcado, inclusive, pelo caso ergativo:

- (64) ita te i- kakwĩn
 Dem Erg 1- bater
 'Isto me bateu'

O exemplo (65), em que aparece o **ta**, foi registrado numa situação real de comunicação. Durante minha primeira viagem ao campo, os Parkatêjê resolveram realizar a "Festa do Milho Verde", que não faziam já havia bastante tempo. Como parte da preparação para a festa, todos deveriam ter os cabelos cortados e o corpo pintado de urucum. Assim sendo, fui convidada a ter o cabelo cortado, o que todos viram, e o Japenprãmti foi o responsável pelo corte. Depois, algumas mulheres perguntaram-me quem havia cortado meu cabelo. Como ele estava bem perto de nós, aponte-i-o e perguntei como deveria dizer na língua 'ele que cortou pra mim'. Assim obtive o exemplo (65), um dos únicos dados do corpus em que o **ta** ocorre como pronome de terceira pessoa:

- (65) ta pe i- mē toho
 Dem 1- Dat cortar.a.franja
 'ele cortou minha franja'

O exemplo (66) foi obtido numa conversa espontânea com o Capitão Krôhokrenhũm, que fez menção a um cachorro muito velho e querido que ele tivera. O exemplo é um predicado nominal, pois o verbo **pêr** 'farejar' está nominalizado pelo sufixo **-kate**. A forma verbal nominalizada é usada predicativamente, portanto a locução nominal contendo o demonstrativo está em função S:

- (66) rōp ita kukrīt pēr-kate
cachorro Dem anta farejar-Nom
'este cachorro é farejador de anta'

No exemplo (67) o demonstrativo ocorre modificando o nome indefinido **mpo**:

- (67) mpo ita kutʃuəy nīre
Ind Dem cheirar.bem Intens
'esta coisa está cheirando muito'

No exemplo (68), o demonstrativo está em função O, ocorrendo sozinho como uma locução nominal plena:

- (68) ʒūm te ita pīr
Int Erg Dem matar
'Quem matou isso?'

No exemplo (69), o demonstrativo aparece em função de sujeito e foi coletado durante uma aula de Parkatêjê para crianças. O professor Piare estava mostrando alguns instrumentos tradicionais. Nota-se novamente que a posição do demonstrativo não é pós-nominal, mas sim pré-nominal. Caso o demonstrativo estivesse em posição pós-nominal, a interpretação seria "esta faca", como uma locução nominal, como no exemplo (70):

- (69) ita key
Dem faca
'Isto é faca'

- (70) key ita
faca Dem
'esta faca'

Os demonstrativos também podem ser usados para designar algum evento, fato ou pessoa conhecidos do falante e do ouvinte, como mencionamos anteriormente. Um dia, uma de minhas muitas "tias" da aldeia resolveu me ensinar algumas palavras relacionadas a partes sexuais do corpo humano. Depois, ela me pediu que não contasse nada a ninguém. Então eu lhe perguntei como dizer "eu vou guardar isso comigo", e ela deu-me o correspondente a "eu vou esconder isso". A forma do demonstrativo usada não foi **ita**, mas **ata**, conforme pode ser visto no exemplo (71):

- (71) wa mū ata amtʃu
eu Dem esconder
'eu vou esconder aquilo'

A forma **ata** aparece também em um período do texto mítico do Sol e da Lua. A situação é a seguinte: a Lua adoece e morre, e o Sol cuida de toda o ritual de preparação para o funeral – ele corta o cabelo dela, pinta o corpo dela com urucum, coloca-a num pedaço especial de madeira e deixa-a lá, pois não podia enterrá-la; depois disso, o Sol pede à Lua que mantenha tal ritual e que, caso ele venha a falecer, faça com ele exatamente o que ele fez com ela. Nessa parte do texto, os dois demonstrativos **ita** e **ata** ocorrem, como pode ser observado no exemplo abaixo, o qual é um longo trecho, mas que vale a pena ser analisado:

- (72) pe pia kat ʃer mōr katōr
PD Dub lua ir+Pas sair+Pas
'(Dizem que) A Lua saiu.'
pe itakēm tīk -re
PD hoje morrer+Pas Aten
'Ela morreu naquele dia.'
pāt mū tō mō nē kēm toho nē ku-krēn
sol fazer ir SS Posp cortar.franja SS Onc-pintar+Pa
ku-pen mū tō mō pērkrēt nē ku-tʃi
Onc-carregar+Pas fazer ir tronco SS Onc-colocar+Pas
'O Sol foi (atrás dela), cortou seu cabelo, pintou seu corpo com urucum, carregou-a e colocou-a num tronco.'
pe pia aiku kēm: ʒe, wa apanē nē tī
PD Dub PR Posp Voc eu adoecer SS morrer
ita nēhi
Dem mesmo
'Então o Sol disse: Jê, eu estou doente e vou morrer. Faz isto mesmo comigo! (o que eu fiz para ti)'
pe pia aiku kēm: ʒe, wa ka mū ata nēhi
PD Dub PR Posp Voc eu Fut Dem mesmo
'(E a Lua prometeu a ele): Jê, eu vou fazer aquilo mesmo!'

Em alguns exemplos, encontrei o demonstrativo **ita** (ou uma forma homófona) marcado pela posposição **kēm**, que, em geral, é associada ao caso locativo. No exemplo (73), a expressão **ita kēm** tem o significado temporal relativo ao momento da enunciação:

- (73) wa ka ita kēm mēōkreɸoy
eu Fut hoje cantar.ritualisticamente
'eu vou cantar hoje'

Há ainda demonstrativos adverbiais, os quais serão tratados na seção dos advérbios.

1.2.5. Pronomes indefinidos

Elementos de várias ordens estão reunidos nessa subclasse que abrange: (i) a forma **mēkwē** 'alguém/alguns', (ii) os quantificadores (todos, muitos, poucos) e (iii) os numerais. Os critérios utilizados para juntar esses elementos são de base morfossintática e semântica.

Do ponto de vista do significado, esses elementos podem ser considerados ou como quantificadores ou como determinantes. Distribucionalmente, a forma **mēkwē**, por exemplo, comporta-se como um pronominal, somente ocorrendo em posição de argumento nuclear:

- (74) mēkwē tēm kuwe pār mēkwē tēm
alguns ErgPl arco Onc-pegar+Pas alguns ErgPl
katōk pār
espingarda Onc-pegar+Pas
'alguns pegaram arcos, alguns pegaram espingarda'

- (75) i- te mēkwə pupun
 1- Erg alguns Rel-ver+Pas
 'eu vi alguns'

Já os quantificadores e os numerais têm um comportamento misto — funcionando ora como pronominais, ora como modificadores de nomes. Não foram observadas quaisquer diferenças no uso dos quantificadores com relação a entidades contáveis ou não-contáveis, nem diferenças quanto à constituição dessas entidades (sólido ou líquido, por exemplo).

Os quantificadores que verifiquei em Parkatêjê são: **kunĩĩ** 'tudo' (**kunĩĩ** 'todos' para indivíduos não-animados; **mēkunĩĩ** para elementos animados); **kwə**, cujo sentido pode ser 'vários; um pouco; um pedaço', dependendo do tipo de nome com o qual tal quantificador se relaciona, daí a razão de esta análise considerá-lo um quantificador indefinido.

Em Parkatêjê, essas palavras são usadas como modificadores do nome em locuções nominal e adnominais, ocorrendo após o nome que elas modificam. Essas palavras constituem uma classe fechada de elementos que, como foi dito anteriormente, ocorrem em posição pós-nominal. Não há registros de ocorrências de tais palavras em locuções possessivas, mesmo tendo sido o núcleo nominal omitido; elas tampouco ocorrem com os sufixos **-rē** / **-ti**, à exceção do numeral **pĩtʃit** 'um ou sozinho', que aparece em alguns contextos com **-rē**.

Observando os exemplos (76), (77) e (78), verifica-se que **kwə** aparece modificando nomes de animais em função O:

- (76) mē mpĩ -tē kaprēn kwə 3- apēn
 Pl homem -Erg jabuti Quant Rel- achar
 'os homens acharam muitos jabutis'

- (77) i- tēm to kra kwə koran
 1 ErgPl fazer paca Quant matar.com.tiro
 'nós matamos muitas pacas'

- (78) i- tē pītēkti kwə ren
 1 Erg mutum Quant matar.com.flecha
 'eu matei vários mutuns'

Em (79) e (80), **kwə** aparece em estruturas com o dativo, que, embora não tenham o verbo 'dar', conferem esse sentido às construções. Em ambos os contextos, **kwə** refere-se ao núcleo nominal **kuputi** 'um tipo de beiju', o qual somente aparece na oração (80):

- (79) i- mē kwə
 1- Dat Quant
 'me dá um pedaço'

- (80) i- mē kupu kwə wa ku-ku
 1 Dat kuputi Quant e u Onc-comer
 'me dá kuputi para eu comer'

Na sentença (81), o quantificador **kwə** refere-se à locução nominal **he** 'fio', como um modificador:

- (81) i- mē he kwə
 1 Dat fio Quant
 'me dá um pedaço do fio'

No exemplo (82), o quantificador **kwə** refere-se à locução nominal **kotĩkre** 'café':

- (82) airom, ma ku kotĩkre kwə toikō
 NPr Exort Du café Quant beber
 'Airom, vamos tomar um pouco de café?'

Da mesma forma que **mēkwə**, o indefinido **mēkunĩĩ** comporta-se como um pronominal, ocorrendo em posição de argumento nuclear:

- (83) mēkunĩĩ i- tēm Piare pupūn mē tē
 todos 1 ErgPl N.Pr. Rel-ver+Pas DS Erg
 mē i- pupun inũarē
 1PlExcl Rel-ver+Pas Neg
 'todos vimos o Piare, mas ele não nos viu'

Não foi verificada a ocorrência de numerais nem de quantificadores com o sufixo nominalizador **-tʃē** nem com o sufixo agentivo **-kate**.

Até onde pude investigar, as palavras para numerais cardinais em Parkatêjê vão de um a três apenas: (1) **pĩtʃit** 'um', algumas vezes usado com o sentido de 'sozinho', (2) **aikrut** 'dois' e (3) **hito** 'três'.

pĩtʃit	'um'
aikrut	'dois'
hito	'três'

Depois disso, em geral, os falantes referem-se a **kumey** ou **yaretete** 'muitos', ou ainda fazem uma justaposição de elementos, a fim de especificar a quantidade superior a três:

aikrut aikrut mē	'quatro'	lit.	'dois e dois'
aikrut hito mē	'cinco'	lit.	'dois e três'
hito hito mē	'seis'	lit.	'três e três'
aikrut aikrut hito mē	'sete'	lit.	'dois, dois e três'

Entretanto, atualmente, em razão do contato diário da comunidade indígena Parkatêjê com a língua portuguesa, há uma preferência pelo uso dos numerais em português, quando é necessário especificar numerais acima de três, talvez como uma forma de evitar as justaposições, conforme se pode observar no exemplo abaixo:

- (84) mē 3- õ krĩ kēm katire kwatru
 Pl Rel- coisa aldeia Loc igarapé quatro
 'há quatro igarapés na nossa aldeia'

1.2.6. Formas interrogativas

As palavras interrogativas em Parkatêjê formam uma classe fechada de formas livres e, dependendo do constituinte ao qual se ligam, podem receber algumas marcas próprias daquele tipo de constituinte, como, por exemplo, as posposições locativas, o dativo e o malefativo. Esse conjunto de palavras abrange pronomes e advérbios.

Em Parkatêjê, são pronomes interrogativos as formas (a) **zũm** 'quem' e (b) **mpo**, um nome indefinido, que em alguns contextos pode ser traduzido por 'coisa' e em contextos interrogativos é usado para 'que', substituindo nominais semanticamente inanimados. Da mesma forma que os nomes, ambos, **zũm** e **mpo**, podem receber a marcação de caso pertinente e constituir o núcleo da locução nominal.

Verifiquei a ocorrência de **(ka)pia**, cuja função primordial é marcar um constituinte interrogativo. Com essa partícula, pode ocorrer um nome indefinido como **mpo**, por exemplo, em expressões do tipo **mpo ka pia** ou ainda **mpo pia** para se perguntar 'o quê?'. Em outros contextos, **pia** assume um sentido dubitativo. Usando-se somente a forma **pia**, pode-se ainda interrogar um constituinte nominal, como nos exemplos abaixo:

- (85) pia yarkore?
Dub NPr
'(onde está) Jarkore?'

- (86) pia kotay?
Dub cupuaçu
'(onde está) cupuaçu?'

Os exemplos mostram ainda que, entre as partículas **ka** e **pia**, podem ocorrer outros morfemas, cuja função e sentido não estão bem compreendidos. Por isso, no presente estudo, mantive as duas formas separadas. No corpus analisado, todavia, não há exemplos de **ka** ocorrendo sozinho com o sentido de partícula interrogativa. Ainda assim descarta-se a possibilidade de ser esse morfema o pronome livre de segunda pessoa do singular, formalmente idênticos, por haver exemplos como o que está abaixo apresentado. No exemplo (87), embora apareça a forma **ka**, a referência não é à segunda pessoa do singular.

- (87) ka pia mē i- wār mōr
Int Dub 1PIExcl Dir vir+Pas
'quem chegou?' *lit.* 'quem veio a nós?'

Uma questão a ser ainda aprofundada em estudos posteriores é o mecanismo de marcação de pessoa utilizado pela língua em interrogativas, visto que, em muitos casos, aparentemente a questão se resolve pelo contexto pragmático.

Há uma subclasse de palavras interrogativas para lugar, com formas distintas, dependendo da especificação do lugar, marcadas por posposições. O comportamento morfossintático dessas palavras é adverbial. Há ainda a partícula **ya**, usada tanto para perguntas sim/não quanto para perguntas alternativas.

No quadro abaixo, pode-se observar o conjunto brevemente descrito acima:

Quadro 9: Formas interrogativas

Formas interrogativas	
zũm	'quem?'
zōrĩ	'onde?'
zōpĩ	'de onde?'
zōnē	'para onde?'
mpo nē	'por quê?'
mpo (ka) pia	'o que?'
mē ke pia	'quando?'
mē pia	'o que é?'
mē nē pia	'de que modo?'
mē ka pia	'qual?'

A palavra **zũm** é um pronome interrogativo cujo referente tem o traço semântico [+humano]. Tal elemento pode substituir o possuidor de uma locução possessiva (como em (88)), o núcleo de uma locução nominal em função de sujeito A (como em (89) em que recebe a marca de caso ergativo **tε**), a locução nominal em função S (como em (90)) e a locução nominal objeto (que aparece marcada pelas partículas **ka pia** em (91)):

- (88) zũm 3- ō kre?
Int Rel- Pos casa
'de quem é essa casa?'
- (89) zũm tε tō kra koran?
Int Erg paca matar
'quem matou paca?'
- (90) zũm mū mōr
Int ir+Pas
'quem foi?' (para Marabá)
- (91) zũm ka pia a- tε hōpun
Int Int Dub 2- Erg Rel-ver+Pas
'quem tu viste?'

O pronome interrogativo **zũm** pode vir modificado por **apiri** (que com verbos ocorre como partícula de aspecto iterativo), como no exemplo (92), bem como pela partícula enfática **nare** como em (93).

- (92) apiri zũm
Iter Int
'quem mais?' para a pergunta 'quem mais veio de Marabá no caminho?'

- (93) ʒũm nare?
Int Enf
'quem mesmo?'

Em resumo, ʒũm apresenta características morfossintáticas intermediárias entre as características de nomes e pronomes.

Encontrei três formas na língua para fazer perguntas relacionadas à noção de lugar: (i) ʒõrĩ 'onde', (ii) ʒõpĩn 'de onde' e (iii) ʒonã 'para onde'. Elas ocorrem com as partículas interrogativas **ka pia** e, da mesma forma que ʒũm, ocorrem em posição sentencial inicial. No exemplo (99), o nome **krĩ** 'aldeia' aparece modificado por ʒõpĩn, cuja posição nesse caso é pós-nominal, em concordância com a ocorrência de outros modificadores na língua. O sentido de tal locução é 'de qual aldeia'.

- (94) ʒõrĩ ka pe pia a- kato?
onde Int PD Dub 2 nascer
'onde tu nasceste?'
- (95) ʒõrĩ pia kato?
onde Dub nascer
'onde ela nasceu?'
- (96) ʒõpĩn pe pia mō?
Int PD Dub ir
'de onde ela veio?'
- (97) ʒõrĩ ka pia a- tɛ tɔ koran?
onde Int Dub 2- Erg fazer matar
'onde tu mataste?' (a paca)
- (98) ʒõrĩ ka pia apu mō?
lugar Int Dub Cont ir
'de onde tu vens vindo?'
- (99) krĩ ʒõpĩn ka pia mō?
aldeia Int Int Dub ir
'de qual aldeia tu vieste?'

De acordo com o que mencionei no início desta seção, há, em Parkatêjê, dois conjuntos de partículas interrogativas: (i) **ka pia** e (ii) **ya**. Ambas ocorrem preferencialmente em primeira posição. O uso de **ya** parece ser mais restrito.

Ao que tudo indica, **ka pia**, conforme já observei acima, parece poder incidir em quaisquer constituintes que estejam em seu escopo.

Os exemplos de (100) a (104) ilustram o fato de **ka pia** ser um mecanismo usado, em conjunto com o padrão entonacional apropriado, para marcar sentenças interrogativas. Todas as orações estão com os seus argumentos presentes, sendo atestada a presença de **ka pia** como recurso parcial de marcação de sentenças interrogativas:

- (100) ka pia tumtum a-krẽ inũare?
Int Dub capivara 2-comer Neg
'tu não comes capivara?'
- (101) ka pia a- rĩ belem wĩr mōr?
Int Dub 2- já NPr Dir ir+Pas
'tu já foste a Belém?'
- (102) ka pia a- rĩ rop krõri pupũn?
Int Dub 2- já onça pintada Rel-ver+Pas
'tu já viste onça pintada?'
- (103) rop krõri ka pia a- rĩ hõmpun?
onça pintada Int Dub 2 já Rel-ver+Pas
'onça pintada, tu já viste?'
- (104) ka pia itapa apĩ nẽ mẽ i- wĩr mō
Int Dub sentir.saudades voltar Loc 1PlExcl Dir ir
'vocês vieram nos ver porque estavam com saudades?' *lit.* 'vocês voltaram por sentir saudades e vieram a nós?'
- Conforme mencionei também no início desta seção, **ka pia**, ocorrendo com uma palavra indefinida como **mpɔ**, adquire o sentido 'que?'.
(105) mpɔ wĩr ka pia are a- mũ tẽ?
Ind Dir Int Dub Enf 2- ir
'o que tu vais fazer lá?' (em Belém)
- (106) mpɔ ka pia a- tɛ ku- krẽr ita kẽm?
Ind Int Dub 2- Erg Onc- comer+Pas hoje
'o que tu comeste hoje?'
- (107) mpɔ ka pia are a-krẽ apẽ nẽ?
Ind Int Dub Enf 2-comer amanhã
'o que tu vais comer amanhã?'
- (108) mpɔ ka pia are koran prẽm?
Ind Int Dub Enf matar querer
'o que tu queres matar?' (na caçada)
- (109) mpɔ ka pia y-arẽn?
Ind Int Dub Rel-dizer
'o que ela disse?'

Já para perguntas relacionadas à noção temporal 'quando', temos a ocorrência de **mẽ** **ke pia**, que parece ter um padrão de ocorrência diferente do padrão de **ka pia** no que se refere à sua distribuição. De acordo com o que foi visto acima, **ka pia** ocorre à direita do

constituente ao qual se refere, enquanto o conjunto, **mē ke pia**, ocorre à esquerda dos constituintes que são alvo da interrogação, como se pode verificar no exemplo (110):

- (110) mē ke pia aikati ka ka amñē mō?
 Int Dub dia tu Fut para.cáir
 'que dia tu vens para cá?'

Para se perguntar sobre a razão ou o motivo de determinado evento ou ação, usa-se **mpo nē** 'por quê?'

- (111) mpo nē ka pia arē apu mra?
 Ind Enf Int Dub Enf Cont chorar
 'Por que tu estás chorando?'

- (112) mpo nē ka pia arē aiken?
 Ind Int Int Dub Enf rir
 'Por que elas estão rindo?'

- (113) mpo nē pia arē marilia kaprĩ-rē?
 Ind Int Dub Enf NPr estar.triste
 'Por que a Marília está triste?'

A palavra **mpo** é usada em questões do tipo 'que', tanto para responder a um chamamento quanto para identificar objetos. Se alguém chama uma outra pessoa, comumente essa responde '**mpo**?', no sentido de 'o que é?'.
 (114) mpo narē?
 Ind Enf
 'o que mesmo?'

Quando **mpo** é usada como recurso para perguntar sobre a identificação de objetos, essa palavra virá associada a **mē pia**. Uma hipótese quanto ao sentido literal dessa construção é algo do tipo 'para coisa, questão?'. Trata-se de uma forma perifrástica, como, aliás, todas as formas interrogativas em Parkatêjê, que são constituídos de mais de um morfema, tornando, muitas vezes, árdua a tarefa de 'decifrar-lhes' o sentido isolado.

- (115) mpo mē pia?
 Ind Dat Dub
 'o que é?'

Para fazer perguntas sobre a identidade de pessoas, usa-se a palavra interrogativa **zũm**, também associada a **mē pia**:

- (116) zũm mpi mē pia?
 Ind homem Int Dub
 'quem é (esse) homem?'

Já para a noção 'de que modo?', usam-se, em Parkatêjê, as formas **mē na**, associadas ou não a **(ka) pia**. Ainda não está completamente clara a significação e o uso dessas formas, havendo necessidade de investigá-las mais criteriosamente.

- (117) mē na tē tō?
 Int Int Erg fazer
 'como ele foi feito?'

- (118) mē ka pia mē por nēto?
 Int Int Dub Pl bolo fazer
 'como se faz bolo?'

A outra partícula interrogativa da língua é **ya**, que ocorre sempre em primeira posição e parece ser usada tanto para perguntas do tipo sim/não quanto para perguntas alternativas – aquelas em que se oferecem duas possibilidades ao interlocutor. Como já foi expresso anteriormente, o uso dessa partícula parece ser restrito a esses dois tipos de ambientes, sendo ainda possível que orações alternativas apareçam marcadas somente pelo padrão de entonação ascendente-descendente.

- (119) ya rĩ api mē a- kator?
 Int já voltar Loc 2- chegar+Pas
 'você já voltou?' *lit.* 'você já voltou e chegou?'

- (120) ya kĩmē zĩ ka a- tē tō koran?
 Int Cont estar.sentado tu 2- Erg fazer matar+Pas
 'ela estava sentada (quando) tu a mataste?' (a paca)

- (121) ya a- tē yat̚ʃu koran?
 Int 2- Erg veado matar+Pas
 'tu mataste veado?'

- (122) ya a- tē nō pĩr inũare?
 Int 2- Erg um matar+Pas Neg
 'tu não mataste nenhum (bicho)?'

- (123) ya a- tē mpo pĩr
 Int 2- Erg Ind matar+Pas
 'tu mataste (alguma) coisa?'

- (124) ya mũ a- tē prĩnti nō kupan?
 Int 2- Erg piquiá um roer
 'tu comeste algum piquiá?'

1.3. Verbos

Os verbos em Parkatêjê ocorrem prototipicamente como núcleos de predicados e estão associados às categorias de tempo, aspecto e modo, as quais não são marcadas na raiz verbal, mas são codificadas por partículas que ocupam determinadas posições na sentença em relação ao constituinte verbal. Partículas pós-verbais indicam negação e ênfase.

O verbo recebe os sufixos de aumentativo ou diminutivo que podem referir-se às propriedades do sujeito ou do objeto, por exemplo, como um atenuativo, dependendo do tipo de verbo ao qual se agregam, ou ainda indicar ênfase na ação verbal. Os verbos podem sofrer derivações que mudam a sua valência (operações de causativização, construções reflexiva e recíproca e passivização) e participar de construções seriais. Propriedades morfossintáticas e semânticas permitem distinguir duas classes maiores de verbos em Parkatêjê: os ativos e os estativos ou descritivos ou ainda não-ativos, o que Araújo (1989:84) chamou de divisão binária dos verbos. Ainda segundo Araújo (1989:104), “dentre os (verbos) ativos há, ainda, uma divisão binária entre os que têm forma longa quando a sentença é marcada para tempo passado/aspecto completo e os que têm forma única”.

Pelo número de argumentos que admitem, distinguem-se a subclasse de verbos intransitivos – que apresenta um só argumento nominal (S) e que inclui uma subclasse de verbos ativos e todos os descritivos – e a subclasse dos verbos transitivos (ativos) – que, além de um nominal em função de sujeito (A), admite um segundo nominal em função de objeto (O).

Os verbos ativos do Parkatêjê apresentam propriedades também observadas em outras línguas Jê. Apresentam duas formas, as chamadas formas longas e formas curtas. A existência dessas formas é atestada em línguas como o Apinajé (Callow, 1962), o Kayapó (Trapp, 1968²⁰; Ferreira, 1994; Reis Silva e Salanova, 1998), o Canela-Krahô (Popjes e Popjes, 1986), o Suyá (Santos, 1997), o Panará (Dourado, 2001) e o Apaniêkrá (Alves, 2002). Para a análise do Parkatêjê, a terminologia parece um tanto confusa porque em certos contextos onde se espera que ocorra a forma “longa”, ocorre justamente uma forma mais curta, como é o caso do verbo *yarên / arên* ‘dizer’, em alguns contextos a serem melhor definidos. Além disso, alguns verbos, aparentemente, apresentam pelo menos três formas. No presente trabalho, defenderei que determinados verbos apresentam duas formas distintas, enquanto outros têm duas formas idênticas, que ocorrem em contextos diferentes, à maneira das primeiras. À primeira vista, a oposição entre essas formas parece referir-se à categoria de tempo ou mesmo à categoria aspecto-temporal, pelo menos é o que se depreende dos dados da língua Parkatêjê. Os contextos de ocorrência da forma longa são aqueles do passado perfectivo, em que o evento é compreendido como concluído, enquanto a forma curta marca o evento ainda em andamento. Os exemplos abaixo provêm de elicitación formal do arquivo da Profa. Leopoldina Araújo, posteriormente novamente elicitado por mim:

(125) i-te kotikti nēton
1-Erg café fazer+Pas
‘eu fiz café’ lit. ‘eu passei/coei café’

(126) wa kotikti nēto
eu café fazer
‘eu faço café’

(127) krophokrenhum nkrer
NPr cantar+Pas
‘Krôhókrenhũm cantou’

(128) krophokrenhum nkre
NPr cantar
‘Krôhókrenhũm canta’

²⁰ Trapp (1968) trata essas formas como ativas e descritivas. Ao que tudo indica, para ele, as formas curtas seriam as ativas e as longas, as descritivas.

Verifica-se ainda a existência dos chamados “prefixos relacionais” em línguas como o Kayapó (Borges, 1995 e 1996; Salanova, 1999), o Panará (Dourado, 1993), o Suyá (Santos, 1997), o Canela-Krahô, embora Popjes e Popjes (1986) ofereçam uma outra análise para a ocorrência, que foi revista por Rodrigues (1990). Uma análise cuidadosa de uma língua como o Parkatêjê revela que esses prefixos relacionais fazem parte de um sistema bem desenvolvido de marcação obrigatória da relação entre núcleos e argumentos (o nome possuído e o possuidor; o objeto direto e o verbo transitivo e o sujeito e o verbo descritivo (S_o e S_{io})), mesmo que esses argumentos sejam indefinidos ou indeterminados.

Os verbos também se diferenciam em função de sua ocorrência com os elementos pronominais: se ocorrem com os pronomes livres, são verbos ativos, e se ocorrem com os pronomes dependentes, são verbos estativos ou descritivos. A ocorrência dos prefixos relacionais com os verbos se dá de maneira análoga à ocorrência desses elementos com os nomes.

Há construções seriais na língua, as quais são constituídas de dois verbos, indicando diferentes possibilidades semânticas ligadas a nuances aspectuais e modais. Alguns verbos admitem incorporação de nomes e posposições²¹. Neste trabalho, descreverei a incorporação de nomes, mas não ainda a de posposições, embora tenha evidências muito claras de que essa ocorrência é produtiva na língua.

1.3.1. Classes de verbos: intransitivos, intransitivos estendidos, transitivos e transitivos estendidos e verbos posicionais

Nesta seção, descreverei minha proposta de análise das classes de verbos em Parkatêjê.

1.3.2. Verbos intransitivos

Verbos intransitivos em Parkatêjê podem ser basicamente de dois tipos: os intransitivos simples, cujo papel nuclear corresponde ao sujeito (S), e os intransitivos estendidos, que, além do sujeito, apresentam um constituinte oblíquo.

1.3.3. Verbos ativos e verbos descritivos

Semanticamente, os verbos intransitivos podem ser de dois tipos: os verbos ativos (ou de ação), e os verbos descritivos (estativos ou não-ativos), conforme sua possibilidade de ocorrência com os pronomes livres (verbos ativos) ou com os pronomes dependentes (verbos não-ativos). No decorrer do trabalho, os verbos ativos serão representados por verbos S_a, os verbos descritivos, por S_o, e os verbos do tipo ‘gostar’, ‘ter.sede’ por S_{io}, de acordo com Dixon (1991:268).

De um modo geral, essa distinção formal se correlaciona semanticamente. Os verbos ativos são aqueles cujo sujeito manifesta volição ou controle, ao passo que os sujeitos de verbos descritivos não apresentam essa característica.

Dois exemplos de verbos ativos são: *tê* e *mõ*, dois verbos S_a para a noção ‘ir’²². A diferença semântica entre eles ainda não está clara, visto que ambos ocorrem em muitos

²¹ Dourado (2001) é o primeiro trabalho a descrever fenômenos de incorporação de posposições e de construções seriais em uma língua Jê.

²² Araújo (em comunicação pessoal e em notas de seu arquivo) explica que os informantes argumentam que quando se diz *tê* é ‘porque se vai e não volta’ e quando se diz *mõ* significa o contrário, ou seja, a “ida” a algum lugar é breve. Alguns informantes chegaram a me dar a mesma explicação, porém acredito que deve haver outras razões para a existência dos dois

contextos semelhantes. Uma das diferenças observadas entre tais verbos é o fato de **mõ** poder ocorrer em construções verbais seriais, enquanto **tẽ** não ocorre nesses contextos. A diferença entre 'ir' e 'vir' é marcada por adjuntos adverbiais, do tipo **amnẽ** 'para.cá'.

- (129) wa mũ tẽ
eu ir
'eu vou'

- (130) wa mũ mõi
eu ir
'eu vou'

Outros verbos intransitivos ativos são: **prõt** 'correr', **hõkrepy** 'cantar ritualisticamente', **kato** 'sair', **krõmẽn** 'cortar todo o cabelo'. Os verbos posicionais semanticamente descrevem a posição física que algum objeto ou entidade pode assumir e comportam-se em Parkatêjê como **S_a**. Eles são os seguintes:

nõ 'estar.em.posição.horizontal'

tʃe 'estar.em.posição.vertical'

ʒe 'estar.em.posição.sentada'

kuʔuve 'estar.de.quatro' (à semelhança de animais quadrúpedes)

Da mesma forma que os verbos ativos, eles podem coocorrer com as partículas aspecto-temporais. Além disso, os verbos posicionais ocorrem como elementos constituintes de construções seriais verbais, indicando noções aspectuais.

Os verbos **S_o** são aqueles que denotam estados e/ou qualidades, como **mpɛy** 'ser.bom' ou 'ser.bonito', **ripti** 'ser.alto', **kanẽ** 'estar.doente', **nkrĩk** 'estar.aborrecido', **kahak** 'ser.ruim', **krãnẽ** 'ser.baixo', **akoto** 'ser.baixo', **nkrirẽ** 'ser.pequeno', **h-ukaprĩn** 'ser.bom', **h-ihire** 'ser.magro', **h-ikoto** 'ser.gordo', **tɛyti** 'ser.duro', **rɛrɛk** 'ser.mole', **karẽti** 'ser.limpo', **põk** 'ser.sujo', **kakro** 'estar.quente', **ntuwa** 'ser.novo' e **tũm** 'ser.velho'.

- (131) a- krɛyapap ateti
2- nuca ser.enrugada
'a tua nuca é enrugada!'

- (132) a- mpɛy
2- ser.bom
'tu és bom'

1.3.4. Descritivos e verbos

Conceitualmente os verbos descritivos do Parkatêjê correspondem, grosso modo, às noções expressas por adjetivos em línguas indo-europeias, sendo que a maioria deles pode ocorrer como modificadores tanto de nomes quanto de verbos, o que Araújo (1989:103) trata como função especificadora (de adjetivo propriamente dita) e como atributiva (de verbo). Por

verbos. Uma delas é que, numa escala de intransitividade, **tẽ** pode ser mais intransitivo que **mõi**, daí a razão de o primeiro não poder fazer parte de construções seriais verbais, por exemplo.

essa razão, a tradução com os verbos 'ser' e 'estar' da língua portuguesa pode, às vezes, obscurecer o sentido em Parkatêjê.

Por suas características, os descritivos não apresentam propriedades morfológicas e sintáticas peculiares que permitam suficientemente seu tratamento como uma classe de "adjetivos", o que diferencia a análise ora apresentada da de Araújo (1989: 61-62 e 103, em que ela inclui os numerais como 'adjetivos') bem como da de Ferreira (2001c:161).

Embora ocorram com a série de pronomes dependentes da língua, à maneira dos nomes nas locuções genitivas, os verbos descritivos são entendidos nessas construções como predicados estativos.

Os descritivos, quando em uma configuração de predicado verbal, podem compartilhar propriedades morfossintáticas com os verbos – em particular os intransitivos: (i) ocorrem com partículas de aspecto, comuns a verbos intransitivos ativos e transitivos (como em (133) e (134)); (ii) recebem a mesma forma de negação que os verbos ativos (como em (135)); (iii) algumas formas imperativas desses verbos também assemelham-se às dos verbos ativos (como em (136)):

- (133) rĩ i- tũm -rɛ
já 1- ser.velho Aten
'eu já estou velho'

- (134) rĩ i- kator
já 1- chegar+Pas
'eu já cheguei'

- (135) i- nkrĩk inũarɛ
1- estar.zangado Neg
'eu não estou zangado'

- (136) mũ a- nkrĩk inũarɛ
Rog 2- estar.zangado Neg
'não fica zangado'

Todavia, os descritivos exibem pelo menos uma diferença significativa em relação aos verbos ativos: eles podem funcionar como modificadores verbais. (cf. exemplo (176) em que o verbo **tik** aparece funcionando como descritivo)

1.3.5. Descritivos e nomes

À semelhança dos nomes, os descritivos ocorrem com os pronomes dependentes e com os prefixos relacionais. Estes últimos também ocorrem com os verbos transitivos, conforme será mostrado adiante.

Os descritivos podem ocorrer como modificadores de nomes, mais geralmente formando compostos com esses elementos.

- (137) ko.tĩkre
água.ser.escur
'café' lit. 'água escura'

Em contextos especialmente elicitados, encontraram-se exemplos de uma locução nominal formada por um descritivo como seu único elemento constituinte.

- (138) i- mē ntuwa hō
 1- Dat nova dar
 'me dá a nova' para o contexto 'me dá a faca nova'

Retomando os primitivos teóricos, que ocorrem como locuções nominais em funções nucleares com verbos intransitivos (S) e com verbos transitivos (A e O), Onishi (2001:2-3) argumenta que, quase toda língua, independentemente do tipo de padrão de marcação de caso em que se agrupe, apresenta um certo grupo de predicados que requer um tipo de marcação não-canônica sobre determinada locução nominal nuclear. A forma pela qual esse argumento deve ser tratado, se S, A, O ou E²³, é uma questão bastante controversa, que varia de língua para língua, dependendo de seus próprios critérios morfossintáticos e semânticos.

Em Parkatêjê, há uma subclasse de verbos de marcação não-canônica. Com base nos critérios observados na língua e nas observações tipológicas de Onishi (2001), pode-se dizer que tais verbos comportam-se como intransitivos, sendo uma subclasse dos verbos estativos.

Essa divisão interna entre aqueles verbos se explica tanto morfossintática quanto semanticamente: (i) os verbos que são do tipo S₀, isto é, que ocorrem somente com os pronomes dependentes, semanticamente designam estados e qualidades, como já visto anteriormente; (ii) os verbos do tipo S₁₀, são aqueles que ocorrem com os pronomes dependentes marcados por posposição do caso dativo, ou seja, o único argumento de verbos desse tipo recebe marcação não-canônica.

Onishi (2001:25) apresenta uma classificação semântica para os tipos de predicados de verbos de marcação não-canônica. Aqueles verificados em Parkatêjê pertencem à classe Ia e à classe Ib. A classe Ia contém verbos de um lugar com o S afetado e expressam estados fisiológicos/eventos, tais como: *kr̥* 'estar.com.frio', *kakr̥* 'estar.com.calor', *koru* 'ter.sede', *h-ēn* 'ter.dor'. A classe Ib exprime sentimentos e experiências psicológicas: *kupati* 'estar.com.medo', *kīn* 'gostar', *h-ēn* 'achar (algo) saboroso' e *h-ape* 'ter.piedade'. Verbos como *h-ēn* 'ter.dor', *kupati* 'estar.com.medo', *kīn* 'gostar', *h-ēn* 'achar (algo) saboroso' e *h-ape* 'ter.piedade' podem aparecer em estruturas sentenciais com uma locução nominal em função de objeto, da mesma maneira que o verbo *prēm*, conforme será visto adiante.

Esses predicados requerem pelos menos uma locução nominal marcada não-canonicamente, a qual indica o Paciente/Experienciador, que é fisicamente afetado pelo estado ou evento descrito pelo predicado.

Conforme Onishi (2001), o status dos argumentos marcados não-canonicamente é determinado pelas várias propriedades sintáticas que eles exibem. Em Parkatêjê, observo que o argumento dos verbos S₁₀ ocorre de maneira paralela aos argumentos E de verbos bitransitivos como 'dar'. A marcação de caso é idêntica, bem como a semântica desses argumentos. Observem-se os exemplos (139) e (140) – o primeiro focalizando o argumento de um verbo S₁₀ e o segundo, o argumento E de um predicado de um verbo como 'dar', que é bitransitivo:

- (139) i- mē prēm nīre
 1- Dat ter.fome Intens
 'eu estou com muita fome'

²³ Estou utilizando o símbolo E (*Extension to core*) para os argumentos não-A e não-O de um verbo transitivo estendido, segundo Dixon (1991).

- (140) Jorge aiku i- mē ho hōr
 Jorge PR 1- Dat folha dar+Pas
 'Jorge dava dinheiro para mim'

Conforme a tipologia sugerida por Onishi (2001), para predicados dessa natureza, a classe III reúne uma série de cinco subtipos de verbos secundários de dois lugares com significados modais. Em Parkatêjê, nessa classe, inclui-se o verbo *prēm*, em sua acepção 'ter.vontade (de algo)' ou ainda 'querer', que, de acordo com Onishi (2001:31), é um tipo de verbo comumente expresso por predicados com argumentos marcados não-canonicamente²⁴. O verbo em questão ocorre em construções verbais seriais com o sentido desiderativo. Para esse autor, verbos dessa natureza pedem uma oração complemento cujo argumento A ou S é correferente com o argumento A da oração principal ou ainda uma oração complemento com A ou S não-correferencial. Tais fatos, porém, necessitam ainda ser mais aprofundados futuramente. Contudo já se pode afirmar que o verbo *prēm* pode ocorrer em diferentes construções:

- (1) como verbo intransitivo, sem complemento:

- (141) i-mē prēm
 1-Dat ter.fome
 'eu tenho fome'

- (2) com uma locução nominal funcionando como seu complemento, especificando o seu significado:

- (142) i-mē tēp prēm
 1-Dat peixe ter.fome
 'eu estou com vontade de comer peixe' *lit.* 'eu tenho fome de peixe'

- (3) com outros verbos – o sentido do verbo *prēm* parece então ser completado pelo verbo com o qual ocorre. Disponho de dois exemplos desse tipo de construção verbal serial, cujo sentido é intenção – (em (143) e (144), o sentido é intenção):

- (143) i-mē tek prēm
 1- Dat jogar ter.vontade
 'eu estou com vontade de jogar'

- (144) mpo ka pia are koran prēm
 Ind Int Dub Enf matar querer
 '...o que tu queres matar ?...'

Para Onishi (2001:31), quando significados modais são expressos por verbos lexicais, como é o caso do Parkatêjê, é geralmente difícil determinar seu status de transitividade.

A classe V proposta por Onishi engloba verbos de posse, (não-)existência, falta e insuficiência. Em Parkatêjê, conforme será visto no capítulo sobre a sintaxe da língua, uma construção que envolve um argumento não-marcado canonicamente, por si só, dependendo do

²⁴ "wanting is commonly expressed by predicate(s) with non-canonically marked arguments" (cf. Onishi, 2001:31)

contexto, parece evidenciar o sentido de posse e/ou existência²⁵ (como no exemplo (145)), ou ainda de pedido, solicitação (como no exemplo (146)):

- (145) *kat̪y mē ãʔẽrẽ nĩrẽ*
tia Dat galinhaEnf
'tia tem muita galinha' ou 'para tia, muita galinha'

- (146) *i-mē kaper*
1-Dat bacaba
'me dá bacaba' *lit.* 'para mim, bacaba'

Esses predicados podem ser negados de várias maneiras. Ambos podem receber a partícula *inũarẽ* de negação, entretanto, no caso do exemplo (146), a ocorrência dessa partícula de negação ocasionará uma interpretação semântica diferente da oração na afirmativa. O predicado passará a ter somente o sentido existencial:

- (147) *i-mē kaper inũarẽ*
1-Dat bacaba Neg
'eu não tenho bacaba' *lit.* 'para mim, não (existe) bacaba'

Há, em Parkatêjê, um verbo existencial negativo *amrĩ*. Nos exemplos que por ora tenho analisado, *amrĩ* ocorre somente com um argumento, o qual é o sujeito da construção:

- (148) *ko amrĩ arẽ*
água NegExist Enf
'não tem água' *lit.* 'água não existe'

- (149) *a- kra amrĩ arẽ*
2 filho NegExist Enf.
'tu não tens filho' *lit.* 'teu filho não existe'

Os dados da língua revelam vários tipos de construção com *amrĩ*. Em um tipo, o verbo *amrĩ* ocorre com o pronome dependente marcado por um caso – o malefativo, em (150) – o que estaria em concordância com a análise de Onishi (2001). O exemplo (150) foi retirado de um diálogo espontâneo travado entre a Profa. Leopoldina e uma falante da primeira geração da língua, a Kuxuati. O sentido da construção é de posse. Observe-se que o sujeito da primeira oração tem o mesmo referente da locução nominal sujeito do verbo transitivo *nõwẽ* 'pedir' da segunda oração, evidenciado pela marca da *switch-reference*. O exemplo (150) foi obtido espontaneamente e em seguida elicitado para fins de análise:

- (150) *i- pe amrĩ arẽ nẽ wa narẽ*
1 Mal NegExist Enf. SS eu mesmo
a- nõwẽ
2 pedir
'eu não tenho e eu peço mesmo para ti' *lit.* 'em detrimento de mim não existe e eu peço mesmo para ti'

²⁵ Cf. Araújo (1989:88).

- (151) *int̪e pe amrĩ arẽ*
mãe de Ego Mal NegExist Enf
'eu não tenho mãe'

Uma outra construção é aquela em que *amrĩ* ocorre com um pronome, sem nenhum tipo de marcação. O sentido dessa construção é existencial, e o predicado é intransitivo. O exemplo é retirado de um longo texto sobre o mito de criação narrado por Krôhókrenhũm à professora Leopoldina Araújo, chamada na aldeia por todos de *Katy*. Como tradicionalmente se sabe, inícios de narrativas desse cunho não são facilmente analisáveis, porém é válido verificar a ocorrência de *amrĩ* em tal construção:

- (152) *hĩ, kat̪y. Pe pia aiku mēm̩kateze ita aiku*
sim Katy. PD Dub PR antigos Dem PR
pia mpa- amrĩ arẽ
Dub 1PlIncl- NegExist Enf
'Sim, Katy. Dizem esses antigos, dizem (que) nós não existíamos' *lit.* 'Sim, Katy. Dizem que (foi assim), esses antigos (contavam que) nós não existíamos'

Nos exemplos em que *amrĩ* aparece com o morfema de negação, o sentido da construção passa a ser afirmativo. O contexto em que o exemplo foi obtido é o seguinte: alguém pergunta a determinado indivíduo onde ele tem andado, pois não foi mais visto pelas pessoas da aldeia e obtém como resposta o enunciado (153). Os auxiliares de pesquisa concordam unanimemente com o contexto e o sentido em que o exemplo abaixo foi elicitado:

- (153) *i- amrĩ inũarẽ*
1- NegExist Neg.
'eu estou sempre presente'

De acordo com Onishi (2001:34), o conceito posse é comumente expresso por uma cópula existencial. Os predicados desse tipo requerem um possuidor marcado pelo caso oblíquo e um possuído, o qual é sempre não-marcado ou marcado pelo caso nominativo. Ambos – possuidor e possuído – podem exibir características de A / S. Assim não é tarefa simples decidir se os predicados desse tipo devem ser vistos como intransitivos (com um S não-canonicamente marcado e um E nominativo ou, talvez, um E e um S nominativos) ou transitivos (com um O nominativo). No caso da língua Parkatêjê, podem-se fazer algumas observações em relação ao que considero um verbo existencial negativo.

Nos exemplos (148) e (149), *amrĩ* aparece como um verbo intransitivo com locuções nominais plenas em função S, sendo a ordem dos constituintes fixa. Nos exemplos (150) e (151), *amrĩ* aparece como um verbo de marcação não-canônica, com uma evidência de que *i-pe* '1-Mal' é o sujeito da primeira oração, devido à marca da *switch-reference* no dado (150). Da mesma forma, o exemplo (151), apresenta um único argumento marcado novamente pelo malefativo. No exemplo (152), da mesma forma que nos exemplos (148) e (149), *amrĩ* tem características de verbo intransitivo, aparecendo, nesse caso, com um pronome dependente, sem que este esteja marcado por posposição alguma; (iv) no exemplo (153), *amrĩ* comporta-se tal qual em (152), não sendo possível aí a ocorrência de pronomes livres. De qualquer forma, é consistente a análise de que em todos esses casos *amrĩ* é um verbo intransitivo. Inúmeros fatores sugeridos por Onishi (2001:36) devem ainda ser investigados futuramente, tais como parâmetros semânticos de controle/volição, estatividade e modalidade e voz, entre outros.

As generalizações tipológicas sugeridas por Onishi (2001:43) são adequadas à língua Parkatêjê: ele afirma que, se uma língua tem a classe IIIa (verbos como 'querer'), ela também

tem a classe Ib (verbos de sentimentos e experiências psicológicas); se essa língua tem predicados IIIa e Ib requerendo argumentos canonicamente não-marcados, então a classe Ia (que inclui verbos de estados fisiológicos), da mesma forma, requererá argumentos dessa natureza.

Quadro 10: Tipos de verbos S_{10} existentes em Parkatêjê

Verbos S_{10}	
Ia	Verbos de sentimentos e experiências psicológicas
Ib	Verbos de estados fisiológicos
IIIa	Verbos como 'querer'

1.3.6. Predicados Estendidos

Alguns verbos S_a podem ocorrer como predicados estendidos, isto é, podem apresentar um outro argumento além do sujeito, conforme se pode verificar nos exemplos (155) e (156). Em (154), o verbo *tẽ* aparece sem o oblíquo e em (155) aparece com o oblíquo, marcado pelo caso locativo. Em (156), o predicado intransitivo apresenta seu argumento estendido – *ariat ʃẽ kēm* 'rede Loc'.

(154) wa mũ tẽ
eu ir
'eu já vou'

(155) wa mũ kanɛla ʒ-ðkrĩ wĩr tẽ
eu Canela Rel-aldeia Dir ir
'eu vou para a aldeia dos Canela'

(156) wa ka ariat ʃẽ kēm nõ hõ
eu Fut rede Loc deitar dormir
'eu vou dormir na rede' *lit.* 'eu vou deitar-dormir na rede'

A estrutura argumental dos verbos descritivos não prevê sua ocorrência em construções estendidas, entretanto, verifica-se que os verbos S_o e os verbos S_{10} ocorrem em construções que podem ser ditas estendidas. No que se refere aos verbos S_{10} , ocorrências como as do verbo *prēm*, anteriormente discutidas, podem ser assim analisadas alternativamente, em estudos futuros.

Alguns verbos S_o podem ocorrer numa estrutura como a do exemplo abaixo, em que o sujeito é não-marcado, e o nome em função de argumento estendido é marcado por uma posposição, dependendo do tipo de caso:

(157) pĩt kat ʃerkēm nkrĩk
sol lua Loc estar.zangado
'...o Sol está zangado com a Lua...' *lit.* 'o Sol zangou na Lua'

No quadro abaixo, estão sumarizadas as informações sobre os verbos intransitivos da língua Parkatêjê, levando em consideração seu tipo, o tipo de predicado, as formas verbais, a

ocorrência do sujeito pronominal, a semântica do verbo e a ocorrência com prefixos relacionais.

Quadro 11: Características básicas dos verbos intransitivos em Parkatêjê

	Verbos intransitivos		
	Verbos ativos	Verbos descritivos	
	Sa	So	Sio
Sujeito pronominal	Pronome livre	Pronome dependente	Pronome dependente + posposição
Prefixos relacionais	Não atestados	atestados	atestados
Semântica	Ação	Qualidades e estados	Estados fisiológicos; sentimentos
Formas verbais	Formas distintas	Formas idênticas	Formas idênticas
Predicados	Simples/estendidos	Simples/estendidos	Simples/estendidos

1.3.7. Verbos transitivos

Os verbos transitivos²⁶ são verbos que têm dois argumentos nucleares: o sujeito (A) e o objeto (O). Em Parkatêjê, os verbos transitivos também podem ser simples ou estendidos: os simples terão somente os argumentos anteriormente mencionados, enquanto os transitivos estendidos, além do sujeito e do objeto, terão um terceiro argumento, que será um constituinte oblíquo, marcado por posposição.

Morfossintaticamente pode-se dizer que há subclasses de verbos transitivos, sendo as principais: (i) a dos verbos que ocorrem com os prefixos relacionais e (ii) a dos verbos que formam a classe *ku-*.

Os verbos transitivos estendidos são verbos que apresentam, além de seus argumentos usuais, um constituinte oblíquo obrigatório. Alguns verbos transitivos estendidos são: *ku-hõ* 'dar' e *kupe* 'mostrar'.

1.3.8. Os prefixos relacionais com os verbos

Em geral, as locuções nominais sujeito de verbos intransitivos (S) e objeto dos verbos transitivos (O) devem necessariamente ser expressas, significando que seu deslocamento de sua posição canônica para uma outra posição ou o seu apagamento ocasionam o aparecimento de uma forma, uma marca específica no verbo, que remete, que faz uma referência anafórica a esse item ausente ou omitido. Essa referência, da mesma maneira que nas construções genitivas, é feita, em Parkatêjê, pelos prefixos relacionais.

Alguns verbos que ocorrem com os prefixos relacionais são os seguintes:

(a) verbos transitivos: *h-itep* ~ *ʒ-itep* 'cortar', *h-ipro* ~ *ʒ-ipro* 'fazer (flecha)', *h-apĩn* ~ *ʒ-apĩn* 'jogar bola com a mão', *h-ðhik* ~ *ʒ-ðhik*²⁷ 'amarrar uma coisa em cima da outra', *h-*

²⁶ Araújo (1989 e em comunicação pessoal) assume que a transitividade é "dependência", termo que ela usa para referir-se também aos nomes inalienáveis, no sentido de que os verbos transitivos exigem como complemento não só um objeto direto, mas outros argumentos essenciais. A meu ver, essa observação é válida porque parece ter relação com o que estou tratando como predicados transitivos estendidos.

²⁷ Os Parkatêjê têm várias técnicas para amarrar objetos uns a outros. Essa maneira expressa pelo verbo *h-ðhik* é uma técnica especial de amarrar jabutis uns em cima dos outros, durante a caçada no mato, para facilitar o transporte desses animais para a aldeia.

atʃwɪr ~ ʒ-atʃwɪr 'furar com faca', h-arēn ~ arēn (~ y-arēn) 'dizer/contar/narrar algo', h-akrɛ ~ ʒ-akrɛ 'passar na frente do corredor do outro time na corrida de tora';

(b) verbos S₁₀: h-ape ~ y-ape 'ter.piedade/dó', h-ēn ~ tʃ-ēn 'achar (um alimento) saboroso', h-ēn ~ tʃ-ēn 'sentir dor';

(c) verbos S₀: h-ikot ~ ʒ-ikot 'estar inchado', h-ukaprɪn ~ ʒ-ukaprɪn 'ser.generoso'

Seguindo o quadro de prefixos relacionais que propus para os nomes, apresento abaixo um quadro para a ocorrência desses prefixos com os verbos.

Quadro 12: Prefixos relacionais com os verbos

Classe A		Classe B
S ₀ , S ₁₀ e O Especificados		S ₀ , S ₁₀ e O indefinidos
S ₀ ; S ₁₀ e O expressos na locução verbal	S ₀ ; S ₁₀ e O deslocados de sua posição original	
ʒ- y- tʃ- Ø-	h- Ø-	h- Ø-
Referência a um S ₀ ; S ₁₀ e O expressos dentro da locução verbal em relação sintagmática com o núcleo.	Referência a um S ₀ ; S ₁₀ e O conhecidos pelo contexto ou deslocados para fora da locução verbal.	Referência a um S ₀ ; S ₁₀ e O indefinidos.

Embora as marcas de S₀, S₁₀ e O especificados da classe A – que, ou estão deslocados de sua posição original, ou são conhecidos pelo contexto – e as marcas de S₀, S₁₀ e O da classe B – isto é, S₀, S₁₀ e O indefinidos – sejam formalmente idênticas, serão distinguidas pelo contexto.

No exemplo (158), temos o verbo transitivo 'cortar' – ʒ-itɛp – com sua forma em [ʒ], porque seu complemento O – pɛrtʃo 'castanha' – está expresso na locução verbal e em relação sintagmática com o referido verbo. Em contrapartida, no exemplo seguinte (159), a forma do verbo é h-itɛp, porque o argumento O não está em sua posição original.

- (158) mĩ, Piare. ka ka to pɛrtʃo ʒ-itɛp
 pega Piare 2 Fut castanha Rel-cortar
 nê pēn i-mê hō
 SS carregar 1-Dat dar
 '...pega, Piare. Tu vais cortar castanha e carregar para me dar (pagar)...'

- (159) ĩntʃum tɛ h-itɛp
 pai de Ego Erg Rel-cortar
 'meu pai cortou (a/as)'

Há ainda, em Parkatêjê, verbos como pupun / hōpun 'ver' e putĩti / hōtĩti 'estar.pesado', cujas formas mudam em uma sílaba inteira. A motivação de tal mudança é a mesma que a dos prefixos relacionais, isto é, (i) especificação ou não de S e de O, (ii)

presença desses argumentos na locução pertinente, em relação sintagmática com o núcleo ou não.

- (160) i-te Piare pupun
 1-Erg Piare Rel-ver
 'eu vi o Piare'
- (161) i-te hōpun
 1-Erg Rel-ver
 'eu o vi'
- (162) Apiri aikati. Pe apiri h-ĩn pupun
 Iter amanhã PD Iter Rel-fezes Rel-ver
 'Novamente amanheceu. Novamente, (ela, a Lua) viu as fezes dele (do Sol) de novo...'
- (163) pia kokōnōrɛ amnê apɛr mē. Pe hōpun
 Dub cabaça para.cá baixo Loc PD Rel-ver+Pas
 wɛr pĩp nê ku-pən
 Dir cair SS Onc-carregar+Pas
 'Dizem (que) a cabaça vinha vindo (rio) abaixo, para cá. Aí, ele (a) viu quando ela caiu e a carregou...' lit. 'Dizem a cabaça para cá, para baixo. Aí ele a viu cair e a carregou'

1.3.9. Verbos da Classe ku-

Na literatura acerca das línguas Jê, encontram-se referências à existência de uma classe de verbos, os chamados "ku-verbs", de acordo com a terminologia usada por Stout (1975) para denominar esses verbos em Kayapó; uma classe semelhante de verbos também é mencionada por Callow (1962:178) para o Apinajé, por Santos (1997:79) para o Suyá, e por Reis Silva e Salanova (1998) para o Kayapó.

Stout (1975) afirma que o morfema ku- desses verbos, pelo menos em Kayapó, funciona como um morfema intransitivizador, isto é, se o argumento O de um verbo ku- está expresso na locução nominal, o morfema não aparece junto à raiz verbal. Entretanto, se o argumento O do verbo, ou não é expresso, ou é deslocado de sua posição original, o morfema ku- preenche aquela posição vazia. O morfema ku- ocorre com todas as pessoas do verbo, à exceção da segunda pessoa em que é substituído pelo morfema a-, o qual é formalmente idêntico ao prefixo de segunda pessoa em Kayapó, que é a-.

Popjes e Popjes (1986) apresentam uma divisão das raízes verbais transitivas em Canela-Krahô, com base na forma de seu prefixo de terceira pessoa, sendo cu²⁸ considerado um prefixo de terceira pessoa, que ocorre com um subgrupo de raízes somente com tempo não-passado e que alterna com ø, im-, in- ou ih- no tempo passado. Ao que tudo indica, essas várias ocorrências dos prefixos são de ordem morfofonêmica e estão relacionadas com o fonema inicial da raiz verbal, embora isso não esteja explícito no texto daqueles autores.

Alves (2002:86) inclui no quadro de pronomes do Apãniekrá um pronome forma presa ku-, como um dos vários alomorfes para a terceira pessoa, naquela língua. Callow (1962:178) também fornece uma relação de verbos com ku- em Apinajé (alguns dos quais são cognatos

²⁸Estamos utilizando a mesma forma de transcrição dos dados utilizada pelos autores, a qual é a ortografia prática adotada para a língua Canela-Krahô.

com essa classe de verbos nas outras línguas do mesmo tronco). Contudo, nada indica nos dois trabalhos mencionados, se se trata do mesmo **ku-** que ocorre com certas raízes verbais em línguas Jê.

Em Parkatêjê, verifica-se a existência de uma classe de verbos com o morfema **ku-**. A ocorrência dessa classe de verbo é bem semelhante às ocorrências descritas para outras línguas da família.

Alguns verbos da classe **ku-** são: **ku-pĩ** 'matar com flecha', **ku-krê** 'comer', **ku-pĩ** 'pegar; comprar', **ku-prô** 'tirar a cobertura da *kia* do *kuputi*', **ku-pa** 'carregar', **ku-ku** 'comer', **ku-pô** 'cheirar', **ku-ho** 'comer.sem.muita.mastigação (peixe, ingá, cupuaçu, açai, bacaba)', **ku-hô** 'dar', **ku-nĩ** 'praticar.sexo'.

A classe desses verbos é fechada; o morfema **ku-** não é produtivo, no sentido de não poder ocorrer com outras raízes verbais, senão aquelas que constituem tal classe. Pode-se descrever, grosso modo, a ocorrência de um verbo dessa classe como sendo um caso de distribuição complementar entre o morfema **ku-** e o argumento O dessa raiz verbal, isto é, se o argumento O está expresso, o morfema é omitido; se o morfema está expresso é porque o argumento O ou foi apagado, ou foi deslocado de sua posição original, como no exemplo (164). Nesse exemplo, a locução nominal **kat̚ser** 'lua' está expressa na primeira oração como S, mas não está expressa na segunda, na qual funciona como objeto direto; na segunda oração, **pĩt** 'sol' funciona como argumento A e o verbo aparece com o morfema **ku-**, que retoma a referência à locução nominal **kat̚ser** 'lua':

- (164) **Kat̚ser** **anẽ** **nẽ** **tĩk.** **Pe** **pĩt** **ku-pĩ**
 lua Adit Enf morrer+Pas. PD sol Onc-pegar
 to mō
 ir
 'A Lua morreu também, o Sol a pegou para levar'

Outros exemplos elicitados são os seguintes:

- (165) **i-te** **kay** **pĩr**
 1-Erg cesta pegar+Pas
 'eu peguei a cesta'

- (166) **i-te** **ku-pĩr**
 1-Erg Onc-pegar+Pas
 'eu a peguei'

De certo modo, verifica-se um paralelo entre os verbos que ocorrem com os prefixos relacionais e os verbos que ocorrem com o morfema **ku-**, já que estes são verbos transitivos que apresentam uma determinada forma se o seu objeto está manifesto em sua posição canônica e uma outra forma se tal objeto está apagado ou fora de sua posição canônica.

No subconjunto de verbos que ocorrem com os prefixos relacionais, encontram-se verbos de todas as classes, com exceção de verbos da classe **ku-**. Tal fato pode evidenciar um caso de distribuição complementar entre as demais classes de verbos e os verbos **ku-**.

Como já foi dito anteriormente, o morfema **ku-** substituirá (ou preencherá) o lugar de um dos argumentos do verbo – somente o do argumento O na locução verbal – diferentemente da expressão dos prefixos relacionais, que engloba diferentes argumentos, isto é, no caso dos intransitivos descritivos, o argumento a que me refiro é o sujeito (S); no caso dos transitivos, o argumento é o objeto (O). Portanto, a meu ver, o fenômeno da ocorrência dos prefixos

relacionais é, em Parkatêjê, um fenômeno mais amplo e abrangente que a ocorrência dos verbos com o morfema **ku-**, visto que aquele, além de incluir outras classes de palavras, inclui também outros tipos de estrutura, a saber, locuções nominais e verbais.

Ainda assim, o ponto de intersecção entre a ocorrência de **ku-** e a dos prefixos relacionais é a relação semelhante que esses dois tipos de ocorrência têm com seus elementos adjacentes. A diferença entre eles está, como já mencionei, no fato de que **ku-** tem uma ocorrência restrita, enquanto a ocorrência dos prefixos relacionais é uma mais abrangente. De qualquer modo, ambas as ocorrências são mecanismos que a língua apresenta a fim de reorganizar suas relações gramaticais quando um dos argumentos do predicado não está explicitado.

O verbo com o morfema **ku-** não apresenta uma locução nominal como objeto direto. Essa posição é preenchida por aquele morfema. Ainda assim, o verbo mantém-se como transitivo, visto que suas características de transitivo permanecem inalteradas. Numa oração de tempo passado e aspecto perfectivo, envolvendo quaisquer verbos da classe **ku-**, a língua operará na base Ergativo-Absolutiva, isto é, o sujeito será marcado por **te** (caso Ergativo) e o objeto por **Ø** (caso Absolutivo), evidenciando, dessa forma, a transitividade do verbo.

Um aspecto ligado aos verbos da classe **ku-** que precisa ser investigado com mais detalhes é o fato de ter sido encontrado, em certos dados elicitados, o morfema **i-** parecendo estar em variação com o morfema **ku-**, sendo aquele formalmente idêntico ao pronome dependente da primeira pessoa. Devido a esse fato, pode-se questionar se o formativo **ku-** está relacionado à concordância. Contudo, até o presente, não há evidências em Parkatêjê de que esse morfema designe a terceira pessoa.

Uma possibilidade de análise é que **ku-** funcione como uma marca de objeto genérico, que idiossincrasicamente ocorre com uma determinada classe de verbos em determinados contextos (a serem mais bem definidos futuramente). Nos demais contextos, pronomes dependentes ocupam a mesma posição que aquele morfema junto à raiz verbal.

Os exemplos de (167) a (171) mostram a ocorrência do morfema **ku-**. O dado (167) é retirado do texto mítico sobre a criação do mundo, em que a Lua pede ao Sol que lhe dê o fruto inajá, o qual não é citado nominalmente, mas é designado pela expressão **mpo ita** 'essa coisa (Ind Dem)'. Nessa primeira oração, tal expressão funciona como um argumento. Em tal oração o verbo 'dar' não ocorre literalmente. (ver seção referente a verbos **S₁₀**). A referência a esse argumento no verbo **h-akre** 'Rel-tirar' é indicada pelo prefixo relacional **y-**, por estar expresso dentro da locução verbal em relação sintagmática com o núcleo. A oração seguinte apresenta o pronome livre **wa** 'eu' como argumento A de dois verbos com **ku-**, isto é, verbos transitivos, nos quais a presença desse morfema aponta para a expressão **mpo ita** 'essa coisa (Ind Dem)' mencionada na primeira oração do período.

- (167) **3e,** **i-mẽ** **mpo** **ita** **y-akre.** **wa** **ku-pĩ** **nẽ** **ku-krẽ**
 Voc, 1-Dat coisa Dem Rel-tirar eu Onc-pegar SS Onc-comer
 'Jê, me dá essa coisa pra eu tirar. Eu a pego e a como.' *lit.* 'Jê, para mim, essa coisa, eu a tiro. Eu a pego e a como.'

Os dados de (168) a (171) foram elicitados e ilustram a ocorrência do verbo **ku-pĩ**, cujo sentido é 'matar com flecha':

- (168) **wa** **i-te** **kro** **to** **pĩr**
 Eu 1-Erg porco matar+Pas
 'eu matei porco'

(169) wa i-te to i-pĩr
eu 1-Erg ?-matar+Pas
'eu matei' ou 'eu o matei'

(170) gũm te ita pĩr?
Int Erg Dem matar+Pas
'quem matou este?'

(171) mũ te i-pĩr
Erg ?-matar+Pas
'ele matou' ou 'ele o matou'

Nesses exemplos, há algumas questões cruciais a serem investigadas. Primeiro, o significado de *to*, o qual ainda não está claro. Segundo, o aparecimento de um morfema *i-* nos dados (169) e (171), nos quais o objeto é omitido, que, à primeira vista, parece estar em distribuição complementar com *ku-*, muito embora eu ainda não possa explicitar as diferenças semânticas e/ou morfosintáticas entre essas construções e o exemplo (168). Estas são as razões principais pelas quais não considerei o morfema *ku-* que ocorre com esses verbos um dos alomorfes dos prefixos relacionais, já que o mecanismo de substituição desse morfema por *i-*, aparentemente, não está relacionado apenas com a presença ou não do argumento objeto, mas com outros mecanismos ainda desconhecidos no momento, que podem ter relação com volição, controle, voz, entre outros fenômenos.

Os verbos da classe *ku-* apresentam duas formas, da mesma forma que os outros verbos transitivos ativos. O verbo *ku-krẽ* 'comer', quando ocorre em sentenças onde está presente o argumento O, será a forma *krẽr* no passado (como em (172)) e *krẽ* em outros tempos.

(172) mũ te krõrẽ krẽr
Erg caititu comer+Pas
'ele comeu caititu'

(173) mũ te ku-krẽ
Erg Onc-comer+Pas
'ele comeu'

Uma observação final sobre os verbos da classe *ku-* é que, além da possibilidade de ocorrerem com o morfema *ku-*, tais verbos também admitem pronomes dependentes como objeto, os quais aparecem na mesma posição em que aparece o morfema *ku-*, sem nenhum valor de correferência com o sujeito, isto é, sujeito e objeto têm referentes não-idênticos.

(174) wa ka a- krẽ inũarẽ
eu Fut 2- comer Neg
'eu não vou te comer'

(175) wa i-te a-põr
eu 1-Erg 2-Onc-cheirar+Pas
'eu te cheirei'

1.3.10. Tipos semânticos – verbos 'matar' e 'comer'

De acordo com Dixon (1999:331), um verbo prototípico descreve uma ação que envolve um certo número de participantes. As línguas, nesse caso, diferenciam-se: (i) se os verbos são tomados para descrever um tipo de ação com respeito aos tipos de participantes que são envolvidos ou (ii) se os verbos são tomados para descrever um tipo de ação por si. As línguas do tipo descrito em (i) podem ser referidas como línguas em que os verbos levam em consideração o "tipo da natureza do argumento" e aquelas descritas em (ii) como de "tipo da natureza da ação".

Araújo (1989:88) propõe a existência de verbos que "se organizam de acordo com as características do seu objeto". É o caso de alguns verbos específicos de ações como 'comer' e 'matar'. A meu ver, entretanto, do ponto de vista semântico esses verbos descrevem tanto a natureza da ação quanto o tipo de objeto envolvido, pois, de certa forma, com alguns verbos torna-se até bastante complicado separar esses dois aspectos.

Verbos como *ku-krẽ* e *ku-ku* referem-se ao ato de comer, em geral, que exige o ato de mastigação regular. Até o presente, tais verbos parecem sinônimos. Além deles, porém, há outros verbos cuja ocorrência depende do objeto da ação da noção 'comer'. Assim o verbo *kãm-tʃe* é usado para descrever a ação de comer coisas como milho, jabuti (caça abundante na região) e *kupa*, uma espécie de cipó também bastante apreciado pelos Parkatêjê. Tais alimentos exigem mastigação semelhante, isto é, vigorosa, em certo sentido. Já o verbo *hĩm-tʃe* é usado para comer alimentos como castanhas em geral, coco, sapucaia, amendoim, os quais exigem um tipo de mastigação que triture, reduza a pedaços minúsculos a polpa desses frutos. Na verdade, a raiz verbal é *tʃe*, mas a essa raiz se incorporam posposições, que, talvez, estejam relacionadas à semântica da ação expressa pelo verbo e que necessitam ainda ser investigadas mais a fundo. Araújo (1989:111) afirma que "xàr é 'morder' e *kĩmẽ xàr* é 'mastigar' (carnes duras)."

O verbo *kuho*, por sua vez, descreve a ação de comer que envolve a ação de sucção. São objetos desse verbo frutos como cacau, cupuaçu, manga e ingá, além do ato da criança lactente ao se alimentar do seio materno.

Todos os auxiliares de pesquisa concordam com a idéia, levantada por um deles, de que, caso um determinado tipo de alimento – cupuaçu, por exemplo – seja misturado a um outro como farinha, o verbo a ser usado mudará para um dos dois verbos genéricos (*ku-krẽ* e/ou *ku-ku*), porque a natureza da ação muda.

Da mesma forma, os verbos que descrevem a ação de matar já trazem lexicalmente a noção do objeto com o qual determinado indivíduo ou animal é morto e por assim dizer o tipo de ação envolvida. Assim, *ku-pĩ* é matar com flecha ou com taquara; *kora* é matar com arma de fogo; *kẽm-tʃwĩ* é matar furando, com flecha ou faca; *mẽn* 'matar (derrubando de árvores ou do alto)'.

Um argumento para minha hipótese de que esses verbos especificamente encerram tanto o tipo da natureza do argumento quanto o tipo da natureza da ação reside no fato de que os verbos para o conceito de 'matar', embora descrevam a natureza da ação empreendida no ato em si, também descrevem o tipo do argumento envolvido, o que, à primeira vista, parece ter regularidade semântica. Por exemplo, um verbo como *mẽn* é usado para descrever a ação de derrubar animais como guariba, gavião e mutum, isto é, animais que vivem nos altos lugares, por assim dizer. Já um verbo com *h-atʃwĩ* 'furar' terá como objetos animais menores tipo cotia bem como peixes, em geral, isto é, animais que vivem em lugares baixos.

1.3.11. Categorias de tempo, aspecto e modo

1.3.12. Formas dos verbos ativos

Segundo Araújo (1989:104), “dentre os verbos ativos há, ainda, uma divisão binária entre os que têm forma longa quando a sentença é marcada para tempo passado/aspecto completo e os que têm forma única”.

De acordo com os dados que analisei, em Parkatêjê, alguns verbos ativos apresentam duas formas, as quais ocorrem em diferentes ambientes. Formas longas ocorrem em orações de tempo passado e aspecto perfectivo, enquanto as formas curtas ocorrem com os demais tempos e aspectos. Os verbos não-ativos, S_0 e S_{10} , apresentam formas idênticas à semelhança de alguns verbos ativos, cuja raiz não sofre quaisquer alterações. Com tais verbos, a indicação de tempo faz-se por meio de palavras adverbiais e de partículas que ocorrem com verbos ativos.

As formas dos verbos ativos combinam-se com partículas que marcam as noções de tempo e aspecto da língua. Como é característico das línguas Jê, as partículas são palavras encontradas ao longo da locução verbal, visto que as noções por elas identificadas não são codificadas na raiz verbal. Araújo (1989:93) afirma que “em relação ao verbo, o aspecto é mais marcado que o tempo, mas sob forma de partículas, isto é, formas dependentes”.

As distintas ocorrências, morfossintática e semanticamente marcadas por essas formas verbais, conduzem-nos a um plano maior relacionado à cisão entre absolutivo-ergativo de um lado e nominativo-acusativo de outro, cisão esta que opera na língua tendo como fator condicionante as categorias de tempo e aspecto. Como visto anteriormente, a língua Parkatêjê apresenta duas séries de formas pronominais, uma de pronomes livres e outra de pronomes dependentes. Esses últimos são os mesmos que marcam o possuidor em construções genitivas, que marcam o objeto direto em locuções verbais e que ocorrem como argumento único dos verbos S_0 e S_{10} . Assim, de modo geral, as formas longas ocorrem quando o sistema está operando como Abs-Erg, isto é, no tempo passado e aspecto perfectivo, enquanto as formas curtas ocorrem quando o sistema é Nom-Acu, ou seja, tempo não-passado e aspecto não-perfectivo.

A hipótese levantada para o Suyá por Santos (1997:72-4), e que deverá ser ainda aprofundada no que se refere aos dados do Parkatêjê, é a de que as formas longas são formas nominalizadas. Em Parkatêjê, há alguns exemplos em que a forma longa de um verbo ativo funciona como modificador de um nome. No exemplo (176), há uma oração transitiva estendida, em que o constituinte oblíquo está marcado pela posposição *kot* e a locução nominal objeto direto é constituída internamente do nome *tɛp* ‘peixe’, o qual está sendo modificado pela forma verbal *tɪk* ‘morrer+Pas’, que pode ser interpretada como ‘morto’:

- (176) tʃõti [ko ntuwa kot] [tɛp tɪk] ku
 urubu água nova Com peixe morrer comer
 ‘o urubu comia peixe morto na enchente’ *lit.* ‘com as águas novas, os urubus comiam peixe morto’

1.3.13. Formação das formas longas

Araújo (1989:94) afirma que: “verbos constituídos por base, apenas, e terminados em vogal, têm uma forma longa quando o tempo/aspecto da sentença é passado/completo; verbos constituídos de dois elementos, mesmo terminados em vogal dispõem de apenas uma forma”.

Entretanto, verifiquei que não há um mecanismo único para a formação das chamadas formas longas dos verbos²⁹. Em geral, elas são formadas a partir do acréscimo de uma consoante vibrante lateral sonora e da cópia da vogal da raiz verbal, que não é pronunciada plenamente, por isso a ortografia prática da língua proposta por Araújo (1977) não considera essas vogais cópias da raiz na escrita. No momento, não proporei regras para a formação dessas formas, todavia, com base nos dados de que disponho, acredito que não seja possível formular uma única regra, já que esse fenômeno mostra evidências de que ser condicionado lexicalmente. Exemplos de verbos com formas longas e curtas são apresentados a seguir:

- (177) rɪ i- kato
 Já 1- chegar
 ‘eu chego já’
- (178) pe tʃõti kot katɔr^u ku-krër
 PD urubu Com chegar+Pas Onc-comer+Pas
 ‘Aí o Urubu chegou com ele e o comeu’

Certas raízes verbais homófonas em sua forma curta como *tɔ* ‘dançar’ e ‘fazer’ apresentam formas longas distintas. A primeira apresenta sua forma longa com o acréscimo da consoante vibrante lateral /r/ e a cópia da vogal da raiz (*tɔr^u*), e a segunda apresenta sua forma longa com a consoante nasal alveolar /n/ mais a cópia da vogal da raiz (*ton^u*):

- (179) mē ka pia tɔ?
 Int Int Dub fazer
 ‘como tu fazes?’
- (180) zūm tɛ nē tɔn?
 Int Erg fazer+Pas
 ‘quem fez?’
- (181) mē mpɪ tɔ
 Pl homem dançar
 ‘os homens dançaram’
- (182) mē mpɪ tɔru
 Pl homem dançar+Pas
 ‘os homens dançaram’

Até o momento, registrei a ocorrência de dois verbos terminados em vogal: *tɪ* ‘morrer’ e *pe* ‘traquear’ – verbos não-ativos – cuja forma do passado é com /k/ final: *tɪk* e *pek*, no que seria sua forma longa ou estendida. Os exemplos que tenho com *pek* são de conversações livres dos falantes entre si. Seki (em comunicação pessoal) afirma haver

²⁹ Da mesma forma que os verbos, alguns nomes apresentam opcionalmente, em alguns contextos, uma vogal final não plenamente pronunciada depois da consoante que, em geral, lhes trava a última sílaba. Araújo tratou dessa questão em seu trabalho de 1977. Não está claro ainda em que contextos esse tipo de fenômeno ocorre. Cf. Araújo (1989:93-94; 1977:177) para a interpretação de segmentos e pares de segmentos problemáticos.

também em Suyá verbos com um k final (cf. Santos, 1997:68-72). Entretanto, muito há ainda a ser verificado em relação a essa questão.

Com a finalidade de sistematizar as informações de que disponho acerca dos verbos em Parkatêjê, apresento o quadro 13, no qual procurei organizar alguns exemplos de raízes verbais, de acordo com a ocorrência de suas formas. Convencionei chamar de classe A as raízes verbais cujas formas se mantêm iguais e classe B as que se diferenciam em formas estendidas e não-estendidas nos contextos apropriados.

Quadro 13: Formas estendidas e não-estendidas de alguns verbos

Classe A			Classe B		
FE	FNE	Glossa	FE	FNE	Glossa
prôt	prôt	'correr'	ku-pîr	ku-pî	'matar'
ku-t̥ʃi	ku-t̥ʃi	'colocar'	ku-hôr	ku-hô	'dar'
ntoy	ntoy	'trotar'	prɛr	prɛ	'amarrar'
tôhiho	iho	'cortar o cabelo' ³⁰	ku-pîr	ku-pî	'pegar'
pâp	pâp	'cair'	ku-krêr	ku-krê	'comer'
yapie	yapie	'crescer (cabelo)'	par	pa	'escutar'
kakok	kakok	'conversar'	kator	kato	'nascer; chegar'
kîn	kîn	'gostar; achar bonito'	tôrû	tô	'voar'
arîk	arîk	'calar'	tôrû	tô	'dançar'
krɛ	krɛ	'furar; fazer buraco'	h-ôpar	hôpa	'recrear'
ku-ku	ku-ku	'comer'	ku-pêr	ku-pê	'cheirar'
t̥ʃe	t̥ʃe	'estar.em.pé'	pɛn	pɛ	'acabar'
kupu	kupu	'enrolar; fazer kuputi'	h-apoy	apoy	'nascer; chegar'
kakrô	kakrô	'estar.quente; estar.com.febre'	y-arên/h-arên	arên	'dizer'
krî	krî	'estar.com.frio'	y-/h-at̥ʃwîr	at̥ʃwîr	'furar'
koru	koru	'estar.com.sede'	y-/h-apin	apin	'subir; voltar'
kupati	kupati	'ter.medo'	koran	kora	'matar'
amrî	amrî	'Neg.Exist.'	ton	tô	'fazer'
kaka	kaka	'não.querer'	prôn	pro	'pegar.na.unha'
ikak	ikak	'tossir'	t̥ʃet	t̥ʃe	'assas; queimar'
krîtatî	krîtatî	'espirrar'	kôm	kô	'beber; ingerir'
awrî	awrî	'chover'	tîk	tî	'morrer'
tatak	tatak	'trovejar'	pok	po	'queimar'
akot̥ʃe	akot̥ʃe	'relampejar'	pek	pe	'traquear'

³⁰ Cortar o cabelo para o funeral.

1.4. Partículas

Os elementos que estou chamando de partículas em Parkatêjê não formam uma classe internamente coerente, sendo assim definidos por exclusão de outras categorias internamente coerentes. Tradicionalmente tal termo tem sido utilizado para designar uma forma que não se encaixa em qualquer outra classe de palavras, por assim dizer, "padrão".

As partículas constituem uma classe fechada de elementos não-flexionáveis, cuja função é operacionalizar significados aspectuais, temporais e modais. Neste trabalho, são consideradas formas dependentes, por não ser possível seu enunciado isolado, fora de um contexto. As partículas têm, em geral, uma posição fixa na oração, precedendo ou seguindo palavras de diferentes categorias morfosintáticas.

1.4.1. Partículas de tempo

Em algumas sentenças com verbos ativos, os quais têm duas formas, quando se têm palavras adverbiais que fazem referência ao tempo, as partículas podem ser omitidas, conforme veremos no decorrer da seção, e a identificação do tempo em relação ao momento da enunciação pode ser feita pelo contexto ou pelas palavras adverbiais.

1.4.1.1. Tempo Passado

Araújo (1989:54) observou: "a presença de uma partícula TE, após o sujeito, seja ele nominal livre, pronominal claro ou manifesto por Ø. Esta marca ocorre com verbo transitivo direto e poderia ser vista como uma antiga posposição, usada para sinalizar o sujeito aposentado numa voz passiva onde hoje em dia a morfologia passiva do verbo não é mais presente. Neste caso, *te* seria uma espécie de sinal de caso ergativo, pois só ocorre com sujeito de verbo intransitivo e não de verbos intransitivos". (*sic*)

Em minha análise, a partícula para marcação de tempo passado recente é zero em contraste com as outras partículas referentes a outros tempos, que podem ser vistas no quadro 14 no final desta seção.

Ainda de acordo com Araújo (1989:54), o exemplo (183), transcrito tal qual está em sua tese de doutorado, é uma evidência de que *te* (em minha transcrição) é uma "marca de tempo passado e/ou aspecto acabado, somente ocorrendo quando o sujeito é agente da ação verbal". Em sua análise, a referida pesquisadora afirma que a oração em questão "faz um relato remoto, o qual é indicado pelo argumento temporal *ajkumê* 'antigamente' e, como nesse caso a noção de passado já está expressa pelo temporal e o aspecto não vem ao caso, a marca é apagada. Note-se que um temporal relativo a um fato hodierno não leva ao desaparecimento da partícula *te*." (*sic*)

Ela não descarta, entretanto, "a possibilidade de de que tal marca seja usada para marcar o Agente de verbos com alta transitividade". (cf. Araújo 1989:55). Os exemplos de Araújo estão reproduzidos em (183) e (184):

- (183) *ajkumê mamkatêjê mpokahônxa pupu inôre*
antigamente os primeiros panela ver Neg.
'Antigamente os nossos avós não conheciam panela.'

- (184) *nô kôm wa i te Kruwati pupun*
ontem 1a 1aT/A Kruwati ver
'Ontem eu vi Kruwati.'

Minha observação, nesse ponto, é a seguinte: se *te* é marca de tempo passado, essa marca deveria ocorrer também com verbos intransitivos ativos, o que não acontece.

Popjes e Popjes (1986:128-9 e 180) analisam o *te* do Canela-Krahô como uma posposição que marca o passado recente nas sentenças transitivas. A ocorrência de *te* em Canela-Krahô é semelhante àquela ocorrência do Parkatêjê, inclusive quanto à ocorrência somente ocorre com os verbos transitivos. Da mesma forma, Alves (2002:89) interpreta *te* como “marcador de caso ergativo” no tempo passado.

Minha interpretação é a de que há, pelo menos, dois tempos passados na língua, um recente e outro remoto. O passado recente combinado com o aspecto perfectivo em orações com verbos intransitivos ativos não tem marca explícita, isto é, não há partículas específicas a eles relacionadas. O reconhecimento de tal tempo e aspecto, nesse caso, dá-se pelas formas dos verbos, conforme foi dito anteriormente. A forma longa do verbo marca a ocorrência do tempo passado recente e do aspecto perfectivo:

- (185) mē mpī to
Pl homem dançar
'os homens dançam'

- (186) mē mpī tōr
Pl homem dançar+Pas
'os homens dançaram'

Segundo Popjes e Popjes (1986:128-9), o tempo passado remoto, que eles denominam distante, é indicado por *pē* mais a forma curta do verbo. Há, na língua Parkatêjê, uma partícula *pe*, tal qual em Canela-Krahô, entretanto, essa partícula parece referir-se ao discurso. Nos textos míticos, há um uso expressivo da partícula *pe*, contudo até o presente eu não tenho nenhuma evidência de que se trata de uma marca de passado remoto.

Em Parkatêjê, eu acredito, porém, que o tempo passado remoto é marcado pela partícula *aiku*:

- (187) pe nare ʒohʒi aiku i-mē ku-hōr
PD mesmo Jorge PR 1-para Onc-dar+Pas
'era assim mesmo que o Jorge me dava (dinheiro)'

O exemplo (188) me foi fornecido pela Profª. Leopoldina e foi obtido em um diálogo espontâneo entre ela e o Jōkātýtýre em Belém:

- (188) amrī are aiku kurmē nē tōn
NegEx Enf PR ? fazer+Pas
'não existia. Acabaram de fazer'

Observei, nos textos, que em períodos longos, constituídos de várias orações, algumas vezes a marca de tempo passado remoto, *aiku*, vem somente na primeira oração. No fragmento de texto abaixo, pode-se verificar esse tipo de ocorrência:

- (189) pe pia aiku kēm kaka apiri nēwēr
PD Dub PR Posp não.querer Iter pedir+Pas
'Dizem que (a Lua) não quis e pediu de novo'

- (190) pe aiku mēkwē pe h-i amrī are
PD PR alguns Mal Rel-semente NegExist Enf
'alguns não tinham semente' lit. 'em detrimento de alguns, não havia semente'

1.4.1.2. Tempo futuro

Como marca de futuro imediato, encontramos a partícula *ka*, que ocorre seguindo o sujeito da sentença, isto é, em segunda posição:

- (191) wa ka pika pe nō hō
eu Fut terra Loc deitar dormir
'eu vou dormir no chão'
- (192) ka ka kōmtayho mpey -ti
tu Fut escrever ser.bonito -Enf
'tu vais escrever muito bonito'

Popjes e Popjes (1986:179) afirmam que o tempo futuro em Canela-Krahô é expresso pelo morfema *ha*, que também ocorre seguindo o sujeito. De acordo com eles, o morfema *ha* flutua com *kra* nos demais dialetos daquela língua. Os dados de Alves (2002:87) sobre o Apāniekrá apresentam *ha* como marca de futuro.

1.4.2. Partículas de aspecto

A noção de aspecto em Parkatêjê não é expressa por um mecanismo uniforme, mas por vários. As partículas que marcam aspecto vêm combinadas com as partículas de tempo. Algumas vezes, é possível identificar somente as partículas de aspecto nas orações e, a partir do conjunto, ou do contexto ou da própria oração, inferir a referência temporal que está sendo feita.

1.4.2.1. Aspecto continuativo

A partícula *apu* marca o aspecto continuativo na sentença. Em Canela-Krahô uma marca idêntica é usada nas mesmas circunstâncias (Popjes e Popjes, 1986:180):

- (193) i- pien apu i- kah̄r mē amt̄ʃu nē
1- marido Cont 1- bater+Pas DS esconder SS
mũ mō
Dir ir
'meu marido estava me batendo, eu me escondi e fugi'
- (194) apu awrī
Cont chover
'está chovendo'

1.4.2.2. Aspecto não-completado

Uma oração expressando uma ação não-completada, mas em processo de complementação terá incluída em sua estrutura a partícula **kormə**, cujo sentido é 'ainda'. Tal partícula pode coocorrer com **hə**, marca de aspecto potencial. De acordo com Popjes e Popjes (1986:181), **kormə** é usado também em Canela-Krahô para exprimir ações a serem ainda completadas. No exemplo (195), retirado de um diálogo entre dois falantes, vemos o uso dessas formas.

- (195) A. a- rɛ tɛ tɔ pɛ?
 2- já Erg acabar
 'tu já acabaste?'
 B. kormə (hən)
 Incompl Pot
 'ainda não'

1.4.2.3. Aspecto de 'ação recentemente completada'

Se a ação expressa pelo verbo acabou de ser completada, tal noção é expressa pela partícula **kurmə**:

- (196) kurmə ka a- kator
 Rcompl tu 2- chegar+Pas
 'tu acabaste de chegar'
 (197) i- tɛ kurmə tokre
 1- Erg Rcompl cavar
 'eu acabei de cavar'

1.4.2.4. Aspecto completivo

A marca de aspecto completivo parece ser zero, tal qual a do tempo passado. Uma evidência que pode ser observada em determinadas raízes verbais refere-se às formas longas bem como ao contexto.

- (198) rɛ mū ita mōn hɛ aikati ʒito
 já Dem ir+Pas viajar dia três
 'ele já viajou há três dias'
 (199) pe pia pɛt tūmtūm koran
 PD Dub sol capivara matar+Pas
 'Dizem que o Sol matou capivara'

1.4.2.5. Aspecto perdurativo

O aspecto perdurativo tem as partículas descontínuas **tɛm** (...nə) como marcas, que indicam que o sujeito permanece em uma dada situação com frequência. Em alguns exemplos, aparece somente a marca **tɛm**, em outros parece haver uma ocorrência das duas formas. As diferenças entre essas ocorrências, no entanto, deverão ser ainda mais bem investigadas.

- (200) pe pia tɛm ri aiku wɛr ator arɛ hi
 PD Dub Perd Enf PR Dir pedir Enf Fin
 'Dizem (que a Lua) permaneceu pedindo mesmo'

- (201) A. ya kormə a- tu tʃ-ən?
 Int Incompl 2- barriga Rel-doer
 'a tua barriga ainda dói?'

- B. i- tu tʃ-ən tɛm nə hə
 1- barriga Rel-dor Perd Perd Pot
 'a minha barriga permanece doendo' *lit.* 'a dor da minha barriga permanece'

- (202) Marília tɛm nə hapən
 N.Pr. Perd Perd comer
 'Marília não pára de comer'

- (203) wa tɛm nə i- kak hi
 eu Perd Perd 1- tossir Fin
 'eu não paro de tossir' *lit.* 'eu permaneço tossindo'

1.4.2.6. Aspecto iterativo

O aspecto iterativo, marcado pela partícula **apiri**, indica uma ação que se repete:

- (204) matwɛn matwɛn matwɛn apiri
 acampar+Pas acampar+Pas acampar+Pas Iter
 matwɛn
 acampar+Pas
 'Acamparam, acamparam, acamparam novamente acamparam'

- (205) Apiri aikati. Pe apiri h-ɛn pupun
 Iter dia Loc Iter Rel-fezes ver+Pas
 'Novamente amanheceu. Novamente (ela, a Lua) viu as fezes (dele, do Sol)'

1.4.2.7. Aspecto frustrativo

A partícula de aspecto frustrativo **aptɛ** indica uma ação que não aconteceu devido a algum impedimento para sua realização. Algumas vezes em português fica bem traduzida pelo imperfeito do verbo querer 'quereria' bem como por 'quase'. Falta-nos verificar se essa forma pode ocorrer com todos os tipos de verbos (ativos e estativos).

- (206) kupɛ aptɛ mɛ mpa ʒ-ɪ prēm
 não-índio Frust 1PlIncl Rel-carne querer
 'há kupɛs que queriam ser índios' *lit.* 'kupɛs queriam (ter) a nossa carne'

- (207) wa apte amžitatwē nē mū kot mōr
 eu Frustr estar.só SS Com ir
 'eu me senti só e fui com ele'

1.4.2.8. Mudanças na raiz verbal relacionadas ao aspecto

Algumas raízes verbais apresentam mudanças em sua forma por duplicação de sílabas, o que expressa atividade repetida ou plural. Algumas raízes parecem ter formas supletivas. No momento, não disponho de dados suficientes para tratar desse fenômeno de maneira mais detalhada. Trabalhos posteriores abordarão essa ocorrência de forma mais abrangente.

Orações com verbos cuja noção é quebrar em que o objeto é singular é exemplificada em (208) e (209):

- (208) žūm te kruwa kwīn
 Int Erg flecha quebrar
 'quem quebrou (a) flecha?'

- (209) wa kotɾɿ kate
 eu cupuaçu quebrar
 'eu quebro cupuaçu'

Contudo, como se depreende dos exemplos abaixo a duplicação parece implicar na pluralidade do objeto, como se pode observar nos exemplos (210), (211) e (212):

- (210) žūm te nare mpa pe kruwa kēkēn
 Int Erg mesmo 1PIExc Mal flecha quebrar+Pl
 'quem mesmo quebrou as nossas flechas?'

- (211) Pe magwari kēm hōpriti te rōtižō kēkēn
 PD NPr Loc NPr Erg folha quebrar+Pl
 'lá no Maguari, o Hōpryti quebrou muitas folhas (de palmeira)'

- (212) i- te kotɾɿ kahekek
 1- Erg cupuaçu quebrar+Pl
 'eu quebrei muitos cupuaçus'

Já em outras situações, a duplicação indica a intensificação da ação expressa pelo verbo. Observe-se o contraste entre os exemplos (213) e (214).

- (213) i- te ɾop kaprek
 1- Erg cachorro bater
 'eu bati no cachorro'

- (214) a- kra te ɾop kaprepek
 2- filho Erg cachorro bater+Pl
 'teu filho bateu várias vezes / muito no cachorro'

Algumas formas verbais já são formalmente duplicadas, tais como tʃotʃop 'coçar' e tatak 'trovejar'. Araújo (1989:121) afirma que as duplicações nominais podem ser

classificadas em onomatopaicas e não-onomatopaicas. Por exemplo, 'arraia' é tʃetʃetere em Parkatêjê, e a motivação de tal denominação está ligada ao verbo 'queimar' tʃet – "explicável pela sensação da ferrada da arraia".

Popjes e Popjes (1986:183) afirmam que em Canela-Krahô há verbos que têm formas especiais para o aspecto repetitivo, enquanto uma outra classe de verbos marca inerentemente o aspecto repetitivo pela duplicação da raiz. Dourado (2001:33) aponta a existência de verbos que possuem formas supletivas para o plural em Panará.

De acordo com Seki (2000:132-133), uma das maneiras pelas quais o aspecto pode ser marcado em Kamaiurá é pela duplicação do radical verbal, que tem efeitos distintos conforme a natureza do verbo. Os principais aspectos assinalados por esse fenômeno são: (a) iterativo e sucessivo, que se aplicam a verbos ativos, e (b) intensivo, que se aplica a verbos descritivos.

Da mesma forma, Dixon e Vogel (1996) relatam que em Jarawara, um dos dialetos da língua Madi, falado no Amazonas, a duplicação é um processo que se aplica produtivamente a verbos, havendo também exemplos de nomes duplicados que formam verbos. É possível distinguir pelo menos quatro funções do processo da duplicação na língua: (i) a de modificação semântica de um verbo; (ii) a de marcação do passado iterativo; (iii) a de causativização; (iv) a de derivação de classe de palavras do tipo nominalização e verbalização.

Há ainda a necessidade de um maior aprofundamento na pesquisa desse tipo de ocorrência em Parkatêjê.

1.4.3. Partículas de intensidade

Há duas formas, em princípio, relacionadas à expressão de intensidade: a partícula **nīre** e o sufixo **-ti**. O uso dessas duas formas não parece ser exclusivo de um ou de outro ambiente, podendo mesmo haver coocorrência dos dois, porém percebe-se nos dados uma preferência, em alguns contextos, por **nīre** com verbos S_o e verbos S_{io} , enquanto **-ti** ocorre mais com verbos ativos. O sufixo **-re** também terá ocorrência semelhante. Os sufixos **-re** e **-ti**, quando o correto com nomes, apresentam a noção de dimensão, sendo que **-re** marca o diminutivo e **-ti**, o aumentativo. Araújo (1989:92) afirma que "substantivos e verbos estativos têm em comum o combinar-se com o sufixo de tamanho, embora este tenha função derivacional junto às bases nominais e enfática ou de acordo junto às verbo-estativas adjetivas".

Uma outra partícula, que, creio eu, marca ênfase e intensidade em outros contextos, é **are**. Em alguns casos, portanto, parece não estar ocorrendo **-re**, mas a forma **are**, que, aparentemente, faz parte de vários itens funcionais em Parkatêjê, como da negação (**inūare** ~ **nōre**), e ocorre juntamente, em alguns exemplos, com a partícula dubitativa **pia**.

A posição de ocorrência de **nīre** e de **-ti/-re** é sempre pós-verbal. Por isso, estou considerando **nīre** uma partícula. Nenhum desses elementos ocorre com os pronomes livres ou com os pronomes dependentes.

Os exemplos (215) e (216) apresentam verbos S_o e S_{io} associados a **nīre**:

- (215) i- kra mē pīptʃo kīn nīre
 1- filho Dat banana gostar muito
 'Meu filho gosta muito de banana'

- (216) i- nkrɪk nĩɛ
 1- estar.zangado muito
 'eu estou muito zangado'

Parece haver, todavia, uma diferença semântica entre tais formas: o escopo de **nĩɛ** é a ação ou o estado expresso pelo verbo, enquanto que o escopo de **-ti** poderá ser tanto o sujeito ou o objeto quanto a ação ou o estado expressos pelo verbo. Nos exemplos (217) e (218), o sufixo **-ti** está intensificando a ação expressa pelo verbo **krẽ** e a qualidade expressa pelo descritivo **mpɛy**:

- (217) ma ku mẽ kro krẽ -ti
 Exort Du porco comer -Intens
 'vamos comer muito porco!'

- (218) Kat ʃer aiku kẽmhey to mō
 lua PR mentir fazer ir
 keti, a-krẽyapap mpɛy -ti
 Voc 2-nuca ser.bonito -Intens
 'A Lua mentiu para ele levá-la: Tio, a tua nuca é muito bonita!'

No exemplo (219), o sufixo **-ti** intensifica o estado fisiológico expresso pelo verbo **S₁₀** **kakrɔ**. Nos exemplos (220) e (221), os sufixos **-ti** e **-rɛ** referem-se às propriedades do sujeito, apontando sua dimensão física:

- (219) i- mẽ kakrɔ -ti
 1- Dat estar.quente -Intens
 'eu estou com muito calor' ou 'eu estou com muita febre'

- (220) mũ tɪk -ti
 morrer -Aum
 'ele morreu' (um bicho ou uma pessoa gorda)

- (221) mũ tɪk -rɛ
 morrer -Dim
 'ele morreu' (uma pessoa ou um bicho magro)

1.4.4. Partículas de modo

1.4.4.1. Negação

A negação sentencial em Parkatêjê é expressa pela partícula **inũ**, que apresenta as formas variantes **inõ** e **nõ**. Em geral, essa partícula vem acompanhada pela partícula de ênfase **arɛ**, à qual aparece ligada na maioria das vezes. Há, nos dados, em um texto mítico, uma ocorrência da negação na forma **inõ**, o que me levou a formular a hipótese de que a forma da negação por si é **inõ**, sendo **arɛ** um enfático, que ocorre em perguntas interrogativas e outros contextos. Entretanto, como já considero **arɛ** parte da partícula de negação, não a estou segmentando, neste trabalho.

Da mesma forma que a partícula de intensidade, a partícula de negação tem uma ocorrência restrita, aparecendo sempre em posição pós-verbal. Essa partícula não ocorre com os pronomes livres nem com os presos, tampouco aparece em orações existenciais. Pode ocorrer com nomes e com verbos ativos e não-ativos, **S₀** ou **S₁₀**, bem como as partículas de tempo e aspecto combinadas entre si, tais como, por exemplo, o tempo passado, o aspecto completivo.

- (222) kormẽ i-te hõpun inũarɛ
 ainda 1-Erg Rel-ver-Pas Neg
 'eu ainda não o/a vi'

- (223) h-arkwa nõrɛ
 Rel-boca Neg
 'ele é mudo' *lit.* 'ele não tem boca'

- (224) int ʃe, mra inũarɛ
 mãe de Ego chorar Neg
 'mamãe, não chora!'

- (225) i-nkrɪk nõrɛ
 1-estar.zangado Neg
 'eu não estou zangado'

1.4.4.2. Imperativo

Em Parkatêjê, há pelo menos três formas de imperativo: o imperativo, o exortativo e o rogativo. A primeira é feita por meio da expressão formada pelo verbo e pelo pronome dependente a ele preso, referindo-se à segunda pessoa singular ou plural. O exortativo é marcado pela partícula **ma** ocorrendo antes da raiz verbal, em primeira posição. A terceira envolve a partícula **mũ**, que marca o imperativo rogativo.

A partícula **ma** funciona como uma partícula "convitativo-interrogativa" e em certos contextos, como nos exemplos (226) e (227). Tal partícula é não apenas uma partícula interrogativa que cria ambientes de orações polares, mas também um imperativo que convida o ouvinte a praticar a ação descrita pelo verbo, incluindo necessariamente a pessoa que enuncia a oração. Em outras palavras, a forma imperativa do verbo sem partícula exclui o falante da ação expressa pelo verbo, enquanto que a partícula **ma** inclui o próprio falante na prática da ação verbal, além solicitar a participação do interlocutor:

- (226) ma kumẽ ku-krẽ
 Exort DuPl Onc-comer
 'vamos comer?'

- (227) ma kumẽ kẽmpa
 Exort DuPl escutar
 'vamos escutar?'

Já a partícula **mũ**, quando aparece em contextos de verbos, tanto ativos quanto não-ativos, vindo na primeira posição, parece funcionar como uma marca de imperativo rogativo, que atenua o pedido ou a ordem dada:

- (228) mū nkrík inūarē
Rog estar.zangado Neg
'não fica zangado'

1.4.4.3. A partícula mū

A partícula mū aparece em contextos tão diversificados, que a ainda não compreendi completamente o significado e a função de todos. Verifiquei nos dados sua ampla ocorrência em inúmeros e diferentes contextos, entre os quais os abaixo exemplificados:

(a) com verbos intransitivos ativos S_a:

- (229) ʒōkētītītē mū kuwe wār mōn
NPr arco Dir ir+Pas
'Jōkāntytyre foi atrás de (pau d') arco'

(b) com verbos transitivos (ativos):

- (230) wa mū mō i-kamterē y-apro
eu ir 1-filho Rel-buscar
'eu vou buscar meu filho'

(c) em sentenças com sentido existencial/possessivo:

- (231) mū mēkwē ʒ-ukapṛīn -ti
alguns Rel-ser.generoso -Intens
mēkwē h- ōtʃē
alguns Rel-ser.escasso
'(na aldeia, há) alguns generosos, alguns escassos'

- (232) mū pahitʃēti mē amʒi-pupun-tʃē
NPr Dat Refl-ver-Nom
'Pahixāti tem espelho' *lit.* 'para Pahixāti, existe espelho'

Assim, partículas formalmente idênticas ou assemelhadas a essa são analisadas de diferentes formas: (a) Urban (1985:66) afirma que em Shoklég mū marca aspecto ativo, tendo como contraparte wā como marca de aspecto estativo; (b) em Mēbēngokre (Kayapó), uma partícula formalmente idêntica é analisada como um direcional (Reis Silva, em comunicação pessoal, durante minha comunicação na reunião da Anpoll/2000, em Niterói/RJ).

Em Parkatêjê, mū: (a) pode ocorrer nos sistemas Nominativo-Acusativo e Ergativo-Absolutivo, ocorrências evidenciadas pelas formas estendidas e não-estendidas dos verbos; (b) ocorre com verbos ativos e descritivos; (c) ocorre como uma marca de imperativo rogativo. Dessa forma, deve ser aprofundada a análise da partícula mū, pois parece não estar relacionada com o tempo – ocorre com noções de passado e futuro – nem com o modo.

Araújo (1989:107-108) inclui mū na classe de palavras 'relatores' como um 'introdutor de relato'.

No quadro abaixo, sumariizei os vários tipos de partículas, marcando sua possibilidade de coocorrência:

Quadro 14: Combinação das partículas de tempo e aspecto

Partículas de tempo →		Passado		Presente	Futuro
		amt	rc t		
Partículas de aspecto ↓		aiku	Ø	Ø	ka
Continuativo	apu	√	√	√	
Potencial	hā ~ha				√
Incompleto	kormē			√	
Frustrativo	apte	√	√		
Iterativo	apiri reduplicação de raízes verbais	√	√	√	
Completada	Ø	√	√	√	
Completação recente	kurēm		√		
Perdurativo	tīm...nē	√	√	√	
Final	hi		√		

1.5. Posposições

As posposições em Parkatêjê constituem uma classe fechada de elementos, que ocorrem, de um modo geral, precedido de seu objeto, o qual pode ser um elemento pronominal ou um nominal.

Assim como os nomes inalienavelmente possuídos e os verbos não-ativos, as posposições ocorrem com os pronomes dependentes, nunca com os pronomes livres.

A função primordial das posposições é relacionar seu objeto com o verbo ou a outro elemento da construção sintática, marcando noções semânticas espaço-temporais, locais e não-locais. Em geral, elas aparecem marcando uma locução nominal adjunto, isto é, os argumentos E, visto que as locuções nominais complementos são não-marcadas morfologicamente.

De acordo com Lyons (1968), as posposições ocorrem em funções semânticas, que podem ser locais e não-locais. Assim é comum, em Parkatêjê, as posposições ocorrerem com nomes, imprimindo-lhes funções espaço-temporais diferentes tais como (i) indicações de tempo como: ita kēm 'hoje' que literalmente parece ser 'demonstrativo + locativo', isto é, algo como 'em este', ou ainda nō kēm 'ontem', e (ii) indicações locativas.

Como observado por Dourado (2001:53) para o Panará, também em Parkatêjê, posposições homônimas podem ter diferentes funções: (a) marcar um objeto indireto; (b) marcar um adjunto adverbial; (c) marcar o sistema de *switch-reference*, no caso específico de mē e nē. Neste último caso, tais elementos são entendidos como conjunções coordenativas. As posposições podem ainda marcar tematicamente argumentos nucleares (os casos gramaticais) e elementos periféricos (os casos semânticos).

Tradicionalmente a marca tē do caso ergativo tem sido considerada uma posposição. Entretanto, conceitualmente posposições são elementos não-flexionais, e em Parkatêjê tē

marca o sujeito ergativo singular e **tɛm**, o sujeito ergativo plural³¹. Embora se aponte tal diferença em relação às outras posposições, optou-se por manter-se esse elemento na referida classe de palavras.

Dourado (2001:54) observa que, apesar de haver certa identidade semântica entre as posposições que marcam os oblíquos, essas apresentam um papel temático mais específico que a posposição que marca o sujeito ergativo. Tal observação é válida para o Parkatêjê.

O quadro 15, inspirado em Dourado (2001), apresenta as posposições do Parkatêjê:

Quadro 15: Posposições

Caso sintático	Posposição	Caso semântico	Posposição
Comitativo	kot 'com'	Ablativo	pe 'em'
Dativo/Benefactivo	mẽ 'para'	Alativo (direcional)	nõ 'para onde'
Ergativo	tɛ/tɛm	Locativo (estático)	rĩ 'onde'
Instrumental	to	Essivo	pĩ 'de onde'
Malefactivo	pe	Direcional (em movimento)	wĩr 'em direção'
		Locativo (continente)	mẽ
		Locativo (estático pontual)	kẽm 'dentro/em'

A seguir, descrevo as funções gramaticais, semânticas e locativas das posposições, de acordo com Lyons (1979:310):

1) **mẽ** 'Dativo'

a) objeto indireto, com verbos como **ku-hõ** 'dar'

- (233) int ʃũm tɛ int ʃe mẽ kat ʃët hõr
 pai de ego Erg mãe de ego Dat roupa dar+Pas
 'meu pai deu roupa para minha mãe'

b) benefactivo

- (234) ʒe i- mẽ twĩm -ti kwə
 Voc 1- Dat gordo -Intens Quant
 'Jê, me dá um pedaço gordo!' *lit.* 'Jê, para mim, um pouco/um pedaço gordo'

c) direcional ou locacional

- (235) pia kōkōnɔrɛ amnẽ apar mẽ
 Dub cabaça para.cábaixo Loc
 'a cabaça vinha rio abaixo, para cá' *lit.* 'a cabaça para cá, para baixo'

- (236) A. yõrĩ ka pia a- tɛ to koran?
 onde Int Dub 2- Erg matar
 'onde tu mataste?'

- B. key mẽ, wa i- tɛ to koran
 acima Loc eu 1 Erg matar
 'eu matei acima (do rio)'

- (237) a- y- õ krĩ awrĩ mẽ?
 2- Rel- Pos aldeia longe Loc
 'a tua aldeia é longe?'

2) **kẽm** 'Locativo (pontual)'

- (238) pe pia kapranĩ katiti ko kẽm t ʃë
 PD Dub jabuti grande água Loc estar.em.pé
 'Dizem que jabuti grande estava no rio'

- (239) wa ka ariat ʃë kẽm nõ hõr
 eu Fut rede Loc deitar dormir
 'eu vou dormir na rede' *lit.* 'eu vou deitar-dormir na rede'

3) **kot** 'Comitativo'

- (240) nõ hõr nõ int ʃe kot amti
 deitar dormir SS mamãe com sonhar
 'deita, dorme e sonha com a mamãe'

- (241) wa mũ a-kot tẽ
 eu 2-Com ir
 'eu vou contigo'

4) **tɛ/tɛm** 'Ergativo'

- (242) pe pia pĩt kẽm: a- tɛ ita to!
 PR Dub sol Loc 2- Erg Dem fazer
 'o Sol disse: você fez isto!'

5) **to** 'Instrumental'

- (243) poti to tɛ to kukrĩt y-apok
 taquara Instr Erg fazer anta Rel-furar
 'com taquara, ele furou a anta'

³¹ Para Seki, **tɛm** pode ter-se originado de **tɛ** + **mẽ** e depois se fundiu em **tɛm**.

- (244) int ʃe tɛ kra ʒ-uahi mē krohokɾɛ tɛ wahire
 mãe Erg filho Rel-segurar DS NPr Erg agulha
 to kat ʃwɪr
 Instr furar+Pas
 'a mãe segurou o filho e a Krohokɾe aplicou a injeção' *lit.* 'a mãe segurou o filho e a Krôhokɾe furou com a agulha'

6) **pe** 'em'

- (245) Apiri aikati pe. Apiri h-ín pupūn
 Iter dia Loc Iter Rel-fezes Rel-ver
 'Novamente amanheceu. Novamente ela (a Lua) viu as fezes dele (do Sol)'

- (246) wa ka pika pe nō hōr
 eu Fut terra Loc deitar dormir
 'eu vou dormir no chão' *lit.* 'eu vou deitar-dormir no chão'

- (247) ʒomprare tɛ kamtere pupūn aikɾɛ katut pe
 NPr Erg menino Rel-ver+Pas casa atrás Loc
 'Jômprare viu o filho dela atrás da casa'

- (248) i- tɛ ʒomprare pupūn aikɾɛ y- arkwa pe
 1- Erg NPr Rel-ver+Pas casa Rel- boca Loc
 'eu vi a Jômprara na frente da casa'

7) **wɪr** 'em direção a' (envolvendo movimento)

- (249) pe pia aiku aptɛ kakɾo -ti mrare nã mū ko
 PD Dub PR Frustr quente -Enf chorar SS água
 wɪr tʃɛ
 Dir estar.em.pé
 '(por causa) quentura, ela (a Lua) chorou e foi para a água.'

Posposições como **nē**, **rī** e **pī** foram encontradas somente compondo os interrogativos advérbiais que referem a lugar; já **nē**, também aparece com outros itens compondo palavras relacionadas a tempo, como é o caso de **apē**, cujo sentido parece ser 'o dia seguinte'. Esse nome pode, no entanto, vir marcado por diferentes posposições, sem que tenha sido possível, até o presente, determinar ou mesmo compreender a diferença semântica entre essas ocorrências. Por exemplo: **apē nē**; **apē pe**; **apē mē**; todas essas ocorrências traduzidas como 'amanhã' ou 'o dia seguinte'. É preciso investigar melhor a diferença semântica de cada uma dessas expressões temporais.

Nos textos narrativos, sejam eles míticos ou de outra sorte, as posposições marcam as tomadas de turno, em que entram as falas diretas de cada participante no texto. Até o momento me foi possível verificar essa marcação somente com as posposições **kēm** e **mē**.

A posposição **kēm** marca a tomada de turno do participante que não aquele que acabou de se pronunciar, isto é, essa posposição marca a distância do falante e a proximidade em relação ao ouvinte. Além dessa ocorrência nos textos, observei também nos diálogos espontâneos o traço semântico acima referido – o distanciamento do falante em relação ao que

está sendo enunciado. Durante um episódio de treino de um jogo de futebol do time feminino, elas treinavam falando na língua, a fim de não poderem ser compreendidas pelo time adversário. Então se ouvia muito **mū kēm mēn**, cujo sentido é 'joga pra lá (pra longe de ti)', ou seja, para longe da fonte onde a ação foi iniciada.

Já a posposição **mē** indica proximidade do falante e distância do ouvinte. Aparentemente, portanto, essas posposições evidenciam dêixis, todavia inúmeros aspectos semânticos relacionados às posposições devem ainda ser mais bem compreendidos em estudos subsequentes.

1.6. Advérbios

De acordo com Payne (1997:69), a classe de advérbios é uma classe bastante heterogênea. Conforme Givón (1984:77) esta é uma classe lexical mista semântica, morfológica e sintaticamente. As características morfológicas e semânticas dos advérbios variam geralmente em função dos itens lexicais dos quais são derivados. Além disso, muitos advérbios são construções sentençiais plenas ao invés de itens lexicais unitários.

Ainda de acordo com Payne (1997:69), do ponto de vista do significado, advérbios não podem ser identificados em termos de uma escala de estabilidade no tempo ou de qualquer outro parâmetro semântico bem definido.

Em Parkatêjê, termos de diferentes classes podem funcionar como advérbiais. Dada essa abrangência e heterogeneidade, figuram como advérbios palavras que indicam expressões dêiticas entre outras noções.

O rótulo 'advérbio' justifica-se formalmente com base nas propriedades distribucionais do termo em questão, o qual se caracteriza por sua mobilidade dentro da sentença e por sua função de modificador de verbos.

Como também observado por Dourado (2001:37-38) em Panará, vários advérbios em Parkatêjê são derivados de nomes. Por exemplo, nomes inalienavelmente possuídos, como **katut** 'costas' ou **h-arkwa** 'Rel-boca', podem ocorrer como modificadores verbais, assumindo os significados 'atrás' e 'frente', respectivamente.

Os descritivos podem figurar como modificadores verbais, cujo sentido, nesse caso, é consistentemente de advérbios de modo do tipo 'bem', 'mal'. Os numerais e as palavras de quantificação são também usados como modificadores verbais. Os demonstrativos locativos funcionam como formas advérbiais.

1.6.1. Subclasses de advérbios

1.6.1.1. Locativos: incluem formas dêiticas, em sua maioria, relacionadas aos demonstrativos, bem como nomes relacionados a partes de um corpo, como já visto acima, sendo marcados por posposições, formando expressões advérbiais.

Quadro 16: Advérbios locativos

itar	'aqui'
kapēn	'perto'
amnē	'para.cá'
kri	'lá'
awɪi	'longe'
kɛy	'alto'

(250) a- pɿ nẽ itar a- tʃi
 2- pegar SS aqui 2- pôr
 'pega e põe aqui'

(251) amnẽ tẽ nẽ itar ʒẽ
 para.cá ir SS aqui sentar
 'vem para cá e senta aqui!'

1.6.1.2. Temporais: nomes relacionados a tempo, referentes a partes de um dia e a períodos mais curtos ou mais longos de tempo, marcados, em sua maioria, por posposições.

Quadro 17: Advérbios temporais

Adverbial	Glossa
nõ kēm	'ontem'
apẽ nẽ	'amanhã'
ita kēm	'hoje'
aikati	dia
aikapẽt	noite
kokrẽn	cedo
mama	antes

Os parkatêjê, até onde pude investigar, falam da extensão do tempo, se for necessário, explicitando o momento inicial e o momento final da ação. Não consegui obter expressões como 'a noite toda', 'o dia todo', 'um ano inteiro', 'um dia inteiro', 'dois meses', tampouco me foi possível averiguar se já houve uma forma de marcar o tempo do calendário com os nomes dos dias da semana e dos meses do ano, e o tempo do relógio em horas e minutos. Os parkatêjê tinham sua maneira própria de contar o tempo, que não era por meio das noções de mês ou ano, segundo os informantes mais idosos, mas sim por meio dos verões. Entretanto eles já não sabem explicitar ao certo qual era essa maneira de contar o tempo, visto que já não recordam esse método.

Capítulo 2 Sintaxe

Neste capítulo, pretendo apresentar, de modo sucinto, os diferentes tipos sentenciais encontrados em Parkatêjê. Na primeira seção, descreverei os subconstituintes pertinentes, tais como a locução nominal, a locução verbal e a locução posposicional. Na segunda seção, descreverei o tipo sentencial prototípico, isto é, o tipo sentencial verbal básico, a oração independente, a qual pode apresentar-se de várias maneiras conforme sua constituição interna, se predicado verbal ou se predicado nominal. Para isso, apresentarei as principais características dos predicados verbais e não-verbais.

2.1. Locução nominal

Uma locução nominal em Parkatêjê pode funcionar como sujeito, objeto de verbos transitivos e objeto de posposições, e também como predicado em orações não-verbais.

O núcleo de tal locução pode ser um nome (simples ou derivado) ou um pronome livre, os quais por si só podem constituir a locução. O nome pode ainda ser modificado por outros nomes, descritivos, demonstrativos, quantificadores e numerais, os quais sempre aparecem em posição pós-nominal. Se o núcleo nominal é omitido, tais elementos podem ocupar sua posição estrutural na locução. O mesmo não é verdadeiro no que se refere aos pronomes.

2.1.1. Estrutura da locução nominal

Em sua forma mais simples, a locução nominal, em Parkatêjê, é constituída apenas do núcleo, que pode ser um nome ou um pronome.

- (252) mpɿ 'homem'
 (253) kukrɨt 'anta'
 (254) wa 'eu'
 (255) mpa 'nós (exclusivo)'

Todavia, o nome, mas não o pronome, pode vir acompanhado de outros modificadores: descritivos, demonstrativos, quantificadores e outros nomes sintáticos (locução expandida), os quais vêm em posição pós-núcleo:

- (256) aykrɛ ita 'esta casa'
 (257) ntia mpey 'tia boa'

Se o núcleo nominal tiver sido omitido por quaisquer razões e o contexto estiver suficientemente claro, esses elementos modificadores podem ocupar sua posição estrutural na locução.

De um modo geral, em Parkatêjê, uma locução nominal possui, no máximo, dois modificadores, contudo em contextos especialmente elicitados, é possível encontrar uma locução em que aparecem mais modificadores na ordem mostrada abaixo:

[NOME Descritivo Quantificador Demonstrativo]

Os exemplos abaixo tem suas locuções nominais A codificadas pelo pronome dependente a- '2ª pessoa' em (258) e pelo nome ton 'tatu' em (259), ambos marcados pela posposição te do caso ergativo. Já ambas locuções O são codificadas por elementos

pronominais presos ao verbo: em (258), o prefixo relacional no verbo remete a um referente já mencionado, conhecido pelo contexto ou indeterminado e em (259), o pronome dependente *i-* marca a 1ª pessoa.

(258) a- tɛ hõpũn
2- Erg Rel-ver
'Tu viste ele'

(259) ton tɛ i- katʃwɪr
tatu Erg 1- furar
'o tatu me furou'

Nas sentenças (260) e (261) o demonstrativo *ita* ocorre como locução nominal em função *S_a* e como *O*, respectivamente:

(260) pe pia ita amñẽ apar mẽ mō
PD Dub Dem para.cá baixo Loc ir
'Diz que isto (a cabaça) veio para cá para baixo'

(261) a- tɛ ita to
2- Erg Dem fazer
'tu fizeste isto'

A sentença (262) inclui um exemplo com o quantificador indefinido *kwẽ* como locução nominal *O*, em que o núcleo nominal foi omitido:

(262) i- mẽ kwẽ
1- Dat Quant
'me dá um pouco (ou um pedaço)'

2.1.2. Locução genitiva

Entre as locuções com modificadores, a locução nominal genitiva distingue-se, não somente pela natureza da relação expressa, mas também por outras características tipológicas. Tais características são:

- (i) o seu núcleo só pode ser um nome possuído (alienável e inalienável);
- (ii) o seu modificador (o possuidor) precede o núcleo;
- (iii) o possuidor pode ser expresso por um nome ou por um pronome dependente;
- (iv) a relação sintática entre núcleo (modificado) e possuidor (modificador) é marcada pelos prefixos relacionais, conforme já visto no capítulo sobre classes de palavras.

Como já foi visto anteriormente, tanto os nomes alienáveis quanto os inalienavelmente possuídos apresentarão os prefixos relacionais. No caso dos nomes alienáveis, a expressão da posse é marcada pelo prefixo relacional e pelo nome inalienável *õ* 'coisa', o qual, por si, é o núcleo dessa locução nominal. Esses dois elementos podem ser precedidos por um pronome dependente ou por um nome.

A posse envolvendo nomes alienáveis também pode ser expressa pelo formativo *tekie*, quando os objetos não pertencem originalmente à cultura dos parkatêjê, ou quando a posse se refere a certos nomes não-possuíveis, como nomes de animais. Uma investigação mais detalhada a fim de determinar o significado e a função de *tekie* é ainda necessária, porém.

Em (263) há um exemplo de locução nominal possessiva envolvendo um nome inalienável; em (264), um exemplo de locução com nome alienável com o formativo *tekie*, fazendo referência ao possuidor.

(263) i- kra
1- filho
'meu filho'

(264) A. ʒũm ʒ- õ makina?
Int Rel- Pos máquina
'quem é o possuidor (dessa) máquina (de costura)?'
B. madalena tekie
M. Poss
'(é posse da) Madalena.'

2.1.3. Conjunção e disjunção de locuções nominais

Em Parkatêjê, há mecanismos para fazer a conjunção ou a disjunção de locuções nominais.

A conjunção de locuções nominais se dá mediante *mẽ*, o qual é usado de maneira aditiva. Uma questão que se coloca é se essa forma *mẽ* é homônima da forma que marca o plural em nomes e em pronomes, visto que o conteúdo que subjaz às duas é bastante semelhante. *Mẽ*, neste caso, funcionaria como uma conjunção. Em dialetos do interior do Pará, por exemplo, é comum se ouvir "Maria mais eu" ou "o Pedro mais eles"; em outros dialetos, seria "Maria e eu" ou "o Pedro e eles".

Como foi visto no capítulo acerca de classes de palavras, na seção de pronomes, não há formas livres para expressar a terceira pessoa, entretanto, em contextos próprios de locuções verbais, *mẽ* recupera essa referência. Dessa forma, é possível interpretar esse *mẽ*, coordenando locuções, como um indicador de terceira pessoa plural, operando como conjunção associativa das locuções, tendo valor inclusivo.

Nesse caso, locuções como *intʃũm mẽ mẽikiyeye* ou *kukrɪt mẽ kupɪt* teriam traduções como 'meu pai e meus irmãos eles' e 'anta e guariba eles', respectivamente.

Esse tipo de articulação é bastante comum em línguas australianas e nos principais crioulos australianos, a saber, Roper River Creole (Kriol) e Torres Strait Creole, bem como em outras línguas do mundo.

Dunn (1999:172) afirma que, em Chukchi, o tipo mais comum de conjunção de nominais é a construção de conjunção associativa, a qual é formada por um núcleo nominal plural, que em geral é um pronome pessoal plural com sentido coletivo, acompanhado por outro nominal ou nominais.

Blake (1987:93) descreve esse tipo de construção – denominada construção inclusiva³² – da seguinte forma: "na construção inclusiva um pronome não singular acompanhado por um ou mais nominais completam a informação fornecida pelo pronome". Evans (a sair) refere-as como "Construções 'subset and superset'". Há ainda exemplos de ocorrências semelhantes em Dyrbal e Fijian (Dixon, 1972 e 1989, respectivamente).

Os dados do Parkatêjê são os seguintes:

³² Blake (1987:93): "in the inclusive construction a non-singular pronoun accompanied by one or more nominals supplementing the information supplied by the pronoun".

- (265) int ſũm mē mēikiyeye tēm mīre koran nē
 meu.pai Conj irmãos ErgPl jacaré matar SS
 tēm kukrīt koran
 ErgPl anta matar
 'meu pai e meus irmãos mataram jacaré e mataram anta'

- (266) int ſũm tē kukrīt mē kupīt koran
 meu.pai Erg anta Conj guariba matar
 'meu pai matou anta e guariba'

Ao que tudo indica, **mē** ocorre entre dois enumerandos, ou seja, quando existem dois elementos, **mē** ocorre entre eles. Se houver mais de dois elementos, a ocorrência é a mesma, **mē** estará sempre antes do último elemento, o que cria uma frase cindida com relação à conjunção das locuções nominais. Ou seja, parte da conjunção das locuções é realizada com **mē** e parte é realizada apenas pela entonação, fenômeno ao qual se refere Mithun (1988:337) como *comma intonation*. O exemplo abaixo oferece um exemplo desse tipo de ocorrência na língua:

- (267) piare tē kukoy kukrīt kra mē kro koran
 NPr Erg macaco anta paca Conj porco matar
 'Piare matou macaco, anta, paca e porco'

O exemplo (268), embora tenha várias locuções nominais conjugadas, as quais têm o traço [+animado], não traz **mē** como elemento conjuntivo, talvez pelo fato de cada uma dessas locuções ter o nome **mpo** 'coisa', o qual é indefinido, como parte do nome composto. Nesse caso, as locuções nominais são coordenadas somente por meio de justaposição, como no exemplo abaixo:

- (268) kōrmē kēm mpoprīre mpo yara mpo ʒōkra nē
 ainda Loc Ind.caminho Ind.asa Ind.mão SS
 kokōmpo
 água.Loc.coisa
 'ainda (existem vários) animais (na nossa aldeia): aves, animais como macacos em geral (que andam com as mãos no chão) e animais da água'

Há outros exemplos em que aparece **mē**, mas as locuções nominais têm o traço [-animado]:

- (269) aiku mē amkrē kēm krerore mē pīpīppēr mē
 PR Pl verão Loc cará Conj banana.brava Conj
 prerkrē mē kupa mē kwert ſē mē kūnhak
 tajoba Conj cipó Conj maniva
 mē ronhēkpērtihō.
 Conj abóbora

'No verão, essas coisas eles plantavam mesmo: cará, banana-brava, tajoba, cipó-kupa, maniva, mamão e abóbora.'

- (270) pōhī mē kahī mē pēnkritīrehī itaze aiku
 milho Conj amendoim Conj fava DemPl PR
 mē ta y-aprīnti
 3Pl chuva Rel-esperar
 'milho, amendoim e fava – essas coisas, eles esperavam a chuva (para plantar)'

Já a disjunção de locuções nominais, em que se exclui uma delas, faz-se com o morfema **ri**, o qual é um morfema enfático com duas funções, a de ênfase propriamente dita e a de disjunção:

- (271) A. ya ntia ri mpī ri?
 Int mulher Enf homem Enf
 'teu filho é homem ou mulher?' *lit.* 'mulher mesmo, homem mesmo?'
- B. mpī ri
 homem Enf
 'é homem mesmo'

2.2. Locução verbal

De acordo com o que foi visto na seção sobre verbos, uma locução verbal pode ser constituída somente por um verbo (intransitivo (S_a , S_o e S_{io}) ou transitivo), ou por um verbo mais um modificador, que pode ser uma locução posposicional, um advérbio ou um descritivo, pela negação ou ainda pelos sufixos de aumentativo e diminutivo, que, quando presos ao verbo, têm escopo sobre a locução verbal. Da mesma forma que os nomes inalienáveis, os verbos intransitivos dos tipos S_o , S_{io} e transitivos subdividem-se em classes lexicais em relação aos prefixos relacionais.

2.2.1. Estrutura da locução verbal

A locução nominal sujeito dos verbos intransitivos não-ativos será expressa pelos pronomes dependentes diretamente afixados à raiz verbal, ou por uma locução nominal plena, que se anteporá à raiz verbal. Nos verbos intransitivos do tipo S_{io} , o argumento S apresenta uma marcação não-canônica, isto é, os pronomes dependentes ou a locução nominal em função S são marcados por posposição.

A locução nominal objeto (de verbos transitivos) poderá ser expressa por um pronome dependente, que se afixará diretamente à raiz verbal, ou por uma locução nominal plena, que se anteporá à raiz verbal.

Assim como ocorre, com os verbos intransitivos, em uma oração com um verbo transitivo estendido, o constituinte oblíquo é obrigatório e será marcado pelo caso locativo. Também verbos transitivos cujos argumentos E apresentam marcação não-canônica terão sua segunda locução nominal objeto marcada por uma posposição.

2.3. Locução posposicional

Uma locução posposicional em Parkatêjê pode ser constituída por um nome, por um pronome dependente ou por um nome marcado por uma posposição, em função adverbial.

Esse tipo de locução tem como núcleo uma posposição, descritas no capítulo anterior. Uma posposição deve sempre vir precedida de seu objeto.

Posso dizer que todos os nomes podem ocorrer como objeto de uma posposição. Dos elementos pronominais, porém, somente os pronomes dependentes podem ocorrer nessa posição.

Dependendo da combinação desses elementos, teremos as diferentes possibilidades semânticas de locução posposicional. Por exemplo, um nominal marcado por uma posposição poderá ter um sentido locativo. Um pronome dependente pode ser marcado por uma posposição que indique ou o dativo ou o comitativo, por exemplo. Assim é possível postular a existência de dois tipos de locuções posposicionais na língua: (i) aquelas requeridas pela estrutura argumental do verbo, como é o caso do sujeito de verbo transitivo marcado pelo caso ergativo ou do sujeito de marcação não-canônica, bem como do objeto indireto; (ii) aquelas que ocorrem como adjuntos adverbiais de vários tipos.

Os exemplos (272) e (273) apresentam locuções posposicionais do tipo (ii) acima mencionado, e o exemplo (274) tem uma locução requerida pela estrutura argumental do verbo:

(272) pe pia ko mē pīp
PD Dub água Loc cair
'Diz que ela (a Lua) caiu na água'

(273) pe magwari kēm hōprīti te rōtiho
PD NPr Loc NPr Erg folha.de.tucumã
kēkēn
quebrar+Pl
'No Maguari, Hōpryti quebrou muitas folhas de tucumã'

(274) i- mē krī
1- Dat frio
'eu estou com frio'

Passo, agora, a examinar as estruturas oracionais da língua, tendo em vista a descrição dos subconstituintes acima apresentados.

2.4. Orações independentes

Em Parkatêjê, há dois tipos sentenciais básicos de orações independentes:

- (a) oração com predicado verbal;
- (b) oração com predicado não-verbal.

A diferenciação entre esses dois tipos faz-se com base em um conjunto de características, entre as quais: (i) a forma pela qual o predicado é manifesto, se por palavra nominal ou verbal; (ii) a natureza e o número dos argumentos nucleares possíveis; (iii) os mecanismos utilizados para expressar as categorias de pessoa, tempo e aspecto.

2.5. Orações com predicado verbal

As orações com predicado verbal se caracterizam principalmente pela presença do verbo como núcleo do predicado. As orações com predicados verbais podem ser intransitivas, intransitivas estendidas, transitivas e transitivas estendidas.

Nas orações de um argumento, cujo verbo é semanticamente intransitivo, o elemento marcado junto ao verbo é o sujeito. Nas orações de dois argumentos, cujo verbo é semanticamente transitivo, o elemento junto ao verbo é sempre o objeto direto. Se está presente um outro objeto, este é marcado não-canonicamente, por uma posposição.

Dependendo do tipo de marcação do sujeito e da forma do verbo, distinguem-se diferentes subtipos de construções, os quais são abaixo descritos.

2.5.1. Oração intransitiva

Uma oração intransitiva é aquela constituída de um predicado verbal que apresenta somente um argumento nuclear, o qual é o sujeito (S). Assim sendo, uma oração desse tipo apresenta a seguinte estrutura: [S V].

O núcleo do predicado pode ser um verbo ativo (em sua forma estendida ou não-estendida) ou um verbo estativo, o que condicionará a forma de expressão do sujeito, quando este for expresso por um elemento pronominal. Essa diferença na expressão do sujeito dos verbos intransitivos é explicada como uma cisão no sistema de marcação de caso na língua, mencionada na literatura como *Split-S* ou *S-cindido* (Dixon, 1994:74).

2.5.2. Oração intransitiva ativa/S_a

Uma oração intransitiva ativa é aquela cujo núcleo do predicado é um verbo ativo, em sua forma estendida ou não-estendida, a qual terá seu sujeito manifesto por um pronome livre ou por um nome.

(275) ka ka amnē wēr mō
tu Fut para.cá Dir ir
'tu virás para cá'

(276) yat ſu ita ntōy nīre
veado Dem correr Intens
'esse veado corre demais'

(277) Ayānā itar akar
NPr aqui capinar
'Ayānā capinou aqui'

2.5.3. Oração intransitiva descritiva/S_o

Uma oração intransitiva descritiva é aquela que apresenta um verbo intransitivo não-ativo no núcleo. O único argumento desse verbo é S_o.

Os verbos descritivos apresentam uma subdivisão interna, a qual, conforme já visto, pode ser explicada da seguinte maneira: verbos do tipo S_o são aqueles verbos descritivos que expressam noções do tipo 'eu sou bom', 'eu sou bonito', 'eu sou forte', ou seja, expressam propriedades e qualidades. Esses predicados caracterizam-se pela presença de um sujeito expresso por meio de um pronome dependente preso ao verbo (nunca por um pronome livre), ou ainda por uma locução nominal plena.

(278) i- mpey
1- ser.bom
'eu sou bom'

- (279) tʃontapti tɛy
NPr ser.forte
'Xôntapti é forte'

O outro subgrupo de verbos descritivos exprime noções como 'estar.com.frio', 'estar.com.sede', 'estar com medo', isto é, expressa propriedades físicas transitórias, sentimentos e experiências psicológicas. Esses predicados também terão seu sujeito codificado por um pronome dependente ou por um nome, porém esse constituinte virá obrigatoriamente marcado por uma posposição. Santos (1997:122) refere-se a uma ocorrência similar no Suyá, tratando-a como um subtipo de oração intransitiva. Popjes e Popjes (1986:130) analisam ocorrências desse tipo em Canela-Krahô como transitivas estativas, isto é, elas seriam uma forma especial de transitivas diretamente relacionadas com sentenças estativas. A marcação com **mã** indicaria estado temporário.

- (280) i- mē krĩ
1- Dat frio
'eu estou.com.frio'
- (281) ʒõmprare mē prēm
NPr Dat ter.fome
'Jõmprare está com fome'

O quadro 18 sumariza a ocorrência das orações intransitivas simples, acima descritas:

Quadro 18: Orações intransitivas simples

Intransitivas simples					
Verbo ativo		Verbo estativo			
As		S _o		S _{io}	
Sujeito	Forma verbal	Sujeito	Forma verbal	Sujeito	Forma verbal
pronome livre locução nominal	formas aspecto-temporais distintas	pronome dependente ou locução nominal	formas aspecto-temporais idênticas	pronome dependente ou locução nominal marcados não-canonicamente	formas aspecto-temporais idênticas
Pro LN	V V	PDep - V LN V		PDep-mē V LN-mē V	

2.5.4. Orações intransitivas estendidas

De acordo com a descrição dos verbos intransitivos estendidos, depreende-se que orações intransitivas estendidas são predicados que, além do sujeito, requerem um constituinte oblíquo, tendo assim uma estrutura do tipo Suj - Obl - Pred VS₁:

- (282) Ton mū magwari kēm nō hōr
NPr NPr Loc deitar dormir+Pas
'Ton dormiu no Maguari'

- (283) ka mū h-ōrōkre wār tēn
tu Rel-casa Dir ir+Pas
'tu foste para a casa dele'

Predicados com verbos S_o e S_{io}, da mesma forma que os predicados com verbos ativos, podem apresentar um constituinte oblíquo. As estruturas sentenciais com verbos S_o e verbos S_{io} serão, respectivamente:

Suj-Obl-Pred [VS_o]
Suj-mē - Obl- Pred [VS_{io}]

Observe-se que os predicados com verbos intransitivos ativos e os predicados com verbos intransitivos estativos (S_o) têm seu constituinte oblíquo marcado por posposição, enquanto os predicados S_{io} apresentam seu constituinte oblíquo sem nenhuma marcação, conforme os exemplos (284) e (285), respectivamente:

- (284) pīt katʃerkēm nkrĩk
sol lua Loc estar.zangado
'...o Sol está zangado com a Lua...' *lit.* 'o Sol zangou na Lua'
- (285) katĩy mē rōp pati
NPr Dat cachorro ter.medo
'A Katyi tem medo de cachorro'

Assim, a única diferença entre as orações intransitivas simples e essas orações estendidas é a presença do constituinte oblíquo, o qual consiste em uma locução posposicional, cujo objeto pode ser um nome ou um pronome dependente.

2.5.5. Oração transitiva simples

Uma oração transitiva simples é constituída por um predicado, cujo núcleo é um verbo transitivo, o qual apresenta dois argumentos, a saber, o sujeito (A) e o objeto (O). A estrutura desse tipo de oração é A-O-V.

O sujeito pode ser codificado por uma locução nominal constituída por um elemento pronominal ou por um nome. Com relação à ocorrência dos elementos pronominais em predicados transitivos, verifica-se uma cisão no sistema de marcação de caso da língua, que resumidamente se manifesta da seguinte forma: sentenças transitivas cujo tempo e aspecto estão no passado perfectivo codificam seu sujeito com os pronomes dependentes marcados por **te** do caso ergativo, enquanto nos outros tempos, aspectos e modos, o sujeito dessas mesmas sentenças é manifestado por pronomes livres. Conforme já visto, alguns verbos ativos apresentam uma forma estendida ou longa e outra não-estendida ou curta, as quais ocorrem no sistema ergativo-absolutivo e nominativo-acusativo, respectivamente. Além disso, a realização dos argumentos de um verbo transitivo pode ser dita obrigatória, visto que há marcas nos verbos (prefixos relacionais, morfema **ku-**), que sinalizam que o objeto foi apagado, movido de sua posição original ou mesmo que se trata de um objeto indefinido, mas exigido pela estrutura argumental daquele verbo.

- (286) ka i-pupun
você 1-Rel-ver
'você me vê'

- (287) mpa hõpun
1PlIncl 3-Rel-ver
'nós o vemos'
- (288) i-te Samuεw pupun
1-Erg Samuel 3-Rel-ver
'eu vi o Samuel'
- (289) Samuεw-te kokoy pupun
Samuel-Erg macaco 3-Rel-ver
'Samuel viu o macaco'

No quadro 19, está o sumário das possibilidades de ocorrência de orações transitivas simples em Parkatêjê:

Quadro 19: Orações transitivas simples

Orações transitivas simples			
Cisão por TAM	Sujeito (A)	Objeto (O)	Verbo
Passado/perfectivo	PDep + te Nome+ te	PDep no verbo Nome	Forma estendida
Não-passado/ não-perfectivo	Pronome livre Nome	Pdep no verbo Nome	Forma não- estendida

2.5.6. Oração transitiva estendida

Analogamente às orações intransitivas estendidas, as orações transitivas estendidas, além de seus argumentos A e O, apresentam um constituinte oblíquo, o qual se manifesta por uma locução posposicional, cujo objeto pode ser um pronome dependente ou um nome. As posposições que ocorrem nesse tipo de construção são: **mē** 'dativo'; **t o** 'instrumental'; **kot** 'comitativo', **kēm** 'locativo', entre outras.

- (290) i-3-ōkra wa i-te key to h-īr
1-Rel-mão eu 1-Erg faca Instr Rel-cortar+Pas
'minha mão, eu cortei-a com a faca'
- (291) Kut ſuati te airōm kēm kukinε pupun
NPr Erg mato Loc cotia Rel-ver
'Kuxuati viu cotia no mato'

2.6. Orações com predicado não-verbal

Nesta seção, serão apresentadas orações com predicados não-verbais, isto é, orações que contêm não um verbo como seu núcleo, mas um outro tipo de locução, que pode ser nominal ou posposicional. Os elementos constituintes dessas orações são justapostos, sem cópula. Além disso, nem seu núcleo nem seu argumento são marcados por tempo e aspecto.

As orações com predicado não-verbal podem ser dos seguintes tipos: (a) orações identificacionais; (b) orações equativas; (c) orações possessivas (ou existenciais); (d) orações locativas.

2.6.1. Orações identificacionais

Comumente, verifica-se a ocorrência de sentenças não-verbais para a expressão de relação de identidade, isto é, orações que possuem duas locuções nominais justapostas, uma em função de sujeito e a outra em função de predicado. A ordem de ocorrência desses elementos é fixa e é a seguinte: LN-PRO

- (292) Marília wa
NPr eu
'eu sou Marília'
- (293) parkateʒe wa
turma.de.baixo eu
'eu sou da turma de baixo'
- (294) poaireteti pien ka
NPr marido tu
'tu és marido da Poiarêti'
- (295) int ſūm way
meu.pai pajé
'meu pai é pajé'

2.6.2. Orações existenciais ou possessivas

De acordo com Payne (1997:126), geralmente, as línguas empregam estruturas existenciais ou locacionais para expressar a noção de posse. Uma oração possessiva na língua Parkatêjê é aquela que apresenta um nome ou pronome dependente marcado pela posposição **mē**, do caso dativo, e um outro argumento. A ordem dos constituintes é fixa: PDep-mē-LN

- (296) i- mē katōkrare
1- Dat espingarda
'eu tenho espingarda' *lit.* 'para mim, espingarda'
- (297) Katŷy mē ōʔōre
tia Dat galinha
'Katy tem galinha' *lit.* 'para Katy, galinha'
- (298) Krohokrenhūm mē rop
Krohokrenhūm Dat cachorro
'Krôhokrenhūm teve cachorro' *lit.* 'para Krôhokrenhūm, cachorro'

Do ponto de vista estrutural, uma oração como a de (296), abaixo repetida em (297), é semelhante a uma oração como a do exemplo (300):

- (299) i- mē katōkrare
 1- Dat espingarda
 'eu tenho espingarda' *lit.* 'para mim, espingarda'

- (300) i- mē kakrōti
 1- Dat estar.com.calor
 'eu estou com calor' ou 'eu estou quente' *lit.* 'para mim, quentura/calor'

A diferença entre essas duas sentenças está fundamentalmente no tipo de elemento que ocupa o núcleo do predicado: se um nome ou se um verbo do tipo S_{io} . Se há um nome no núcleo, a oração será não-verbal do tipo possessiva; caso o núcleo do predicado seja um verbo descritivo S_{io} , a oração é intransitiva, com seu único argumento marcado não-canonicamente.

Apesar dessa diferença estrutural, a analogia entre as duas construções evidencia uma consistência semântica na língua, pois, literalmente, ambas as construções apresentam uma tradução existencial em sentido amplo: "para mim, (existe) espingarda" e "para mim, (existe) calor".

Payne (1997:123) afirma que geralmente não há relações gramaticais evidentes em construções existenciais, como marcação de caso, concordância verbal, entre outras características. Esse autor também afirma que, geralmente, orações existenciais apresentam estratégias especiais de negação, como, por exemplo, os verbos com o sentido de "faltar" que existem em turco ou em russo. Isso parece ser verdade em Parkatêjê, já que a forma negativa desse tipo sentencial é feita com o verbo negativo existencial **amrĩ**:

- (301) h-ako amrĩ arē
 borduna NegExist Enf
 'ele não tem borduna' *lit.* 'para ele, borduna, não existe'

- (302) i- 3- òrōkre amrĩ arē
 1 Rel casa NegExist Enf
 'eu não tenho minha casa' *lit.* 'minha casa, não existe'

Popjes e Popjes (1986:135) tratam as orações não-verbais desse tipo como orações existenciais e as verbais como pseudo-transitivas. Segundo eles, o complemento de uma oração existencial pode ser um pronome dependente, uma locução nominal ou uma locução locativa seguido pelos relatores: **mē** (para pessoa), **ri** e **kēm** (para locação). Minha análise, entretanto, mostra a existência de orações locativas propriamente ditas, as quais serão vistas posteriormente. Com relação às não-verbais, concordo com eles quando afirmam que a tradução para o inglês com o verbo *to have* (ter) pode ser confusa, pois em Canela-Krahô, a ênfase não está na posse, mas na existência ou na disponibilidade de alguma coisa para alguém. A mesma observação parece aplicar-se à tradução em português com o verbo 'ter'.

2.6.3. Orações equativas

Predicados de natureza equativa apresentam, em geral, duas locuções nominais justapostas, uma funcionando como sujeito e a outra, como complemento.

De acordo com Matthews (1997:116), uma construção equativa é aquela que afirma que dois referentes são idênticos.

- (303) ita ken
 Dem pedra
 'isto é pedra'

- (304) ata kukrĩt
 Dem anta
 'aquilo é anta'

- (305) ita kuputi
 Dem beiju
 'isto é beiju'

O que diferencia uma sentença equativa de uma sentença atributiva (*ascriptive*, de acordo com Trask, 1993:21) é o fato de a primeira não poder ter sua ordem invertida. De fato, em Parkatêjê, o demonstrativo posposto ao nome tem uma aceção de modificador, determinante. O exemplo (306) ilustra o que acabo de afirmar:

- (306) kuputi ita tʃ-ēn nĩrē
 kuputi Dem Rel-estar.gostoso Intens
 'este kuputi está muito gostoso'

Segundo Payne (1997:114), às vezes é difícil ou até impossível determinar qual nominal é o predicado e qual é o sujeito em orações equativas. No caso do Parkatêjê, a ordem é o critério usado para determiná-los.

2.6.4. Orações locativas

As orações locativas em Parkatêjê apresentam-se como predicados em que há duas locuções justapostas, sendo uma locução nominal, que funciona como sujeito, e a outra, uma locução posposicional.

- (307) i- tʃ-wa i- y- arkwa kēm
 1 Rel-dente 1 Rel- boca Loc
 'meu dente está na minha boca'

- (308) mē-3-òkre kēm katire kwatru
 Pl-Rel-aldeia Loc igarapé quatro
 'há quatro igarapés na nossa aldeia'

- (309) kature 3- òrōkre y- arkwa mē kupē
 tia Rel- casa Rel boca Loc não-índio
 3- òtʃo
 Rel- fruta
 'tem uma mangueira na frente da casa da Kature'

No quadro 20, resumi as principais características dos predicados não-verbais:

Quadro 20: Características de predicados não-verbais

Orações				
	Identificacional		Existencial	Equativa
Ordem	Pred	Suj	S_{io} Pred	Suj Pred
Negação	inũare		amrĩare	inũare
				inũare/ amrĩare

2.6.5. Tipos de orações independentes

De acordo com Lyons (1979:745), há três tipos básicos de orações nas línguas: declarativas, interrogativas e imperativas (ou jussivas). Assim, partindo-se dessa perspectiva, podemos dizer que as orações independentes em Parkatêjê podem ainda ser descritas como (i) declarativas, (ii) interrogativas, (iii) negativas e (iv) imperativas.

2.6.6. Orações declarativas

De acordo com Palmer (1986:26), todas as línguas têm uma forma clara de indicar que o falante está fazendo uma afirmação que ele acredita ser verdadeira. A forma gramatical usada em tal caso seria o que comumente chama-se de oração declarativa.

Uma oração declarativa em Parkatêjê apresenta a ordem SOV/SV, presentes todos os seus constituintes sentenciais.

- (310) nōkēm atō kaprī -re
ontem meu.irmão estar.triste Aten
'ontem meu irmão estava muito triste'

- (311) wa tɛp prō nē tʃe nē ku-ho
eu peixe pegar.com.a.mão SS assar SS Onc-comer
'eu pego peixe com a mão, o asso e o como'

2.6.7. Declarativa com tópico deslocado

Algumas orações declarativas apresentam outras ordens em sua estrutura sentencial, sendo possível inferir que algum de seus constituintes foi deslocado de sua posição canônica para o início da oração à esquerda. Dependendo do tipo de verbo, que constitui o núcleo do predicado, em tais construções fica patente o deslocamento do constituinte, que aqui entendo como tópico. Com verbos transitivos, por exemplo, caso a locução nominal O seja deslocada de sua posição original, o verbo aparecerá com marcas próprias de cada classe verbal (prefixos relacionais) e com o morfema **ku-**, evidenciando assim que houve uma alteração na ordem sentencial. O exemplo (312) mostra o verbo **h-ōpo** 'descascar' e a ocorrência dos prefixos relacionais, em duas instâncias:

- (312) kahī ita ʒ-ōpo kunīnī h-ōpo nē mē
amendoim Dem Rel-descascar todos Rel-descascar SS Pl
katʃuwa h-aratēk

Rel-pintar.com.urucum.em.formato.de.cruz

'esse amendoim descascavam, todos o descascavam e pintavam o rosto com urucum em formato de cruz (com a finalidade de proteger e de obter bons fluidos sobre a roça)'

Os exemplos (313) e (314B) evidenciam a locução objeto direto topicalizada, aparecendo em primeira posição na sentença e o verbo marca essa alteração na estrutura sentencial: no exemplo (319) com o morfema **ku-** e no exemplo (314) com o prefixo relacional.

- (313) kukrīt, wa i-te ku-pīr
anta, eu 1-Erg Onc-matar+Pas

'anta, eu matei'

- (314) A. mpo ka pia hōpu?
Ind Int Dub Rel-ver
'o que tu estás olhando?' lit. 'o que tu olhas?'
B. kowenere, wa apu hōpu
Passarinho, eu Cont Rel-ver
'passarinho, eu estou vendo'

Até o momento, os exemplos que tenho desse tipo de construção não envolvem nenhuma marca formal no constituinte deslocado, mas a entonação desse tipo de sentença declarativa é ligeiramente diferente daquela de uma declarativa afirmativa básica – o tom ascendente põe ênfase no elemento à esquerda. Nas sentenças abaixo, após os nomes **kra** 'paca' e **yatʃi** 'veado', há uma pausa, bem como no exemplo (313) acima, após o nome **kukrīt** 'anta'.

- (315) kra, (wa) i- tɛ tɔ koran
paca eu 1- Erg fazer matar+Pas
'paca, eu matei'

- (316) (wa) i- tɛ tɔ kra koran
eu 1- Erg fazer paca matar+Pas
'eu matei paca'

- (317) yatʃi, (wa) i- tɛ ku-pīr
veado eu 1- Erg Onc-matar+Pas
'veado, eu matei'

- (318) (wa) i- tɛ yatʃi pīr
eu 1- Erg veado matar+Pas
'eu matei veado'

2.6.8. Orações interrogativas

Sobre as interrogativas, Palmer (1986:30) afirma que, embora todas as línguas tenham mecanismos para fazer perguntas, há uma grande variação nas formas pelas quais as questões podem ser expressas, sendo necessário conhecer essas formas para chegar a uma tipologia de tal categoria

Segundo Palmer, algumas línguas têm um mecanismo sintático que não pertence a nenhum sistema modal – a inversão do sujeito e verbo auxiliar, como no inglês, por exemplo. Mecanismos semelhantes encontram-se em francês e alemão, embora envolvendo verbos que não são auxiliares. Outras línguas introduzem questões pelo uso de partículas ou clíticos (o latim, por exemplo). Outras ainda têm partículas interrogativas, é o caso da língua tigrinya (Etiópia). As perguntas geralmente são indicadas por um padrão próprio de entonação, sendo que este é o único mecanismo regular em muitas línguas. Por fim, algumas línguas formulam suas questões por meio de mecanismos formais que estão dentro do sistema modal. Um exemplo desse tipo vem da língua serrano (uto-azteca, Hill em comunicação pessoal) em que a partícula dubitativa é a única indicação de uma questão.

Há, em Parkatêjê, pelo menos três mecanismos diferentes para marcar uma sentença interrogativa: (i) uso do padrão entonacional sem o uso de quaisquer palavras ou partículas

interrogativas; (ii) uso de partículas interrogativas sobre o constituinte que se quer questionar, com ou sem o uso de palavras interrogativas; (iii) uso de uma palavra interrogativa como 'quem', isto é, uma palavra de conteúdo. Os mecanismos (ii) e (iii) são também marcados pelo padrão entonacional.

Diferentemente das orações declarativas, as orações interrogativas, as perguntas polares e perguntas-eco são marcadas por uma entonação crescente, cujo ápice é o final da oração. (cf. Pronomes e formas interrogativas no item 1.2.6. deste trabalho)

- (319) mpɔ kapia a- pien koran?
Ind Int 2- marido matar
'o que teu marido matou?'

As orações interrogativas em Parkatêjê podem ser de três tipos:

- (i) Oração interrogativa de conteúdo: este tipo de oração é aquele cuja resposta deve conter informação sobre o constituinte que foi interrogado. Por exemplo:

- (320) A. zũm tɛ ɔp pĩr?
Int Erg onça matar+Pas
'quem matou onça?'
- B. int ŷũm
'meu pai'

Assim sendo, as palavras interrogativas que ocorrem nesse tipo oracional, dependendo de seu status na estrutura argumental do predicado, são marcadas morfologicamente por caso. No exemplo anterior, vê-se que a palavra interrogativa **zũm** 'quem' aparece com a marca de caso ergativo.

- (ii) Oração interrogativa sim/não: esse tipo de oração exige resposta positiva ou negativa sobre o que foi questionado, a ocorrência de determinado evento, por exemplo. Para fazer esse tipo de pergunta, os falantes fazem uso principalmente de dois recursos: (a) a partícula interrogativa **ya**, que aparece sozinha em primeira posição, mais a entonação ascendente, ou (b) a entonação ascendente sem nenhuma partícula presente na sentença.

No exemplo (321), há uma oração interrogativa do tipo polar apenas marcada pelo padrão entonacional:

- (321) A. rĩ a-par pra?
Já 2-neto andar
'teu neto já anda?'
- B. rĩ pra
Já andar
'já anda'

Já na sentença (322), o deslocamento para a esquerda da locução nominal objeto da sentença, evidenciado pela forma verbal (com o prefixo relacional), indica que esse elemento está topicalizado:

- (322) ɔpkrɔri, ka pia rĩ hõmpu?
onça pintada Int Dub já Rel-ver
'onça pintada, você já viu?'

No exemplo (323), há uma interrogativa polar com a partícula **ya** em primeira posição e a entonação apropriada:

- (323) A. ya rĩ a- katɔr
Int já 2- chegar
'tu já chegaste?'
- B. hĩ. rĩ i- katɔr
Sim. Já 1- chegar+Pas
'sim, eu já cheguei'

2.6.9. Orações negativas

Há diferentes formas de negação em Parkatêjê: (i) há a negação sentencial e locucional realizada pela partícula de ordem de ocorrência fixa pós-verbal, **inũare**, que varia com a forma **nõre**; (ii) há a palavra **pa**, usada para a negação independente; (iii) há formas verbais intrinsecamente negativas, tais como o verbo existencial negativo **amrĩ**, o qual também apareceu em um exemplo com o sentido de "nada", e o verbo **kaka** 'não.querer'; (iv) além dessas formas, há a partícula aspectual **kormẽ**, que discursivamente pode ocorrer isolada, com o sentido negativo "ainda não".

Cada uma delas será apresentada em seus respectivos exemplos de ocorrência.

(i) A forma **inũare** ~ **nõre**

- (324) a- pahẽm nõre
2- ter.vergonha Neg
'tu não tens vergonha'
- (325) ka pia tumtum a-krẽ inũare?
Int Dub capivara 2-comer Neg
'tu não comes capivara?'
- (326) wa ka zɛ inũare
eu Fut sentar Neg
'eu não sentarei'
- (327) kormẽ zũm itaze pupun inũare
Incompl Int DemPl Rel-conhecer Neg
'eu ainda não conheço essas pessoas'

(ii) A forma **pa** usada como resposta negativa a uma pergunta polar:

- (328) A. ya rĩ ka Piare pupũn?
Int já tu NPr Rel-ver+Pas
'tu viste o Piare?'

B. pē
'não'

(iii) verbos intrinsecamente negativos

(329) rī tē h-itʃi kaka
já Erg Rel-esposa não.querer
'ele já deixou a mulher dele (mesmo)' *lit.* 'ele já não quis sua própria esposa'

(330) i-ʒ-ð kuwe amrī are
1-Rel-Poss arco NegExist Enf
'eu não tenho arco'

(331) A. mpɔ to ka pia are apu anē?
Ind fazer Int Dub Enf Cont
'o que tu estás fazendo?'
B. amrī are. Wa kēmʒə
NegExist Enf Eu Loc-estar.sentado
'Nada. Eu estou sentado'

(iv) A partícula aspectual kormē

(332) A. Ya rī sēw pawlu pupun?
Int já São Paulo Rel-conhecer
'tu já conheces São Paulo?'
B. kormē
'ainda não'

2.6.10. Orações imperativas

Palmer (1986:109) aponta algumas diferenças entre sentenças declarativas e imperativas, dentre as quais está o fato de o imperativo não ser geralmente utilizado nas sentenças subordinadas, nem nas situações em que o falante indica que não espera a ação. O imperativo não é marcado para a maioria das categorias associadas ao verbo, especialmente no que se refere a tempo e pessoa. De acordo com Palmer, a razão para a ausência de tempo é óbvia, visto que a ação requerida será sempre no futuro. Além disso, o modo imperativo é centrado no ouvinte.

As orações imperativas em Parkatêjê podem ser de dois tipos: (i) com marca morfológica de modo imperativo, em que há dois subtipos: o exortativo e o imperativo rogativo e (ii) sem marca morfológica. Os dois tipos apresentam um padrão entonacional distinto daquele visto nas declarativas.

As sentenças caracterizadas por uma marca específica de modo imperativo do tipo exortativo são aquelas em que o falante se inclui na execução da ação descrita pelo verbo:

(333) ma ku mē kuprō nē mē mpɔ ʒ-ipey
Exort Du Pl reunir SS Pl Ind Rel-realizar
'vamos nos reunir e realizar as coisas'

(334) ma ku mē kakok
Exort Du Pl conversar
'vamos conversar'

Aquelas do tipo imperativo rogativo são orações em que o falante solicita algo do ouvinte:

(335) mū hē teten
Rog Pot voar
'deixa ela voar' (a borboleta)

(336) mū to tē
Rog ir
'vai!'

(337) mū kuhī kēm hako
Rog fogo Loc soprar
'sopra o fogo!'

Já as orações sem marca morfológica referem-se somente às orações imperativas propriamente ditas, em que o falante dá ao ouvinte a ordem para a execução da ação descrita pelo verbo.

As formas verbais que ocorrem no imperativo são as não-estendidas ou curtas:

(338) katirē, a-tʃē nē a- ʒē
tia.magra 2-entrar SS 2- sentar
'Tia, entra e senta'

(339) to iripti!
fazer ser.grande
'faz maior!'
(professor na escola pedindo ao aluno que faça sua caligrafia em tamanho maior)

(340) amnē tē!
para.cá ir
'vem para cá' ou 'vem cá'

(341) mē arīnkri mē awpa!
2Pl calar 2Pl escutar
'calem-se e escutem!'

(342) a- nō hō
2- deitar dormir
'dorme!' *lit.* 'deita-dorme'

2.6.11. Orações exclamativas

Para a expressão de atitudes como surpresa, espanto, raiva ou deleite, são vários os mecanismos usados pelos Parkatêjê. A expressão corporal deles é bastante rica e diversa. No que se refere à expressão formal dessas atitudes, eles usam algumas palavras que estamos

chamando de interjeições, em sentenças que, pelo seu contexto, diferente daquele das declarativas, interrogativas e imperativas, caem no conjunto do que tradicionalmente têm se chamado de frases exclamativas. O padrão de entonação usado na enunciação dessas frases não é uniforme e parece estar relacionado ao tipo de emoção expressa. Algumas dessas formas são descritas, a seguir, ainda preliminarmente:

(i) a forma **hapa**: é usada pelos parkatêjê para expressar tanto admiração, espanto, surpresa quanto para expressar desagrado. Pode ser um empréstimo da expressão “rapaz!”, usada como interjeição em algumas regiões do norte do país, e que foi adequado foneticamente para a língua Parkatêjê.

(ii) A duração na produção de algumas palavras tem função enfática. Por exemplo, se eles dizem que gostam muito de algo, como, por exemplo, **i-mõ kra kîn nîre** ‘eu gosto muito de paca’, em certos contextos de ênfase, a palavra **nîre** terá uma duração maior que as outras palavras da sentença.

2.7. Orações complexas

Langacker, em um trabalho teórico sobre orações complexas, propriamente em um capítulo sobre sistemas sintáticos (1968:103), afirma que as orações gramaticais de uma língua formam um grupo infinito. De acordo com ele, os poderes da conceitualização humana são tais que pensamentos de quaisquer graus de complexidade podem ser formados.

Partindo-se desse princípio, uma oração complexa é aquela que envolve dois ou mais predicados. Neste capítulo pretendo escrever, ainda que preliminarmente, as formas pelas quais duas ou mais orações podem combinar-se para formar um período coordenado em Parkatêjê. Não considerarei aqui as orações com as construções verbais seriais, já que elas constituem um predicado só, muito embora sejam constituídas de vários verbos. Esta seção é dedicada à apresentação daquelas sentenças que analisei como coordenadas, isto é, em que a ligação se dá pelo uso das conjunções **mõ** e **nõ**, que também sinalizam a marcação de *switch-reference* na língua.

2.7.1. Coordenação e *switch-reference*

Tradicionalmente o termo *switch-reference* é usado para designar o fenômeno lingüístico em que se verifica a continuidade ou não do sujeito de uma sentença em outra, o qual é marcado por morfemas gramaticais.

Para Mixco (1997:221), a *switch-reference* canônica é geralmente a marcação de uma sentença para indicar se a oração imediatamente seguinte tem o mesmo sujeito ou um sujeito diferente.

Da mesma forma, Haiman e Munro (1983) afirmam que a *switch-reference* canônica é uma categoria flexional do verbo que indica se o sujeito de um verbo é idêntico ao sujeito de algum outro verbo. Do ponto de vista funcional, trata-se de mecanismo para referência, relacionado não somente a mecanismos gramaticais que estritamente definem identidade, tais como a reflexivização ou *Equi-NP Deletion*, mas também com mecanismos outros que limitam as possíveis cadeias de referência nominal, tais como a obviação ou um sistema complexo de gênero. A ocorrência de *Equi-NP Deletion* constitui-se num critério para a determinação do sujeito. Formalmente, a *switch-reference* é quase sempre uma categoria verbal, similar à categoria de concordância verbal, cuja função básica é evitar a ambigüidade de referência.

Muito embora comumente a marcação da *switch-reference* nas línguas se faça por afixação verbal, como relatado para o Kipeá, há alguns exemplos de línguas em que esse fenômeno é marcado por um morfema independente. É o caso do sistema de *switch-reference* do Parkatêjê (bem como o do Canela-Krahô e o do Maxakalí (cf. Rodrigues, 1999:197), que

emprega duas conjunções **mõ** e **nõ** para a coordenação de duas ou mais sentenças em seqüência. A primeira é utilizada se os sujeitos das sentenças reunidas são não-distintos e a segunda se os sujeitos têm a mesma referência. Araújo (1989:107), embora não tenha tratado do fenômeno da *switch-reference*, aponta **nõ** como um relator que indica seqüência.

Como já foi visto, o verbo em Parkatêjê é final, podendo ser seguido por partículas de ênfase e de negação. Postulo que a conjunção ocorre em posição final, evidenciando a mudança ou não do sujeito, na sentença imediatamente seguinte. A ordem dessas sentenças deve ser necessariamente icônica, seguindo o fluxo de apresentação e ocorrência dos eventos enunciados. As conjunções que cumulativamente se referem ao mecanismo da *switch-reference* e da coordenação em Parkatêjê são dadas abaixo:

Quadro 21: Marcas de *switch-reference*

Conjunções	
Sujeito idêntico	Sujeito diferente
nõ	mõ

Alguns exemplos são dados a seguir:

- (343) int ſũm tẽ mĩrẽ koran nõ tẽ kukrĩt pĩr
 meu.pai Erg jacaré matar SS Erg anta matar+Pas
 ‘meu pai matou jacaré e matou anta’
- (344) i-tẽ to yatſĩ koran nõ amnẽ
 1-Erg fazer veado matar+Pas SS para.cá
 apĩ mẽ tẽ
 voltar Loc ir
 ‘eu matei veado e vinha voltando para cá’
- (345) int ſũm tẽ mĩrẽ koran mẽ int ſũmti tẽ
 meu .pai Erg jacaré matar DS meu.tio Erg
 kukrĩt pĩr
 anta Onc-matar+Pas
 ‘meu pai matou jacaré e meu tio também matou anta’
- (346) i-tẽ aipi ptir dſĩrẽr kot mẽ dapiew tẽ
 1-Erg AP sonhar dinheiro com DS Daniel Erg
 i-mẽ miw heay hõr
 1-Dat mil reais dar+Pas
 ‘eu sonhei com dinheiro e o Daniel me deu mil reais’

Capítulo 3

Sistema de marcação de caso

Relações gramaticais são relações entre os argumentos e os predicados, e o sistema de marcação de caso é o conjunto de mecanismos ou operações de que a língua dispõe para codificar essas relações sintático-semânticas entre os argumentos em seus predicados.

Tradicionalmente têm-se identificado três papéis sintático-semânticos básicos: S, A, O (Dixon, 1994), com a finalidade de se definir as relações gramaticais. Esses papéis são denominados primitivos sintático-semânticos universais e são assim definidos: o S é o único argumento nominal de uma oração de um único argumento; o A é o argumento mais propenso à agentividade; e o O é o argumento prototipicamente paciente numa oração de dois argumentos.

Um sistema de marcação de caso, em outras palavras, é a forma pela qual uma língua trata esses três papéis sintático-semânticos. Há, pelo menos, duas maneiras de agrupar os três papéis sintático-semânticos – S, A e O: uma língua pode operar numa base Nominativo-Acusativa, em que S é tratado da mesma forma que A, ambos diferindo de O, ou numa base Ergativo-Absolutiva, em que A será tratado diferentemente de S e O, os quais são tratados da mesma forma.

Neste capítulo, descreveremos como a língua Parkatêjê trata S, A e O bem como as condições que condicionam os dois diferentes tipos de agrupamento desses papéis.

3.1. Cisão condicionada pela natureza semântica do verbo

Recapitulando o que foi visto sobre os verbos, em Parkatêjê há duas classes de verbos conforme o número de argumentos que admitem: os intransitivos e os transitivos. Distinguem-se duas classes de verbos intransitivos: os ativos e os estativos³³, conforme sua possibilidade de ocorrência com os pronomes livres (verbos ativos) ou com os pronomes dependentes (verbos estativos). Os pronomes dependentes ocorrem como sujeito de verbos estativos, S_o verbos, como objeto (O) de verbos transitivos e como possuidor em locuções possessivas, enquanto os pronomes livres marcam o sujeito (S) dos verbos intransitivos ativos. Foi visto também que os verbos ativos (intransitivos e transitivos) aparecem em duas formas, a estendida ou longa e a curta ou não-estendida. No quadro abaixo, apresento paradigmas dos dois tipos de verbos intransitivos da língua, verbos ativos e verbos estativos. O primeiro tipo exemplificado pelo verbo *tê* 'ir' e o segundo tipo exemplificado com *mpey* 'ser.bom ou ser.bonito'.

³³ Os verbos não-ativos subdividem-se em verbos do tipo S_o e S_{io}. O único argumento destes últimos é marcado por uma posposição.

Quadro 22: Paradigma de um verbo ativo e de um verbo não-ativo

Paradigma do verbo <i>tē</i> 'ir'	Paradigma do verbo <i>mpey</i> 'ser bom'
wa mũ tē 'eu vou'	i- mpey 'eu sou bom'
ka mũ tē 'tu vais'	a- mpey 'tu és bom'
ku mũ tē 'nós (dois) vamos'	ku- mpey 'nós (dois) somos bons'
ku mē mũ tē 'nós (poucos) vamos'	ku mē- mpey 'nós (poucos) somos bons'
wa...mē mũ tē 'nós (excl.) vamos'	wa...mē- mpey 'nós (excl.) somos bons'
mpa mũ tē 'nós (incl.) vamos'	mpa- mpey 'nós (incl.) somos bons'
ka...mē mũ tē 'vocês vão'	ka...mē- mpey 'vocês são bonitos'

Os exemplos (347) e (348) são locuções de posse inalienável e alienável respectivamente, em que o pronome dependente *i-* ocorre como possuidor. Em (349), o referido pronome ocorre como S do verbo *S_o mpey* 'ser.bom'. Em (350) e (351), o mesmo pronome ocorre como argumento O preso aos verbos *pēr* 'farejar' e *pupūn* 'ver'. Finalmente em (352) e (353), os exemplos mostram verbos *S_a*, *tē* 'ir' e *mō tɕwa* 'ir banhar', cujo sujeito é codificado pelo pronome livre *wa* 'eu'.

(347) i- kra
1- filho
'meu filho'

(348) i- y- ð rop
1- Rel- Pos cachorro
'meu cachorro'

(349) i- mpey
1- ser.bom
'eu sou bom'

(350) kukrāt te i- pēr
anta Erg 1- farejar-Pas
'a anta me farejou'

(351) Piare te i- pupun inũare
NPr Erg 1- ver Neg
'Piare não me viu.'

(352) wa mũ kanela ɜ- ð krī wār tē
eu Canela Rel- Pos aldeia Dir ir
'eu vou para a aldeia dos Canela'

(353) wa mũ mō tɕwa
eu ir banhar
'...eu vou tomar banho...'

Semanticamente os verbos intransitivos ativos (*S_a*) são verbos cujo sentido está relacionado com moção, descanso e posição – verbos como 'dormir' e 'morrer' em Parkatêjê têm ocorrência de verbos ativos. Verbos não-ativos referem-se às qualidades (*S_o*) e aos estados fisiológicos e psicológicos (*S_{io}*).

A distinção entre duas classes de verbos intransitivos, para alguns linguistas como Klimov (1972 e 1977, *apud* Seki, 1990) e Kibrik (1990), pode estar ligada ao sistema de marcação de caso Ativo-Estativo (também mencionado como Agente-Paciente ou ainda como Ativo/Não-Ativo), pensado como um sistema autônomo, ao lado do Nominativo-Acusativo e do Ergativo-Absolutivo. Para outros linguistas como Dixon (1994:71), a distinção em questão está ligada a uma cisão no sistema ergativo (*Split S* ou *S* cindido), sendo vista como um subtipo de ergatividade que resulta nos padrões *S = A* diferente de *O* (caso Nominativo) para verbos ativos, e *A* com marcação diferente (caso ergativo) de *S* que, por sua vez, é igual a *O* (caso Absolutivo), para o caso dos não-ativos. É o sistema proposto por Santos (1997) para a língua Suyá (Jê) e o sistema que também vale para o Parkatêjê.

No quadro abaixo, temos a ocorrência dos verbos intransitivos, *S_a* e *S_o*, em Parkatêjê. A ocorrência desses verbos com pronomes livres ou com os pronomes dependentes independe de categorias como tempo, modo e aspecto. A cisão, como já disse acima, é explicada pela semântica do verbo:

Quadro 23: cisão condicionada pela natureza semântica do verbo

Verbos ativos	Verbos não-ativos
<i>S_a = A ≠ O</i>	<i>S_o = O ≠ A</i>
Nom/Acc	Erg/Abs

O quadro 24 ilustra a ocorrência dos verbos *S_a* e *S_o* com os elementos pronominais:

Quadro 24: Ocorrência dos verbos e dos elementos pronominais

Elemento pronominal	<i>S_a</i>	<i>S_o</i>	<i>A</i>	<i>O</i>
Pronomes livres	Ok	*	ok	*
Pronomes dependentes	*	ok	<i>Split</i>	ok

Não se inclui aqui o subgrupo de verbos descritivos *S_{io}*, cujo único argumento é não-canonicamente marcado.

3.2. Cisão condicionada pelas categorias TAM

Para tratar do fenômeno de ergatividade cindida pelas categorias TAM, é necessário apresentar a caracterização geral dos verbos transitivos da língua.

Os predicados transitivos podem ser simples ou estendidos. Alguns desses verbos têm duas formas, uma estendida e outra não-estendida (que, em princípio, podem ser consideradas

aspecto-temporais), e alguns deles apresentam formas distintas na base de ocorrência dos prefixos relacionais. Semanticamente os verbos transitivos referem-se principalmente à moção e à afetação. Esses predicados apresentam uma cisão condicionada pelas categorias TAM, de acordo com Dixon (1994:97). As construções ergativas na língua Parkatêjê ocorrem em orações no tempo passado e aspecto perfectivo, nas quais o argumento (A) é marcado pelo formativo *te/tem*, singular e plural, respectivamente, enquanto o argumento de verbos intransitivos (S) e o objeto direto (O) são não-marcados. Nesse caso, A pode ser um pronome dependente ou um nome. Araújo (1989:54) afirma que a marca *te* ocorre após o sujeito,

“seja ele nominal livre, pronominal claro ou manifesto por $\emptyset$. Esta marca ocorre com verbo transitivo direto e poderia ser vista como uma antiga posposição, usada para sinalizar o sujeito aposentado numa voz passiva onde hoje em dia a morfologia passiva do verbo não é mais presente. Neste caso, *te* seria uma espécie de sinal de caso ergativo, pois só ocorre com sujeito de verbo transitivo e não de verbos intransitivos.” (sic)

Nos exemplos de (354) a (357), há predicados transitivos, em que o sujeito A está marcado pela posposição *te/tem* (singular e plural) e o verbo assume sua forma longa ou estendida:

(354) i- te i- kra pën
1- Erg 1- filho carregar+Pas
‘eu carreguei meu filho.’

(355) i- te kōmpar nōre
1- Erg escutar+Pas Neg
‘eu não escutei nada.’

(356) ka amñē a-kator to mō tem a-pupun nōre
2- vir 2-chegar+Pas ir ErgPl 2-Rel-ver+Pas Neg
‘quando tu chegaste, eles não te viram’

(357) a- te Piare pupun mã te a- pupūn
2- Erg NPr Rel-ver+Pas DS Erg 2- Rel-ver+Pas
inūare
Neg
‘tu viste o Piare, mas ele não te viu’

Nas orações transitivas de tempo não-passado e aspecto não-perfectivo, o argumento A é codificado por um pronome livre ou por um nome, e não recebe marcas; o argumento O pode ser tanto um elemento pronominal quanto uma locução nominal plena, conforme os exemplos abaixo evidenciam:

(358) wa Akiare pupun
eu NPr Rel-ver
‘eu vejo a Akiare’

(359) Akiare i-pupun
NPr 1-Rel-ver
‘A Akiare me vê’

O sistema de marcação de caso da língua será tripartido para algumas pessoas, mas será binário para outras. Portanto, há mais uma cisão operando em Parkatêjê concomitantemente com a cisão por TAM. Essa cisão está relacionada com a hierarquia nominal abrangendo os elementos pronominais na língua.

O quadro abaixo sumariza a cisão pelas categorias de TAM(M):

Quadro 25: Cisão condicionada por TAM(M)

TAM	A	O	Sistema	Verbo
Não-passado Não-perfectivo	Pronome livre ou LN	Pronome dependente no verbo ou LN	$S = A \neq O$	Forma curta ou não-estendida
Passado Perfectivo	prefixo pronominal ou LN marcados por <i>te/tem</i>	Pronome dependente no verbo ou LN	$S \neq A \neq O$ ou $A \neq S = O$	Forma longa ou estendida

O argumento A é codificado em (354) e (355) pelo pronome dependente *i-*, o qual aparece marcado por *te*; em (356), a marca de caso ergativo *tem* aparece referindo-se à terceira pessoa do plural. Em (357), a segunda pessoa aparece marcada por *te*. Como não há nenhuma marca explícita ligada a *te* na sentença seguinte, fica subentendido que a referência é de terceira pessoa.

Já nas orações abaixo, exemplos (360), (361), (362) e (363), de tempo não-passado e aspecto não-perfectivo, temos em (360) e em (361) o argumento A codificado pelo pronome livre *wa* da primeira pessoa, enquanto em (362), o pronome livre *ka* da segunda pessoa ocorre como argumento A. A forma do verbo é curta ou não-estendida nas sentenças (360), (361) e (362):

(360) wa i- kra pë
eu 1- filho carregar
‘eu carrego meu filho’

(361) wa ka ha a-papo -ti
eu Fut Pot 2-queimar -Intens
‘...Eu vou te queimar!’

(362) ka ka to përt ʃo ʒ-itēp nē
tu Fut castanha Rel-cortar SS
pë i-mã hō
carregar 1-Dat dar
‘Tu vais cortar e carregar castanha para me pagar...’
lit. ‘...pega, Piare. Tu vais cortar e carregar castanha para me dar...’

Portanto, a distribuição dos pronomes livres e dos pronomes dependentes está ligada às categorias de TAM, que recortam a língua, condicionando o funcionamento da mesma numa base nominativo-acusativa ou numa base ergativo-absolutiva.

A combinação desses dois fatores em Parkatêjê – (i) a semântica do verbo, que resulta no *Split-S* e (ii) a cisão condicionada pelas categorias de tempo/aspecto e modo – fazem dessa língua um exemplo raro, visto que Dixon (1994:104) afirma que a inter-relação desses fatores somente é encontrada na língua Mawayana, uma língua Arawak do Norte do Brasil.

Juntamente com essas cisões, ocorre ainda uma outra, ligada à pessoa, o que será visto a seguir.

3.3. Cisão condicionada pela categoria de pessoa dos elementos pronominais

De acordo com a análise acima esboçada, a língua Parkatêjê apresenta cisão nos verbos intransitivos, a qual é condicionada pela semântica desses verbos. Outra cisão condicionada pelas categorias de TAM ocorre nos predicados transitivos, conforme se viu anteriormente. Há ainda uma terceira cisão condicionada pela categoria de pessoa em combinação com os outros dois tipos de cisões.

Primeiramente, será observada a ocorrência dos elementos pronominais na língua, sumarizados no quadro abaixo, conforme sua ocorrência como argumentos S_a , S_o , A e O.

Quadro 26: Elementos pronominais – Função x Forma verbal

ELEMENTOS PRONOMINAIS				
Função	S_a	A	O	S_o
Forma verbal	curta	longa	única	única
1 singular	wa	i-tɛ	i-	i-
2 singular	ka	a-tɛ	a-	a-
1 dual (1 + 2)	ku	?	ku-	?
1 dual plural	ku mē	?	ku mē-	?
1 plural exclusivo	wa...mē	i-tɛm	mē i-	mē i-
1 plural inclusivo	mpa	mpa-tɛm	mpa-	mpa-
2 plural	ka...mē	ka...mē-tɛm	mē a-	mē a-

Observando, primeiramente, os elementos pronominais do singular, os quais apresento novamente, em separado, no quadro abaixo, vê-se que há uma tripartição que envolve as primeira e segunda pessoas de forma que S_a e S_o são diferentes de A, que, por sua vez, é diferente de O. Como não há formas específicas de pronomes livres nem de pronomes dependentes para a terceira pessoa, a marca *tɛ/tɛm* aparece em posição semelhante àquela em que viria o argumento A. (cf. exemplos (354), (355), (356) e (357)). Pode-se então dizer que A opera na base Absolutivo-Ergativa, enquanto S e O, na base Nominativo-Acusativa.

Quadro 27: Elementos pronominais singular – Função x forma verbal

ELEMENTOS PRONOMINAIS (SINGULAR)				
Funções	S_a	A	S_o	O
Formas verbais	curta	longa	única	única
1 singular	wa	i-tɛ	i-	i-
2 singular	ka	a-tɛ	a-	a-
3 singular		tɛ		

Logo, no singular, há um sistema tripartido, apenas para a 1ª e a 2ª pessoas, somente no passado, conforme o diagrama abaixo:

Singular

1ª pessoa	2ª pessoa	3ª pessoa
($S_a \neq S_o$) $\neq$ A $\neq$ O		A $\neq$ S = O

Nos exemplos de (363) a (366), vê-se a primeira pessoa do singular ocorrendo na funções acima descritas: em (363) como argumento S de uma construção verbal serial *mō tɔwa* ‘ir banhar’ do tipo S_a ; em (364) como A, o constituinte pronominal sendo marcado por *tɛ*; em (365) o pronominal não-marcado ocorre como O do verbo *kakwĩn* ‘bater’; em (366) novamente o pronome dependente não-marcado ocorre como único argumento do verbo S_o *h-ukaprĩn* ‘ser generoso’.

(363) 3e i- mē aykrɛ y-amē. wa mū mō tɔwa
 Voc 1- Dat casa Rel-vigiar eu ir banhar
 ‘...Jê, vigia a casa pra mim. Eu vou tomar banho...’

(364) i- tɛ kro pĩr
 1- Erg porco matar com flecha +Pas
 ‘eu matei porco (com flecha)’

(365) ka ka i- kakwĩn inĩare
 tu Fut 1- bater Neg
 ‘tu não me baterás’

(366) i- 3- ukaprĩn -ti
 1- Rel- ser.generoso -Intens
 ‘eu sou muito generoso’

Nos exemplos que vão de (367) a (370), a segunda pessoa do singular ocorre nas seguintes funções: em (367) como argumento S de um verbo S_a ; em (368) como argumento A do verbo *pĩ* ‘matar’; em (369) o pronome dependente *a-* não-marcado ocorre como argumento O preso ao verbo *pupũn* ‘ver’; em (370) o mesmo pronome ocorre como argumento S de um verbo S_o .

- (367) ka mũ mō maraba w̃r mō
tu ir Marabá Dir ir
'tu vais para Marabá'
- (368) ya a- tē nō p̃r inũare
Int 2- Erg um matar+Pas Neg
'tu não mataste nenhum?'
- (369) i- tē a- pup̃n inũare
1- Erg 2- Rel+ver+Pas Neg
'eu não te vi'
- (370) a- kēhēk
2- ser.mau
'tu és mau'

Como já foi visto anteriormente, não há marcas específicas para a terceira pessoa. Assim os exemplos de (371) a (375) visam mostrar os ambientes a seguir descritos, em que o contexto aponta a terceira pessoa: em (371) como argumento S de um verbo S_a; em (372) como argumento A de um verbo transitivo; em (373) como argumento de um verbo S_o (em contraste com (374) em que a locução nominal plena **pr̃** 'caminho' está manifesto na sentença); em (373) e (374) ocorrem os prefixos relacionais; finalmente em (375) o argumento O do verbo transitivo **pup̃n** 'ver' tem como referente a terceira pessoa.

- (371) saw pawlu p̃r r̃ mōr
São Paulo aldeia já ir+Pas
'ele já veio de São Paulo'
- (372) tē mpey p̃r nō tē mpa mē kēhēk
Erg bom pegar+Pas SS Erg 1Pl.Incl Dat feia
-rē hōr
-Aten dar+Pas
'ele pegou a boa e nos deu a feia'
- (373) h-ikotu -ti
Rel-ser.reto -Intens
'ela é bem reta'
- (374) pr̃ 3- ikotu -ti
estrada Rel-ser.reto -Intens
'a estrada é bem reta'
- (375) a- tēm hōpun inũare
2- ErgPl Rel-ver+Pas Neg
'você não viram ele'

Passo a descrever os elementos pronominais plurais, que, em Parkatêjê, da mesma forma que em algumas línguas da família Jê, apresentam formas plurais ou ainda formas específicas para referência dual e distinções de exclusividade e inclusividade na primeira pessoa do plural. Conforme pode ser observado no quadro de elementos pronominais, alguns

pronomes são formalmente idênticos, entretanto, seu ambiente de ocorrência determina seu status.

Assim, o sistema é tripartido para as primeira e segunda pessoas, enquanto a terceira pessoa não é incluída e ocorrerá na base ergativo-absolutiva, tal qual no sistema do singular. O quadro abaixo evidencia os elementos pronominais do plural:

Quadro 28: Elementos pronominais plurais

ELEMENTOS PRONOMINAIS (PLURAL)				
	S _a /A _{Nom}	A _{Erg}	O	So
1 dual (1 + 2)	ku	?	ku-	ku-
1 dual plural	ku mē	?	ku mē-	?
1 plural exclusiva	wa mē	i-tēm	mē i-	mē i-
1 plural inclusiva	mpa	mpa-tēm	mpa-	mpa-
2 plural	ka mē	ka mē-tēm	mē a-	mē a-

Plural

1ª pessoa			2ª pessoa	3ª pessoa
Dual	Exclusiva	Inclusiva		
S ≠ A ≠ O			A ≠ S = O	

Os exemplos (376) e (377) apresentam o dual **ku**, como argumento S de um verbo S_a, no caso **tē** 'ir', e argumento A dos verbos **kuka** 'assar' e **kapi** 'provar':

- (376) ku mũ maraba w̃r tē
Du Marabá Dir ir
'nós (dois) vamos para Marabá (agora)'
- (377) 3e, apiri tok tō wa kaprēn p̃
Voc Iter fogo fazer eu jabuti pegar
ku kuka nē kapi
Du assar SS provar
'...Jê, faz fogo de novo. Eu pego o jabuti, nós (dois) vamos assá-lo e prová-lo'

Na sentença (378) vê-se a forma plural exclusiva **wa...mē** em função de argumento A do verbo **pup̃n** 'ver':

- (378) wa r̃ mē kat̃y pup̃n
eu já Pl tia Rel-ver+Pas
'nós já conhecíamos a Katyi.'

No exemplo (379), a forma plural inclusiva **mpa** aparece como argumento da construção verbal **tek prēm** e, no exemplo (380), a forma **mēkwē** 'alguns' aparece como argumento do verbo **amr̃** 'NegExist':

- (379) mpa tek prēm ñre
1PlIncl jogar ter.fome muita
'nós estamos com muita vontade de jogar'

- (380) mēkwə pe hī amrī arē
 alguns Mal semente Neg.Exist. Enf.
 'Alguns não tinham semente'

As orações (381) e (382) trazem a forma plural inclusiva **mpa-tēm** como argumento A do verbo **pupūn** 'ver' e como argumento do verbo **hīr** 'cortar', respectivamente:

- (381) mpa tēm keti pupūn
 1PlIncl ErgPl tio Rel-ver+Pas
 'nós vimos o tio'
- (382) mpa tēm key tō amzi mē hīr
 1PlIncl ErgPl faca Instr Refl Dat cortar
 'nós nos cortamos com a faca'

Em (383) e (384), vê-se a forma plural exclusiva **i-tēm** como argumento A do verbo **hōpun** / **pupūn** 'ver', bem como as formas **mē**, em referência a 'eles' e **mē a-** referindo-se a 'vocês' como argumentos O dos mesmos verbos, anteriormente mencionados:

- (383) i- tēm mē hōpun inūare
 1- ErgPl Pl Rel-ver+Pas Neg
 'nós não os vimos'
- (384) i- tēm mē a- pupūn inūare
 1- ErgPl Pl 2- Rel-ver+Pas Neg
 'nós não vimos vocês'

O exemplo (385) apresenta a forma **ka...mē** como argumento A do verbo **kakok** 'conversar', enquanto a forma **mē i-** é o argumento O do mesmo verbo.

- (385) ka mē aipen mō mē i- kakok
 2 Pl Rec Dat 1PlExcl conversar
 'vocês conversam com a gente e a gente com vocês'

O exemplo (386) tem a forma **tēm** ocorrendo na posição de argumento A do verbo **pupūn** 'ver', enquanto no exemplo (387) a forma **mē** aparece como argumento do mesmo verbo em sua forma **hōpun**:

- (386) tēm keti pupūn nō mē kōmkakok
 ErgPl tio Rel-ver+Pas SS Pl Loc.conversar
 'eles viram o tio e conversaram com ele'
- (387) i- tēm mē hōpun inūare
 1- ErgPl Pl Rel-ver+Pas Neg
 'nós não os vimos'

As generalizações possíveis de serem feitas sobre o sistema de marcação de caso nas orações independentes da língua Parkatêjê são as seguintes:

- (1) no passado: 1ª e 2ª pessoas ocorrem em um sistema tripartido; isto é, os argumentos S, A e O ocorrem diferenciadamente ($S \neq A \neq O$); a 3ª pessoa ocorre no sistema Absolutivo/Ergativo, (de acordo com a hierarquia nominal de Silverstein (1976));
- (2) no não-passado: 1ª e 2ª pessoas ocorrem no sistema Nominativo/Acusativo, enquanto para a 3ª pessoa não há alteração, isto é, não há marcação alguma;
- (3) S_o será sempre idêntico a O.

Capítulo 4

Incorporação Nominal

Há várias definições do fenômeno de incorporação nominal. Pode-se dizer, com base em Mithun (1984 e 1986), que a incorporação é o tipo de processo gramatical pelo qual o núcleo de um sintagma junta-se ou incorpora-se ao núcleo de outro sintagma.

Esse tipo de fenômeno já tem sido atestado em outras línguas do tronco Macro-Jê, como, por exemplo, em Karajá (cf. Ribeiro, 1996 e 1999) e em Panará (cf. Dourado, 2001).

Em Parkatêjê, à semelhança do Panará, verifica-se a ocorrência de incorporação de nomes e de posposições a núcleos verbais, isto é, a junção de um argumento nuclear ou de um argumento não-nuclear (tal como um locativo ou um instrumental) que se prende ao verbo formando assim um verbo complexo.

O fenômeno da incorporação nominal é apresentado, neste capítulo. Muito embora haja evidências irrefutáveis da incorporação posposicional, de forma bastante assemelhada ao que ocorre em Panará, de acordo com Dourado (2001), tal fenômeno será objeto de estudos futuros, quando pretendo aprofundar a análise iniciada por ocasião da feitura desta tese.

4.1. Um conceito de incorporação nominal

Estou considerando a incorporação nominal como a junção de um argumento nuclear que se prende ao verbo, formando assim um verbo complexo. Em Parkatêjê, verifica-se que é possível alguns nomes serem incorporados à esquerda de verbos intransitivos e de verbos transitivos.

As funções sintáticas que tais nomes podem desempenhar dentro da locução são as de (i) núcleo de uma LN objeto direto de um verbo transitivo e (ii) núcleo de uma LN sujeito de um verbo intransitivo não-ativo.

De acordo com Mithun (1984:848), a incorporação nominal considera o verbo complexo como lexicalmente derivado por um processo de formação de palavra, à semelhança da composição. Dessa forma, a incorporação nominal é desencadeada por um processo lexical. A meu ver, essa visão é a que mais se adapta à análise do fenômeno em Parkatêjê, pois, conforme será verificado mais adiante, a incorporação nominal resulta na formação de novos lexemas.

Para a pesquisadora supracitada, há quatro tipos de incorporação nominal, cada um dos quais está associado a quatro funções distintas no discurso: (a) composição lexical, (b) um tipo de composição lexical mais amplo, (c) manipulação da estrutura discursiva e (d) classificadores.

Ainda de acordo com Mithun (1984), o fenômeno da incorporação nominal é um processo morfológico com características notadamente sintáticas, o qual forma itens lexicais novos. Tal fenômeno é um tipo de composição, em que um nome e um verbo se combinam para formar um novo verbo. Nesse caso, conforme Mithun, o nome mantém uma relação semântica específica com o verbo, a qual pode ser de paciente, locativo ou instrumental.

Mithun afirma que, no caso de incorporação por composição lexical, a valência verbal diminui, visto que há a derivação de predicados intransitivos de predicados originalmente transitivos. O nome composto resultante é mais do que uma simples descrição, é uma atividade ou um estado especializado. O nome incorporado não tem qualquer papel sintático na sentença. A função desse tipo de incorporação seria tão-somente a de reduzir a saliência do nome incluído dentro do verbo.

No segundo caso, que pode ser entendido como uma extensão do primeiro, a incorporação nominal promove um argumento para a posição de caso deixada pelo nome incorporado. A função desse tipo de processo seria a redução da saliência do nome dentro da oração.

No terceiro caso, a incorporação reduziria a saliência do nome numa porção específica do discurso. Os argumentos externos estabeleceriam e manteriam a referência, porém não seriam gramaticalmente necessários.

Finalmente no quarto caso, a incorporação de um nome a um núcleo verbal ocorreria à semelhança de um sistema de classificadores, isto é, um nome genérico seria incorporado ao verbo para afunilar seu escopo, porém um sintagma nominal externo ocorreria com esse complexo verbal a fim de identificar o argumento envolvido na incorporação, em determinado contexto discursivo, no qual a informação nova é introduzida. A partir de então, a referência seria mantida pelo classificador incorporado. Nesse caso, a função da incorporação seria a de reduzir a saliência do nome dentro do discurso como um todo.

Observando os dados da língua Parkatêjê, à primeira vista, verifica-se que a incorporação nominal não causa mudanças nas relações sintáticas entre os constituintes da oração. Os verbos intransitivos aos quais determinados nomes são incorporados não têm sua estrutura argumental alterada, como é o caso de *mō* 'ir', que é um verbo intransitivo. Da mesma forma, verbos transitivos, quando têm nomes a eles incorporados mantêm-se transitivos, como é o caso de *krēmēn* 'cortar.todo.o.cabelo (raspar a cabeça durante o período de luto)', que literalmente é constituído dos seguintes lexemas: *krē*³⁴ 'cabelo' e *mēn* 'derrubar'.

Crítérios como a impossibilidade de intervenção de um outro elemento entre os constituintes dessa palavra composta fornecem evidências de que esse tipo de incorporação corresponde ao primeiro caso de Mithun.

4.2. Composição lexical

Analogamente ao que Dourado (2001:189) observou em Panará e ao que Ribeiro (1996 e 1999) verificou em Karajá, os nomes que são incorporados aos verbos em Parkatêjê perdem, de certa forma, seu significado específico, tornando-se assim um componente do verbo. O verbo por sua vez designa um evento único, tendo seu sentido restringido pelo nome a ele incorporado. Os exemplos encontrados no corpus apresentam quase sempre nomes de partes de um todo, um exemplo traz um nome de secreções do corpo ('pus'). Todos esses nomes, diga-se de passagem, são potencialmente incorporáveis, são nomes inalienavelmente possuídos – que se acoplam a verbos, os quais podem ser ativos (transitivos ou intransitivos) e não-ativos.

Alguns exemplos desse tipo de composição lexical, que resulta em verbos ativos são: *krēmō* (*krē* 'cabeça' + *mō* 'ir') 'nadar; boiar'; *krēmēn* (*krē* 'cabelo' + *mēn* 'derrubar') 'cortar o cabelo (todo)'; *hōkre poy* (*hōkre* 'garganta' + *poy* '?') 'cantar (ritualisticamente dançando e sacudindo o maracá)'; *hērpōpok* (*hēr* 'asa; gnelra' + *pōpok* 'onomatopéia que indica fazer barulho semelhante a *popok*' 'bater as asas'; *hōkrapōpok* (*hōkra* 'mão' + *pōpok* 'bater 'aplaudir'); *zūmzapro* (*zūm* 'Int' + *zapro* 'levar') 'casar'.

Alguns verbos não-ativos são: *krēyapie* (*krē* 'cabelo' + *yapie* 'criar') 'crescer (cabelo)'; *h-arkomēn* (*h-arko* 'saliva' + *mēn* 'derrubar') 'cuspir'; *krātātī* (*krāt* 'nariz' + *ātī* 'barulho do espirro') 'espirrar'; *krātputīti* (*krāt* 'nariz' + *putīti* 'ser.pesado') 'estar.com.o.nariz.entupido'; *hotēy* (*ho* 'pêlo' + *tēy* 'ser.duro') 'arrepiar'; *hōkre kak* (*hōkre* 'garganta' + *kak* 'barulho causado pela expulsão do ar durante o ato de arrotar') 'arrotar'; *hōkre pōk* (*hōkre* 'garganta' + *pōk* 'barulho da secreção excretada pelo ato de tossir') 'expectorar'; *kaprokato* (*kapro* 'sangue' + *kato* 'sair') 'menstruar'; *krakato* (*kra* 'filho' +

kato 'sair') 'parir'; *hōtōtšwati* (*hōtō* 'olho' + *tšwati* 'molhar.Enf') 'estar.com.sono'; *hōtōkēmkriri* (*hōtō* 'olho' + *kēm* 'Loc' *kriri* 'girar') 'estar.tonto'.

De uma perspectiva semântica, podemos dizer que o significado resultante desses verbos é um tanto ou quanto imprevisível, ou seja, o sentido do verbo composto não pode ser previsto a partir de seus componentes lexicais.

Esta parece ser o tipo de incorporação mais produtiva na língua, a saber, a que envolve termos inalienavelmente possuídos, não alterando a valência do verbo. Dessa forma, conforme observou Ribeiro (1996:48), a incorporação nominal apresenta restrições semânticas com relação (i) ao tipo de nome que pode ser incorporado – diferentemente do Karajá, em que há incorporação do recíproco, em Parkatêjê, a única aparente exceção é a incorporação do reflexivo – e (ii) ao tipo de verbo que admite a incorporação.

Tipologicamente, tem-se observado que nomes de partes do corpo geralmente são os preferidos para a incorporação, o que, de acordo com Velazquez-Castillo (1996:191), deve-se ao fato de que semanticamente tais nomes apresentam uma proeminência baixa, sendo conceitualmente dependentes de seus possuidores. Nesses casos, tais termos são locuções nominais que funcionam como objeto direto de verbo transitivo ou como sujeito de verbo intransitivo, marcados pelo caso absolutivo.

Como somente o núcleo de tais locuções é incorporado, o composto resultante tem sua valência inalterada. Porém o possuidor é promovido (i) ou a sujeito, quando se trata de verbos intransitivos (ativos ou não-ativos), (ii) ou a objeto, com verbos transitivos. De acordo com Mithun (1984) e Baker (1985), trata-se aqui do conhecido fenômeno de alçamento de possuidor.

Assim, seguindo a linha de análise de Ribeiro (1999), a incorporação nominal em Parkatêjê é um mecanismo de preservação de valência.

Dos textos extraímos alguns exemplos:

(388) *mīti katiti aiku wīr krēmō*
jacaré grande PR Dir cabeça.ir
 'Jacaré grande estava boiando (no rio)'

(389) *pe aiku aʒet nē hērpōpok nē tīn*
PD PR pendurar SS asa.bater SS morrer+Pas
 'Ele ficou pendurado, bateu as asas, e morreu'

(390) *ka pia a- rī zūmzapro?*
Int Dub 2- já Int.buscar
 'tu já casaste?'

Os exemplos (388), (389) e (390) ilustram três casos de incorporação. Nos dois primeiros exemplos, há nomes de partes do corpo: 'cabeça' (*krē*), que se junta ao verbo intransitivo 'ir' (*mō*), originando o verbo 'boiar', e 'asa' (*hēr*) que se junta com 'bater' (*pōpok*) para formar 'bater.as.asas'. Não foi atestada a possibilidade de ocorrência separada dos nomes incorporados aos verbos, tendo esses a mesma acepção.

4.3. Incorporação do pronome reflexivo

Encontrei inúmeros exemplos em que o reflexivo aparece como que incorporado à raiz verbal, considerando que, algumas dessas raízes existem na língua, sem a presença do reflexivo. Entretanto tal fenômeno ainda não está suficientemente claro. À primeira vista, o reflexivo é um complemento redundante, conforme observou Ribeiro (1996:51) para o

³⁴ *Krē* significa 'cabeça' e por extensão 'cabelo'.

Karajá. Com relação ao recíproco, Ribeiro afirma que a incorporação do referido elemento naquela língua enquadra-se no tipo III proposto por Mithun (1984:859), cuja composição tem por objetivo ‘manipular a estrutura do discurso, relegando elementos semanticamente vazios ou redundantes a um segundo plano’. Nos casos em que estou considerando, o reflexivo não-incorporado é marcado por uma posposição, como no exemplo abaixo, em que o reflexivo refere-se ao rio, que se encheu:

- (391) pe pia p̃ti am̃zi mē hōta
 PD Dub rio Refl Dat transbordar
 ‘Dizem que o rio transbordou’

Alguns exemplos de verbos em que o reflexivo aparece incorporado são os seguintes: **am̃ziakr̃i** ‘alegrar(-se)³⁵’; **am̃ziakop** ‘pensar’; **am̃ziipey** ‘amadurecer; transformar(-se)’; **am̃ziakre** ‘resguardar(-se); guardar resguardo de (parto, doença, *pēmp*³⁶)’; **am̃zikapi** ‘aprender (uma lição)’; **am̃ziyarēn** ‘refletir’; **am̃zitetē** ‘proibir’; **am̃zitey** ‘estar.farto (de alimentos)’; **am̃ziðze** ‘segurar.pela.mão’; **am̃zikīn** ‘alegrar (-se)’; **am̃zinkr̃ik** ‘aborrecer (-se)’.

Nos exemplos que seguem de (392) a (396), os verbos apresentados não admitem a intervenção da posposição entre o reflexivo e a raiz verbal:

- (392) p̃t kat̃er kēm nkr̃ik: ʒe am̃zikapi puro
 sol lua Loc estar.zangado Voc Refl.tentar logo
 ‘o Sol ficou zangado com a Lua: Jê, agora tu aprendeste!’
- (393) pe pia m̃ti kēm am̃ziarē: ituware, wa ka a-
 PD Dub jacaré Loc Refl.dizer sobrinho eu Fut 2-
 krē iñuare
 comer Neg
 ‘Dizem que o Jacaré mesmo disse: sobrinho, eu não vou te comer.’
- (394) kat̃er mē am̃ziarēn.
 lua Dat Refl.dizer
 ‘a Lua refletiu’ *lit.* ‘a Lua disse consigo mesma’
- (395) pe pia m̃i h-apron m̃i mē to mō mē to
 PD Dub Rel-buscar 3Pl ir 3Pl
 am̃ziðze
 Refl.segurar.pela.mão
 ‘Dizem que ele foi buscá-los e eles foram segurando na mão (do Sol)’
- (396) pe pia t̃eri nē kōkore nē am̃ziipey
 PD Dub mesmo SS calango SS Refl.tornar
 nē kre to mō nē kato
 SS cavar ir SS sair
 ‘Dizem que o Sol, ele mesmo na qualidade de um calango, cavou e saiu’

Segundo Ribeiro (1996:49), em Karajá alguns verbos compostos por incorporação têm sentido idiomático, o que também é percebido em Parkatêjê. Alguns exemplos são: **hōto t̃ɣwati** (hōto ‘olho’ + t̃ɣwati ‘molhar.Enf’) ‘estar.com.sono’, que literalmente pode ser pensado como ‘o olho molha muito’ – como consequência do bocejar – de acordo com Araújo (em comunicação pessoal); **hōtokēmkriri** (hōto ‘olho’ + kēm ‘Loc’ kriri ‘girar’) ‘estar.tonto’, que literalmente seria ‘o o lho gira’. Tais exemplos, conforme já foi dito, são casos de composição lexical nos termos de Mithun (1984).

Alguns verbos aparecem com o verbo **to** ‘fazer’ como, por exemplo, **toyapak** ‘lembrar’ e **toyapakuket** ‘esquecer’. Literalmente, **toyapak** é uma palavra constituída por **to** ‘fazer’ e **yapak** ‘orelha’ – a audição é o sentido ligado à memória para os parkatêjê. No caso do verbo **toyapakuket**, a origem de sua composição já não é tão óbvia. Poderíamos imaginar que **ket** teria alguma relação com a forma da negação sentencial final em Kayapó (Mêbêngôkre) (anotações pessoais de Borges, 1991-1995), mas isto é mera especulação. Estudos posteriores aprofundarão essas questões.

4.4. Termos de classe

Tomando por base o que a literatura especializada tem assumido acerca dos tipos de sistemas de classificadores – Allan (1977), Craig (1986), Mithun (1986) e Aikhenvald (2000), entre outros –, verifiquei que o Parkatêjê, diferentemente do Panará e do Karirí, não apresenta um sistema de classificadores semelhantes aos dessas línguas.

Para Ribeiro (1996), o Karajá apresenta um tipo de incorporação nominal classificatória, isto é, termos de partes do corpo funcionam ordinariamente como termos de medida, como “cabeça”, “olho”, “barriga”, etc.

Dourado (2001:206), no entanto, separa tais termos dos classificadores propriamente ditos em Panará, chamando-os de termos de classe. Estes, ainda de acordo com sua análise, que tem base em Rosch (1978) e em Berlin et al. (1968), correspondem ao nível básico de categorização, tendo uma função semelhante à dos classificadores, porém em âmbito lexical.

De acordo com Aikhenvald (2000:86-7), é geralmente uma tarefa árdua decidir se uma língua estabeleceu um sistema nominal de classificadores ou se ela somente apresenta um mecanismo que consiste em emparelhar nomes genéricos e nomes específicos.

O Parkatêjê apresenta um conjunto de termos, que funcionam como formativos classificatórios e que são constituídos basicamente de uma sílaba. Essas palavras combinam-se com outras raízes nominais, formando compostos do tipo nome específico + nome genérico na língua, que resultam em um nome específico:

- (397) ko ‘indicativo de frutos que dão em cachos’
 rōti-ko ‘cocal’
 kapere-ko ‘bacabal’
 terere-ko ‘açazal’
 awara-ko ‘anajazal’

Os termos de classe são nomes que fazem parte de um grupo semântico, cujos traços comuns podem ser definidos pelas propriedades físicas a que fazem referência. Esses termos são restritos a poucos campos lexicais, o que os diferencia de classificadores nominais, que cobrem mais extensivamente o léxico. Termos de classe não constituem uma construção sintática do mesmo modo que as construções com classificadores nominais, já que os primeiros são basicamente exemplos de um tipo de composição lexical. Morfossintaticamente, entre outras características, ocorrem como núcleos de predicados verbais, e alguns deles, como foi visto na seção anterior acerca da incorporação nominal,

³⁵ Pode ser um equívoco traduzir o verbo com o reflexivo.

³⁶ Ritual de iniciação masculina.

podem ser incorporados em uma raiz verbal. Ao ocorrerem em combinação com outros nomes, fornecem a estes traços semânticos definidos principalmente pelas características físicas presentes em seu conteúdo nocional.

Os termos de classe constituem uma categoria que ocorre como núcleo de nomes compostos com função classificatória em nível lexical, já que aqueles não apresentam a mesma extensão de uso dos chamados classificadores (cf. Dourado, 2001:206).

Alguns exemplos dos termos de classe em Parkatêjê são:

Quadro 29: Termos de Classe

Termos de classe	Composto	Glossa	Tradução
kĕ 'invólucro'	parkĕ	pau-invólucro	Casca de árvore
	pĕrkĕ	pé-invólucro	sapato
	i-kĕ	1s-invólucro	minha pele
ho 'folha'	parho	pau-folha	folha
	rōtiho	babaçu-folha	folha de babaçu
	pĭho	urucum-folha	folha de urucum
hĭ 'semente'	prĕt ʃohĭ	castanha-semente	castanha-do-pará
	katōkhĭ	espingarda-semente	projétil
	pōhĭ	milho-semente	milho
krō 'cabeça'	aprikrō	-cabeça	peteca ³⁷
	kat ʃĕtkrō	algodão-cabeça	novelo de linha
t ʃom 'farinha'	kwert ʃom	mandioca-pó	farinha
	kapamt ʃom	areia-pó	areia
hi 'osso'	i-krathi	1s-tronco-osso	minha bacia
	i-katuthi	1s-costas-osso	minha coluna vertebral
hĭ 'carne'	waʒĩ	dente-carne	gengiva
ko 'líquido'	h-arko	boca-água	saliva
mĕ 'humano'	mĕkwē	humanos-Quant.	alguns
mpo 'Ind'	mpoʒōkra	Ind-Rel-Pos-mão	primatas
	mpoyara	Ind-Rel-asa	aves

Para Aikhenvald (2000:86-7), a composição de nomes envolvendo nomes genéricos-específicos pode ser comparada a componentes derivacionais em classes nominais (como *berry* em inglês – *strawberry*, *blackberry*), dada sua limitada produtividade, seu alto grau de

³⁷ Peteca feita de palha de milho seca, a qual é jogada durante a festa do Milho Verde, pelos homens, o pátio, após a corrida de tora.

lexicalização e o fato de eles serem restritos a uma classe fechada de raízes nominais. Por tais razões, tais termos de classe não devem ser considerados como parte de um sistema de classificação.

Além disso, Aikhenvald afirma que o critério decisivo para decidir se determinado sistema é de classificadores ou de termos de classe é verificar se os nomes genéricos (ou termos de classe, de acordo com a terminologia usada por Dourado (2001) são obrigatórios, e se é possível formular regras explícitas para a sua omissão. Pode-se afirmar que em Parkatêjê esses termos são obrigatórios, não sendo possível omiti-los sem prejuízo para o significado dos compostos em que eles tomam parte.

Termos referentes a nomes de filhotes de animais apresentam diferenças que podem ser interpretadas como uma classificação particular da cultura a que pertence a língua Parkatêjê. Tais conjuntos diferem de nossa visão ocidental, em que temos divisões como mamíferos, anfíbios, aves e etc. Alguns desses termos são apresentados abaixo:

Quadro 30: Termos de classe para alguns itens da fauna

Animal	Termo de classe para o filhote
kra 'paca'; kukinerē 'cotia'; ton 'tatu'; rop 'onça'	pāire
rop 'cachorro'; mīre 'jacaré'; kahē 'cobra (em geral)'; roti 'cobra (d'água)'; tārihokuti 'cobra-papagaio'; kahōteteti 'cobra-amarela'; pētēre 'preguiça'; pētēre kruturē 'tamanduá-bandeira'; pētēre katut t ʃetere 'preguiça bentinho'; kukrīt 'anta'; yat ʃĩ 'veado'; karēire 'veado-branco'; yat ʃĩ kēhēkre 'bode'; wakō 'quati'; mpokoti 'boi'; mpokoti kēhēkre 'jumento'; kroti 'mucura'; pāp 'poraquê';	kra
kro 'porco'; krōre 'caititu'; kroyapurē 'porco-de-casa'	krēyakotōre
kupāt 'guariba'; kukoy 'macaco'; kukoy katōnkre; pāthēk 'macaco-cuxiu'; kukoypēy 'macaco quinze quilos'; katikat ʃetere 'macaco mão-de-ouro'; t ʃēnre; t ʃepre 'morcego'	rore
pātēkti 'mutum'; pēn 'arara'; ōʔōre 'galinha'; mpopērpoti 'pato (em geral); pēnhēkti 'arara azul'; pēnare 'ararinha'; krāiti 'papagaio'; krāire 'papagaio preto'; krāirepakre; hoire 'periquito'; keketerē; kēkēre; kaheyti 'curica'	ntore

hĕk 'gavião'	titore
tepti; tewati; krĭtĭti 'traíra'; tepkratikĭmĕtoti 'tucunaré'; hire 'mandi pequeno'; hiti 'mandi maior'; krĕti 'peixe-sabão'; tepepeiti 'peixe-pedra'; tept ʃwayapieti 'peixe-cachorro';	raire

Capítulo 5

Construções verbais seriais

De acordo com o que atesta Aikhenvald (1999:469), há um considerável número de trabalhos acerca das construções seriais verbais, muito embora nenhum deles trate desse tipo de construção em línguas indígenas da América do Sul. Trabalhos recentes como os de Martins (1994), de Aikhenvald (1999) e de Dourado (2001) mostram, entretanto, que, de fato, essas construções são encontradas em línguas indígenas brasileiras. No caso da Bacia do Alto Rio Negro, Aikhenvald (1999) afirma que este é um traço areal daquela região.

Com base em trabalhos sobre o tema (Aikhenvald, 1999; Crowley, 1987; Durie, 1988 e 1997; Lord, 1977; Zwicky, 1990), pode-se afirmar que tais construções apresentam, entre outras, as seguintes propriedades:

- fazem referência a um único evento;
- partilham o sujeito bem como também outros argumentos;
- partilham tempo, aspecto, modalidade e, algumas vezes, valor de polaridade;
- do ponto de vista fonológico, apresentam propriedades entonacionais de uma sentença única;
- muito embora cada verbo que as compõem seja uma palavra morfológica, agem como um todo sintático;
- por funcionarem como um predicado único, não admitem marcas de dependência sintática entre seus elementos, o que as diferencia das sentenças coordenadas e subordinadas.

A última propriedade pode ser atestada em línguas que apresentam marcas explícitas para a coordenação ou para a subordinação de sentenças. Muito embora não tenha apresentado, neste trabalho, as sentenças complexas da língua, posso afirmar com base nos dados de orações subordinadas já coletados, transcritos e selecionados para estudos posteriores, que, em Parkatêjê, as construções seriais funcionam como um predicado único, isto é, não admitem marcas de dependência sintática entre seus elementos.

5.1. Caracterização das construções seriais em Parkatêjê

Uma construção verbal serial é uma sequência de vários verbos que funciona como um predicado simples. Em Parkatêjê, uma construção desse tipo é constituída mais comumente de dois elementos, podendo reunir até três verbos, que formam um predicado com núcleo complexo, combinando:

- dois ou três verbos de moção;
- um verbo de moção e um verbo S_{10} do tipo **prēm**;
- dois verbos posicionais.

Para fins descritivos, apresento o quadro abaixo que visa ilustrar a estrutura de uma construção verbal serial. A numeração dos verbos (V_1 , V_2 , V_3) é somente aproximativa. Porém, minha hipótese é a de que verbos de moção na posição V_1 , tais como **mō**, têm posição fixa. Da mesma forma, se na construção serial aparecer um verbo posicional, ele estará em posição V_2 , que é opcional, e verbos de propriedade física do tipo S_{10} aparecerão sempre em V_3 . Em outras palavras, uma construção serial em Parkatêjê comumente reunirá dois verbos. Se reunir três, muito provavelmente a posição V_2 será ocupada por um verbo posicional.

Quadro 31: Estrutura de uma construção serial verbal

Estrutura de uma Construção Serial Verbal		
V ₁	V ₂	V ₃
Verbo de moção (S _a)	Verbo posicional ou verbo de moção (S _a)	Verbo de moção, verbo posicional (S _a) ou verbo de propriedades físicas (S _{io})

- (a) Exemplos de construções envolvendo verbos de moção:
- | | | |
|----|-------|-------------|
| mõ | tɕwa | 'ir-banhar' |
| | kukrẽ | 'ir-comer' |
| | kato | 'ir-sair' |
- (b) Exemplo de construções envolvendo verbo de moção + verbo posicional + verbo ativo:
- | | | | |
|----|----|----|--------------------|
| mõ | nõ | hõ | 'ir-deitar-dormir' |
|----|----|----|--------------------|
- (c) Exemplo de construções envolvendo verbo de moção + verbo de propriedades físicas (S_{io}) (com sentido modal, desiderativo):
- | | | |
|-------|------|----------------|
| koran | prēm | 'querer-matar' |
| tek | prēm | 'querer-jogar' |

Aikhenvald (1999:473) afirma:

"verbos em 'séries' referem um evento ou um processo; verbos que referem estados e não eventos têm muito menos chance de aparecer numa construção verbal serial. De fato, muitas línguas apresentam a restrição de serializar verbos estativos. Por exemplo, em Gurr-goni (Australiana: Green 1995) e Tamambo (Oceânica: Jauncey 1997)". (tradução minha)

Entretanto, em Parkatêjê, encontramos um par de exemplos, cada um com dois verbos – um S_o e um verbo S_a. Os exemplos abaixo apresentam esses dados:

- (398) A. mpɔ nẽ a- kapri -rɛ ʒẽ?
- | | | | | | |
|-----|-----|----|--------------|-------|---------------|
| Ind | Int | 2- | estar.triste | -Aten | estar.sentado |
|-----|-----|----|--------------|-------|---------------|
- 'Por que tu estás sentado triste?'
- B. wa kɛmẽ arik ta pupun.
- | | | | | |
|----|------|--------------|-------|---------|
| Eu | Cont | estar.calado | chuva | Rel-ver |
|----|------|--------------|-------|---------|
- 'eu estou calado vendo a chuva'

A parte A do exemplo (398) apresenta os verbos **kapri-ʒẽ** 'estar.triste-estar.sentado'. O verbo posicional imprime uma nuance aspectual à construção. Quanto à parte B do mesmo exemplo, não se pode falar em partilha de objeto direto, porque o verbo **arik** 'estar.calado' é um verbo intransitivo. Todavia há partilha das noções de tempo e aspecto na referida oração.

Cada um dos verbos que compõem uma construção verbal serial é uma palavra fonológica independente com acento próprio. Além disso, as propriedades entonacionais indicam que há pausa entre esses elementos. Cada um desses verbos também ocorre como elemento independente em orações simples.

Esses predicados podem tanto ser transitivos quanto intransitivos. O último verbo da série define a transitividade ou a intransitividade da construção.

Entre os vários verbos existentes para indicar moção em Parkatêjê, estão os verbos **mõ** e **tẽ**, cujo sentido é ir. Entretanto, as construções seriais somente envolverão **mõ**.

Cabe aqui também ressaltar o que vários estudiosos têm observado em relação às construções seriais. Algumas vezes não é possível atribuir um sentido às partes da construção. Durie (1997:323) chama a atenção para o fato de que em, alguns casos, um complexo verbal pode ser semanticamente não-analisável, por duas razões: ou porque não é possível dar significados separados para cada um dos constituintes da construção, ou porque os sentidos independentes dos verbos constituintes da construção parecerem não ter relação nenhuma com o sentido do todo. É o caso de *mũ to tẽ* '? fazer ir', por exemplo, expressão usada para a despedida em Parkatêjê, traduzida pelos informantes como 'vai!'. Muitas vezes, a tradução de um complexo serial inteiro é feita por um simples verbo.

Bastante comum em línguas que apresentam esse tipo de construção é a necessidade de expressão de toda a seqüência de um determinado evento, fato mencionado por Durie, ao tratar da produtividade da serialização verbal, usando como exemplo a língua Kalam descrita por Pawley (ver Durie 1997:325). Em Parkatêjê, por exemplo, um falante dirá 'o menino subiu (na árvore) e caiu' para uma sentença como 'o menino caiu da árvore'.

- (399) mẽkrarɛ apu api pɛp
- | | | | |
|--------|------|-------|------|
| menino | Cont | subir | cair |
|--------|------|-------|------|
- 'O menino caiu' *lit.* 'O menino (estava) subindo-caindo'

Com relação às construções em que aparece o verbo de moção **mõ** 'ir', as características tipológicas do Parkatêjê cabem na observação de Durie (1997:310) sobre uma categoria de serialização de moção – em que um verbo de moção é combinado com qualquer outro verbo, de forma que aquele vem primeiro. Além disso, segundo ele, há verbos que parecem ser mais comumente utilizados nas construções seriais. Entre eles, em Parkatêjê, aponto **mõ** 'ir', **to** 'fazer' e **prēm** 'querer'.

Como será visto nos exemplos abaixo, uma construção serial verbal, com os vários verbos contíguos ou não, mostra que os verbos que a constituem partilham o mesmo sujeito bem como o mesmo objeto, no caso das construções que envolvem o verbo **to**.

Como o Parkatêjê apresenta marcas explícitas tanto para a coordenação de orações (com um mesmo sujeito ou com sujeitos diferentes) quanto para a subordinação, pode-se contar com um bom critério para distinguir construções verbais seriais de sentenças coordenadas na língua.

Os exemplos (400) e (401) ilustram o processo de coordenação de sentenças na língua: **mẽ** marca as sentenças com sujeitos diferentes e **nẽ** marca a ocorrência de sentenças com o mesmo sujeito. Já em (402), **mõ-tɕwa** 'ir-banhar' contíguos, referem-se a um único evento. A sentença em que ocorre a construção serial verbal está sublinhada.

- (400) a- tɛm piarɛ pupũn mẽ tɛ a- mẽ
- | | | | | | | | |
|----|-------|-----|-------------|----|-----|----|----|
| 2- | ErgPI | NPr | Rel-ver+Pas | DS | Erg | 2- | PI |
|----|-------|-----|-------------|----|-----|----|----|
- pupũn inũarɛ
- Rel-ver Neg
- 'vocês viram o Piare, mas ele não viu vocês'

- (401) ka ka to prẽtɕo ʒ-itɛp nẽ
- | | | | | | |
|----|-----|-------|----------|------------|----|
| tu | Fut | fazer | castanha | Rel-cortar | SS |
|----|-----|-------|----------|------------|----|
- pẽn i-mẽ hõr
- | | | |
|---------------|-------|---------|
| carregar+ Pas | 1-Dat | dar+Pas |
|---------------|-------|---------|
- 'Tu vais cortar castanha e carregar para me pagar'

- (402) wa mū mō tʃwa
eu ir banhar
'eu vou banhar'

Com base nas observações de Durie (1997) sobre as construções verbais seriais, dois parâmetros relativamente independentes podem ser usados para classificar as referidas construções: (i) a distribuição e a posição da flexão *versus* a contigüidade e a não-contigüidade dos componentes da construção e (ii) as relações entre os componentes de uma construção desse tipo *versus* a forma pela qual seus componentes interagem.

Levando em consideração o primeiro critério (i), Durie (1997) apresenta quatro possibilidades de caracterização para línguas que serializam verbos: por um lado, os componentes das construções seriais podem ser mais ou menos contíguos, por outro, uma seqüência verbal pode ou não formar uma única palavra morfológica ou fonológica (isto é, essas raízes podem estar ou não mais ou menos incorporadas). De acordo com o segundo critério (ii), podem-se classificar as construções seriais em três: assimétricas, simétricas e *ambient*.

5.2. Tipos de construções seriais

Com base no primeiro critério – distribuição e posição da flexão e contigüidade e não-contigüidade dos componentes –, pode-se dizer que, em Parkatêjê, os elementos constituintes de uma construção serial verbal podem apresentar-se da seguinte forma:

- (i) [-contíguo; -incorporado];
- (ii) [+contíguo; -incorporado].

No primeiro caso, os componentes de uma construção serial verbal são não-contíguos e são não-incorporados. Possivelmente, o fato de serem não contíguos alterará a distribuição e a posição da flexão, hipótese que preciso fundamentar melhor, em estudos subseqüentes.

No segundo caso, podem ser contíguos, mas não incorporados. Nesse caso, adverte Aikhenvald (1999:471), é preciso diferenciar composição verbal de construção serial. No primeiro caso, têm-se duas raízes verbais justapostas formando um só predicado e constituindo uma só palavra. No segundo caso, o que se tem são várias palavras morfológicas. Entretanto, geralmente um caso tem sido equiparado ao outro, isto é, geralmente se equipara serialização verbal à composição verbal. Muitas línguas tendem a ter uma ou outra, mas a mudança de serialização verbal para composição verbal não é incomum.

5.2.1. Tipo (a): construção serial [- contíguo; - incorporado]

No exemplo (403), a primeira oração apresenta duas raízes verbais, **pupūn** 'ver' e **kēmpa** 'escutar'. Vê-se que a marca de aspecto iterativo **apiri** ocorre entre as duas raízes verbais. A prova de que esses dois verbos constituem uma construção serial vem dos seguintes fatos:

- (i) as duas raízes estão no escopo dessa marca aspectual, ou seja, o aspecto iterativo refere-se aos dois verbos;
- (ii) a construção que envolve os verbos **pupūn** 'ver' e **kēmpa** 'escutar' partilha o mesmo sujeito, no caso, **kaprāni katiti** 'jabuti grande';
- (iii) as duas raízes referem-se a um evento ocorrido simultaneamente [ver-ouvir].

- (403) kapranī katiti pupūn apiri kēmpa ʒe
jabuti grande Rel-ver+Pas Iter escutar Voc

- apiri tok to!
Iter fogo fazer
'Jabuti grande viu e ouviu novamente: Jê faz fogo de novo!'

5.2.2. Tipo (b): construção serial [+ contíguo; - incorporado]

Da mesma forma, os componentes de uma construção verbal serial podem ser contíguos e não-incorporados como no exemplo (404), em que se têm os verbos **to** 'fazer', **mō** 'ir' e **ku-krē** 'comer':

- (404) wa ka mū to mō ku-krē
eu Fut fazer ir Onc-comer
'eu vou comer'

Nesse caso, os verbos que formam a construção serial partilham o mesmo sujeito e as marcas de tempo e aspecto, pois ocorrem todos contíguos. É importante observar que o verbo **ku-krē** 'comer', que pertence à classe de verbos **ku-**, aparece com esse morfema, por não haver menção ao objeto, isto é, poder-se-ia postular que os verbos que são serializados devem ter o mesmo valor de transitividade. Como será visto abaixo, o verbo **to** 'fazer' em algumas construções parece conferir uma aspecto de volição à ação descrita pela construção como um todo.

De fato, a tendência, em Parkatêjê, parece ser a de que as raízes verbais nas construções seriais ocorram não incorporadas umas nas outras.

Com base no segundo parâmetro – que envolve as relações entre os componentes de uma construção verbal serial e a forma pela qual seus componentes interagem – pode-se dizer que tais construções, em Parkatêjê, podem ser de dois tipos: simétricas e assimétricas.

As construções seriais verbais do tipo assimétricas, segundo Aikhenvald (1999:472), consistem em um verbo escolhido em uma larga classe aberta, maior, e em um outro verbo selecionado em um grupo pequeno fechado, tais como verbos de moção ou de postura. O sentido de uma construção desse tipo corresponde a um único evento descrito pelo verbo da classe maior, enquanto o verbo da classe fechada confere uma nuance aspectual à construção como um todo. No exemplo (405), em que ocorre tem a construção **nō-hō**, entendo que o verbo **nō** 'deitar', semanticamente, vem de uma classe pequena – os verbos posicionais:

- (405) wa ka ariat ʃē kēm nō hō
eu Fut rede Loc deitar dormir
'eu vou dormir na rede' lit. 'eu vou deitar-dormir na rede'

Já as construções seriais verbais simétricas são aquelas em que todos os verbos vêm de uma larga classe aberta. A ordem de ocorrência desses verbos na construção é icônica, o que reflete a ordem de acontecimento dos eventos.

- (406) wa ka katat ʃē tē kēmprōn ku-krē
eu Fut perseguir ir pegar.na.unha Onc-comer
'eu o persegui, pegá-lo-ei na unha e o comerei'

- (407) pe pia kat ʃermör kator pīt mū to
PD Dub lua ir+Pas sair+Pas sol
mō nã kām tohō nã ku-krēn kupen
ir SS Posp cortar.franja SS Onc-pintar Onc-carregar

'A Lua saiu. O Sol foi (atrás dela), cortou seu cabelo, pintou seu corpo com urucum, carregou-a e foi colocá-la num pedaço de madeira.'

O exemplo (407), retirado de um texto mítico, apresenta uma sequência de eventos: a Lua saiu; o Sol vai atrás dela, que morreu, e prepara o seu funeral. Corta o cabelo dela. Pinta-lhe o corpo com urucum. Carrega-a, etc. Na enumeração desses eventos, temos as construções **mōr-kator** 'ir-sair' e **kukrēn- kupōn** 'pintar o corpo com urucum-carregar', ambos verbos da classe **ku-**. Novamente vale lembrar a observação de Durie (1997:323) quanto ao significado de uma construção serial. Essa observação explica por que nem sempre o sentido de cada um dos constituintes corresponde ao sentido da construção serial inteira. Note-se também no exemplo (407) que a lacuna deixada pela falta de formas pronominais livres e dependentes para a terceira pessoa na língua é suprida pela presença dos prefixos relacionais e pela presença do morfema **ku-** nos verbos. Assim, a locução nominal Lua ocorre como sujeito da primeira sentença e em seguida ocorre como objeto das orações subseqüentes.

A evidência de que os verbos sublinhados no exemplo (407) constituem uma construção serial encontra apoio no fato de tais verbos partilharem o sujeito. A primeira construção – **mōr-kator** 'ir-sair' – tem como sujeito (S) **katšer** 'lua', que aparece na primeira sentença. Já a construção **ku-krēn-ku-pōn** 'pintar o corpo com urucum-carregar' tem como sujeito (A) **pāt** 'sol', o qual é citado no início do período e depois marcado pela conjunção **nē**, usada na coordenação de orações que apresentam o mesmo sujeito. Além disso, as duas raízes em questão partilham todas as marcas de tempo, aspecto e modo que ocorrem na sequência como um todo, que reflete a ordem em que os eventos ocorrem.

Da mesma forma, o exemplo (408) traz uma sequência de eventos – **kupōn-kapi-mōn-kator** 'pegar-provar-ir-sair'. Todos os verbos são oriundos de uma classe larga.

- (408) mpō mē pia are wa mpō ita nō kapi
 Ind Int Dub Enf eu Ind Dem Quant provar
 pe pia ku-pōn kapi mōn
 PD Dub Onc-pegar+Pas provar ir+Pas
kator
 sair+Pas
 '(O Sol pensou consigo mesmo) – o que é essa coisa? Eu vou provar uma coisa dessas. Dizem que pegou, provou e saiu'

5.2.3. Tipos semânticos de construções verbais seriais

As construções verbais seriais em Parkatêjê estão ligadas aos seguintes tipos semânticos, fundamentalmente:

6.2.3.1. Intenção – o verbo **mō** 'ir' dá à construção um sentido de futuro:

- (409) wa mū mō tšwa
 eu ir banhar
 'eu vou tomar banho'

5.2.3.2. Modal – o verbo **prēm** 'querer' confere à construção um sentido modal:

- (410) mariŋa mē parkateze kakok prēm nīre
 NPr Dat NPr falar querer muito
 'Marília quer muito falar Parkatêjê'

5.2.3.3. Aspectual – construções seriais com o verbo **tō** 'fazer', cujo sentido já está gramaticalizado:

- (411) ma ku tokre!
 Exort Du cavar
 'vamos cavar!'

5.2.3.4. Causativo:

- (412) mē ntia te mēkarō tō tayma
 Pl mulher Erg foto Caus desaparecer
 'as mulheres perderam as fotos'

5.4. Construções verbais com o verbo **tō** 'fazer'

Construções verbais com o verbo **tō** 'fazer' parecem ser bem produtivas em Parkatêjê. Verifica-se a ocorrência de três tipos de construção com o verbo **tō** na língua. São elas:

- (i) com o verbo **tō** em seu sentido 'fazer'; na verdade, alguns exemplos parecem ter o verbo **tō** 'fazer' ocorrendo em posição não-final e ainda assim mantendo seu sentido literal – essas ocorrências, que podem ser somente um decalque do português, devem ser mais bem investigadas;
- (ii) com o verbo **tō** ocorrendo como causativo – uma possível construção verbal serial no passado, segundo Aikhenvald (em comunicação pessoal);
- (ii) com o verbo **tō** como componente de uma construção serial verbal, sem que o sentido seja ligado à causação – como o sentido e a função ainda são sobremodo obscuros, é necessário um estudo aprofundado dessa ocorrência;

Como foi visto na seção sobre verbos no capítulo que trata das classes de Palavras, o verbo **tō** também ocorre em nominalizações do tipo **mētohapaktšē** (Pl-to-lembrar-Nom) 'saudosos'.

Essas ocorrências podem distinguir-se em função principalmente da posição que o verbo ocupa na construção:

- (a) em seu sentido 'fazer', **tō**, como outros verbos da língua, ocorre em posição sentencial final;
- (b) nos outros dois casos, não há evidências de sua ocorrência na posição mencionada em (a). Como exemplos das ocorrências (i) e (ii), apresento os dados (413) e (414), respectivamente:

- (413) a- te ita tō
 2- Erg Dem fazer
 'tu fizeste isto' (o Sol disse para a Lua)

- (414) mē ntia tē mēkarōn tō tay
 Pl mulher Erg fotos Caus desaparecer
 'as mulheres perderam as fotos' *lit.* 'as mulheres causaram as fotos desaparecerem'

Além disso, me foi possível distinguir as ocorrências com o verbo *tō* observando se houve a inclusão ou não de mais um participante agentivo. Dessa forma, cheguei ao seguinte resultado:

- (a) as sentenças com *tō*, que incluem mais um participante, além daqueles que normalmente são associados a determinado verbo, são consideradas causativas;
 (b) as sentenças com *tō*, que não incluem mais um participante agentivo (isto é, em que não há um reajuste dos papéis semânticos e gramaticais), e reúnem, pelo menos, dois verbos, constituem construções seriais.

Neste último caso, o uso de *tō* parece enfatizar a expressão de intencionalidade das construções, conferindo-lhes um sentido aspectual. Os verbos, em tal situação, são não-contíguos, sendo que a ocorrência de *tō* é fixa na posição que antecede a locução nominal objeto. Em alguns casos, *tō* aparece também antecedendo o outro verbo, que está na posição final. Ocorrências desse tipo mostram que o referido verbo, em tal contexto, sofreu um processo de gramaticalização, com perda de conteúdo nocional e descategorização. Assim sendo, essa forma assume um novo comportamento de marca aspectual, evidenciando, inclusive, um outro padrão de ocorrência, sobre o qual muito há ainda a ser investigado. Por exemplo, observemos a sentença (415):

- (415) mī piare ka ka tō prēt ſo ʒ-itēp nē
 pegar NPr tu Fut fazer castanha Rel-cortar SS
 pēn i- mē hōr
 carregar 1- Dat Onc-dar+Pas
 'Pega, Piare. Tu vais cortar castanha para me pagar' *lit.* 'Pega, Piare. Tu vais cortar castanha, carregar e me dar'

Observa-se na sentença (415) que, muito embora se tenha a ocorrência de *tō*, nenhum outro participante é incluído na estrutura argumental, isto é, o verbo transitivo *h-itēp* 'cortar' permanece como um verbo de dois lugares, A e O. Nesse caso, A = *ka* 'tu' e O = *prēt ſo* 'castanha', o que é comprovado principalmente pela ordem das palavras, visto que, como a língua está funcionando numa base nominativo-acusativa, A ocorre da mesma forma que *S_a* e O é marcado por Ø. Pode-se dizer, pois, que os verbos presentes na estrutura sentencial partilham as locuções nominais sujeito e objeto.

Não considero, portanto, que a sentença em (415) ilustre um caso de causativização, como já acima mencionei: (i) não há um outro participante agentivo incluído na estrutura sentencial; (ii) não há um sentido de causação atribuído à sentença pela presença de *tō*.

Outros casos semelhantes são apresentados abaixo:

- (416) ma ku mē tō tēp katſe
 Exort DuPl peixe linhar
 'vamos pescar?'

- (417) pe pia tſēyti tō pēr y-ahī
 PD Dub pica-pau fazer pau Rel-picar
 'Diz que o pica-pau estava picando pau' *lit.*

'Diz que o pica-pau estava fazendo-picar pau'

- (418) katſer api nē mō pīt y-āpen tō mō nē
 lua voltar Loc ir sol Rel-trabalhar ir SS
 wīr katō
 Dir chegar
 'A Lua foi e voltou. O Sol foi trabalhar e chegou.'

Determinar o sentido de *tō* em tais construções pode representar um grande desafio. De acordo com o que aponte no capítulo sobre mecanismos de derivação verbal, algumas construções com o verbo *tō* 'fazer' parecem atribuir um maior grau de volição/coerção à ação expressa pelo verbo, hipótese que precisa ser devidamente verificada.

As ocorrências com o verbo *tō* suscitam ainda uma outra questão. Examine-se o exemplo (419), em que *tō* aparece antes da locução nominal objeto e antes da locução verbal. Os falantes, quando indagados acerca do sentido de tal ocorrência com e sem *tō* diante do verbo ou diante da locução nominal, dizem ser a 'mesma coisa', isto é, as sentenças teriam o mesmo sentido, o que não é nem um pouco convincente.

- (419) rī amnē apēr mē tō kwē tō
 já para.cá baixo Loc Quant
katōr
 chegar+Pas
 'ele já desceu para cá para baixo (com a bacaba)' *lit.* 'ele já para cá para baixo com muita (bacaba) e chegou'

O exemplo supracitado foi-me fornecido pelo Capitão Krôhókrenhūm, em fala espontânea. Ele estava vendo algumas fotos que nós havíamos feito numa excursão com um grupo de mulheres e somente um homem dentro de um dos castanhais existentes na reserva. O homem subiu numa alta e perigosa palmeira de bacaba, a fim de colher um grande cacho da referida fruta. A oração (419) foi proferida pelo Capitão ao ver a referida foto em que o homem vem descendo com um cacho de bacaba nas costas.

O exemplo (419) também ilustra a ocorrência de *tō* antes da locução nominal objeto e antes da locução verbal. É interessante observar que Dourado (2001:138), tratando das construções verbais seriais em Panará, afirma que "é comum a duplicação de um dos verbos da série após o argumento nominal complemento do verbo".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIKHENVALD, Alexandra Y. (1999). Serial constructions and verb compounding evidence from Tariana (North Arawak). *Studies in Language* 23:3. 469-498.
- _____. (2000). *Classifiers: A typology of noun categorization devices*. Oxford: OUP. [Oxford Studies in Typology and Linguistic Theory].
- _____. (2001). Verb types, non-canonically marked arguments and grammatical relations: A Tariana perspective. Alexandra Y. Aikhenvald; R.M.W. Dixon & Masayuki Onishi. *Non-canonical marking of subjects and objects*. pp. 177-199. Amsterdam: John Benjamins.
- _____. (a sair). Evidentials.
- ALLAN, Keith. (1977). Classifiers. *Language* 53, 285-311.
- ALVES, Flávia de Castro. (2002). Aspectos da ergatividade cindida em Apãniekrá (Jê). Ludoviko dos Santos e Ismael Pontes (orgs.). *Línguas Jê – Estudos Vários*. pp83-93. Editora UEL: Londrina.PR.
- ARAÚJO, Leopoldina M.S. (1977). *Semântica gerativa da língua gavião-jê*. Dissertação de mestrado inédita. Florianópolis: UFSC.
- _____. (1989). *Aspectos da língua gavião-jê*. Tese de doutorado inédita. Rio de Janeiro: UFRJ. 183 fls. mimeo.
- _____. (1993). "Fonologia e grafia da língua da Comunidade Indígena Parkatêjê". In: Lucy Seki (org.) *Linguística Indígena e Educação na América Latina*. 1993. pp. 265-272.
- ARAÚJO, Leopoldina & Marília Ferreira. (2001). Nomes próprios e nomeação em Parkatêjê: espelho das relações sociais. Comunicação realizada no IX Simpósio de Letras e Linguística. Minas Gerais-Uberlândia: UFU.
- _____. (2002). Uma viagem aos textos poéticos cantados no Parkatêjê. Comunicação apresentada no 2º Macro-Jê – Encontro de Pesquisadores de Línguas Jê e Macro-Jê – Campinas-SP: UNICAMP.
- ARNAUD, Expedito. 1975. Os índios gaviões do oeste; pacificação e integração. Publicação avulsa do Museu Paraense Emilio Goeldi. Belém-Pará.
- BAKER, M. (1985). *Incorporation*. Chicago: University of Chicago Press.
- BLAKE, Barry. (1987). *Australian Aboriginal Grammar*. Croom Helm.
- BORGES, Marília Ferreira. (1995). *Aspectos Morfossintáticos do Sintagma Nominal do Kayapó*. Dissertação de Mestrado inédita. Brasília: Universidade de Brasília.
- _____. (1996). Aspectos Morfossintáticos das Relações Genitivas na Língua Kayapó. *Moara* 4:77-82. Belém out/95-mar/96.
- CABRAL, A. S. A. C. (1997). Prefixos Relacionais no Asuriní do Tocantins. *Moara* 7:24 – Belém, n.8, p. 1-137, jul/dez.
- CALLOW, J. C. (1962). *The Apinajé language: phonology and grammar*. PhD Dissertation. University of London.
- CHAFE, Wallace. (1986). Evidentiality in English Conversation and Academic Writing. Wallace Chafe & Joanna Nichols (eds). (1986). *Evidentiality: The Linguistic Coding of Epistemology*. Ablex Publishing Corporation. Norwood, New Jersey.
- COMRIE, B. (1976). The Syntax of Causative Constructions. In: Shibatani, Masayoshi (ed.) *The Grammar of Causative Constructions*. Syntax and Semantics. Volume 6. Academic Press.
- _____. (1985). Causative verb formation and other verb-deriving morphology. T. Shopen. (ed). *Language typology and syntactic description*. Vol. 3. pp. 309-348. Cambridge: Cambridge University Press.
- CRAIG, Colette.(ed) (1986). Noun classes and categorization. *Typological Studies in Language* 7. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins.

- CRYSTAL, David. (1999). **The penguin dictionary of Language** – 2nd edition. Penguin books. England: London.
- _____. (2000). **Language Death**. Cambridge: Cambridge University Press: United Kingdom.
- CROWLEY, T. (1987). Serial verbs in Paamese. **Studies in Language**. 11: 35-84.
- DAVIS, Irvine. (1966). Comparative Jê Phonology. **Separata de Estudos Lingüísticos**. 1:20-24. São Paulo.
- _____. (1985). Some Macro-Jê Relationships. In: Harriet Manelis Klein & Louisa Starke (eds). **South American Indian Languages: Retrospect and Prospect**. University of Texas Press: Austin, Texas.
- DELANCEY, Scott. (1997). Mirativity: the grammatical marking of unexpected information. **Linguistic Typology**. 1 (1997), 33-52. Berlin, New York: Mouton de Gruyter.
- DENDALE, Patrick and Liliane Tasmowski. 2001. Introduction: Evidentiality and related notions. **Journal of Pragmatics**. 33. 339-348.
- DIXON, Robert M. W. (1972). **The Dyirbal Language of North Queensland**. Cambridge. Cambridge University Press.
- _____. (1979). Ergativity. **Language**. 55, 59-138.
- _____. (1987). Studies in Ergativity. **Lingua**. 71, pp.1-16 : North Holland.
- _____. (1989). **A Grammar of Boumaa Fijian**. The University of Chicago Press.
- _____. (1991). **A new approach to English grammar, on semantic principles**. Oxford: Oxford University Press.
- _____. (1994). **Ergativity**. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____. (1999). Semantic roles and syntactic functions: the semantic basis for a typology. **CLS** 35. Pp. 323-341. Chicago.
- DIXON, R.M.W. & Alexandra Y. Aikhenvald. 2000. **Changing Valency – Cases studies in transitivity**. Cambridge University Press.
- DIXON, Robert M.W. & Allan Vogel. (1996). Reduplication in Jarawara. **Languages of the world** #10. Lincom-Europa.
- DOURADO, Luciana. 1993. Fenômenos Morfofonêmicos em Panará. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. série Antropologia 9 (2). Belém-Pará.
- _____. (2001). **Aspectos Morfosintáticos da Língua Panará (Jê)**. Tese de doutoramento inédita. UNICAMP. Campinas: São Paulo.
- DURIE, Mark. (1988). Verb serialization and ‘verbal prepositions’ in Oceanic languages. **Oceanic Linguistics** 27: 1-23.
- _____. (1997). Grammatical Structures in Verb Serialization. In: A. Alsina; J. Bresnan and P. Sells (eds). **Complex Predicates**. 289-354. Stanford: CSLI.
- DUNN, Michael John. 1999. A Grammar of Chukchi. PhD Thesis submitted to Australian National University. Canberra.
- FERRAZ, Iara. (1993). Os índios Parkatêjê 30 anos depois. In: MARTINS, José de Souza (org.) **O massacre dos inocentes – a criança sem infância no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2ª ed., 11991, pp. 21-35.
- FERREIRA, Marília. (1994). Problemas nas formas negativas do verbo em Kayapó. Comunicação realizada no IX Encontro Nacional da ANPOLL. Minas Gerais: Caxambu.
- _____. (1999a). Aspectos Gerais da Morfosintaxe da Língua Parkatêjê – Primeiras Hipóteses. Comunicação realizada no V Seminário de Teses em Andamento do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas-SP.
- _____. (1999b). Evidência para os prefixos relacionais em Parkatêjê-Timbira. Comunicação realizada no II Seminário Nacional de Lingüística e Língua Portuguesa. UFG. Goiânia: Goiás.
- _____. (2000a). Descrição da ergatividade em sentenças simples do Parkatêjê. Comunicação realizada no XLVIII Seminário do GEL. Assis-SP: UNESP.
- _____. (2000b). Descrição preliminar da situação sociolingüística dos Parkatêjê. Comunicação realizada no XLVIII Seminário do GEL. Assis-SP: UNESP.

- _____. (2000c). Aspectos Funcionais e Tipológicos das Classes de Palavras em Parkatêjê. Comunicação realizada no XV Encontro Nacional da ANPOLL –UFF. Niterói: Rio de Janeiro.
- _____. (2001a). Case-marking system and typological properties in Parkatêjê. Comunicação realizada no Seminário Permanente do Research Centre for Typology Linguistic (RCLT), na Universidade La Trobe, Melbourne: Austrália.
- _____. (2001b). Remarks on Contact-Induced Change in Parkatêjê. Comunicação realizada no Seminário Permanente do Research Centre for Typology Linguistic (RCLT), na Universidade La Trobe, Melbourne: Austrália.
- _____. (2001c). Aspectos das classes de palavras em Parkatêjê: uma abordagem tipológico-funcional. A.S.A.C. Cabral & Aryon D. Rodrigues (Orgs.) **Estudos sobre Línguas Indígenas I**. Belém: UFPA. pp 147-166.
- _____. (2001d). Notas sobre a situação sociolingüística dos Parkatêjê. **Revista do Museu Antropológico**. Goiânia:UFG. n.1, v.5-6.
- _____. (2002a). Aspectos tipológicos das construções genitivas em Parkatêjê. Comunicação apresentada no 50º Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo – GEL. São Paulo: USP.
- _____. (2002b). Classes de verbos em Parkatêjê. Comunicação apresentada no 50º Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo – GEL. São Paulo: USP.
- FERREIRA, Marília & Leopoldina Araújo. (2001). Predicados Intransitivos em Parkatêjê. Comunicação apresentada no I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho de Línguas Indígenas da ANPOLL – Belém-Pará: UFPA.
- _____. (2002). Revisitando os prefixos relacionais em Parkatêjê. Comunicação apresentada no 2º Macro-Jê – Encontro de Pesquisadores de Línguas Jê e Macro-Jê – Campinas-SP: UNICAMP.
- GIVÓN, T. (1984). **Syntax: A functional-typological introduction**. Vol. 1. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins.
- KEENAN, E. (1985) Passive in the world’s languages. T. Shopen. (ed). **Language typology and syntactic description**. Vol.1. pp. Cambridge: Cambridge University Press.
- KIBRIK, A E. (1990). As Línguas Semanticamente Ergativas na Perspectiva da Tipologia Sintática Geral. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, n.18, Jan-Jun 1990. pp 15-37.
- LANGACKER, Ronald W. (1968). **Language and Its Structure – Some fundamental linguistics concepts**. Harcourt, Brace & World, INC.
- LARAIA, Roque & Roberto da Mata. (1967)
- LORD, Carol. (1977). How Igbo got from SOV serializing to SVO compounding. **Studies in African Linguistics**. Supplement 7: 145-155.
- LYONS, John. (1979). **Introduction to Theoretical Linguistics**. Cambridge University Press.
- MARTINS, Silvana. (1994). **Análise da morfosintaxe da língua Dâw (Makú-Kamã) e sua classificação tipológica**. Dissertação de mestrado inédita. Florianópolis: UFSC.
- MATTHEWS, P. H. 1997. **Morphology**. Cambridge: Cambridge University Press.
- MITHUN, Marianne. (1984). The Evolution of Noun incorporation. **Language**. Volume 60, N° 4. pp. 847-94.
- _____. (1986). The convergence of noun classification system. Colette Craig (ed.) **Noun classes and categorization**. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins.
- _____. (1988). The Grammaticization of Coordination. **Clause Combining in Grammar and Discourse**. ed. by John Haiman & Sandra A. Thompson. 331-359. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins.
- MIXCO, Maurice. (1997). Mandan Switch-Reference: A Preliminary View. **Anthropological Linguistics**. Vol. 39. N° 2.

- NICHOLS, Johana. (1986). Head-Marking and Dependent-Marking Grammar. *Language*. Vol. 62, No 01. March.
- ONISHI, M. Non-canonically marked subjects and objects: parameters and properties. Alexandra Y. Aikhenvald; R.M.W. Dixon & Masayuki Onishi (eds.) (2001). **Non-canonical marking of subjects and objects**. pp.1-51. Amsterdam: John Benjamins.
- PALMER, F. R. (1986). **Mood and Modality**. Cambridge Textbooks in Linguistics. Cambridge University Press.
- PARÁ. Secretaria de Educação do Estado do Pará (SEDUC). **Conhecendo nosso povo**. Belém. (1997). 79 pp.
- PAYNE, Thomas. (1997). **Describing Morphosyntax. A guide for field linguists**. Cambridge: Cambridge University Press.
- POPJES, J. & POPJES, J. (1986). Canela-Krahô. D. Derbyshire & G. Pullum. (eds.) **Handbook of Amazonian Languages**. Vol.1. Berlin: Mouton de Gruyter.
- REIS SILVA, M.A. e SALANOVA, A. P. (1998). Verbo y ergatividad escindida en Mebêngôkre. Ms.
- RIBEIRO, Eduardo Rivail. (1996). **Morfologia do verbo Karajá**. Dissertação de mestrado inédita. Goiânia-Goiás: UFG.
- _____. (1999). Valence, Voice and Noun Incorporation in Karajá. Manuscrito. _____. (2001). Prefixos Relacionais no Tronco Macro-Jê: Um Estudo Histórico-Comparativo. Comunicação realizada no I Encontro do GTLI da ANPOLL. Belém-Pará: UFPA. (resumo do trabalho)
- RODRIGUES, Aryon. 1990. Comments on Greenberg's Language in the Americas from a South American angle. Manuscrito. Brasília-DF: UnB.
- _____. A piece of grammatical congruity among Tupí, Carib and Jê. Universidade de Brasília. (manuscrito sem data).
- _____. (1999). Macro-Jê. Robert M. W. Dixon & Alexandra Y. Aikhenvald. (eds.) 1999. **Amazonian Languages**. Cambridge: Cambridge University Press.
- SALANOVA, Andrés P. e M.A.R.S. Algumas anotações sobre o prefixo ku- em Kayapó. (manuscrito sem data).
- SALANOVA, Andrés P. (1999). Considerações para uma solução prosódica aos 'prefixos relacionais' do Mebengokré. Manuscrito. IEL/Unicamp.
- SANTOS, Ludoviko C. (1997). **Descrição de Aspectos Morfossintáticos da Língua Suyá (Kisêdjê) Família Jê**. Tese de Doutorado inédita. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis.
- SCHACHTER, P. (1985). Parts-of-speech systems. T. Shopen (ed) Vol.1: 3-61. Cambridge: Cambridge University Press.
- SEKI, Lucy. (1990). Kamaiurá (Tupí-Guaraní) as an Active-Stativ Language., D. L. Payne (ed) **Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American Languages**. Austin, Texas: University of Texas Press.
- _____. (2000). **Gramática do Kamaiurá – Língua Tupi-Guarani do Alto Xingu**. Imprensa Oficial de São Paulo & Editora da UNICAMP. Campinas: São Paulo.
- SHIBATANI, Masayoshi. (1976). The Grammar of Causative Constructions: A Conspectus. Masayoshi Shibatani (ed.) **The Grammar of Causative Constructions. Syntax and Semantics**. Volume 6. Academic Press.
- SHOPEN, Timothy (ed). (1985) **Language Typology and Syntactic Description**. Cambridge: Cambridge University Press. Volumes 1-3.
- SILVERSTEIN, Michael. (1976). Hierarchy of features and ergativity. R.M.W. Dixon (ed.) **Grammatical Categories in Australian Languages**. L. Series 22. pp. 113-171.
- STOUT, Mickey. (1975). Ku-verb Phenomena in Kayapó. **Arquivo Lingüístico** N° 125. SIL. Brasília D.F.
- TRAPP, Earl Roy. (1968). **Introdução à lista dos verbos Kayapó**. SIL.

- TRASK, R. L. (1993). **A dictionary of Grammatical Terms in Linguistics**. Routledge. London and New York.
- URBAN, Greg. (1985). Ergativity and Accusativity in Shokleng (Gê). *IJAL*. vol.51, N° 02. pp.164-187.
- VELAZQUEZ CASTILLO, Maura. (1996). **The grammar of possession: inalienability, incorporation, and possessor ascension in Guarani**. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins.
- WIESEMANN, Ursula (ed). (1986). The pronoun systems of some Jê and macro-Jê languages. **Pronominal Systems**. pp. 359-80. Tübingen: Gunter Narr Verlag
- WILLET, Thomas. (1988). A cross-linguistic survey of the grammaticalization of evidentiality. *Studies in Language*.12: 51-97.
- ZWICKY, Arnold. (1990). What are we talking about when we talk about serial verbs?" B.D.; Joseph and A.M. Zwicky. (eds): 1-13.

LINCOM Studies in Native American Linguistics

In this series

- | | |
|-------------------------------|---|
| 01 Angel López-García | Gramática muisca |
| 02 Michael Dürr et al. (eds.) | Language and Culture in Native North America Studies in Honor of Heinz-Jürgen Pinnow |
| 04 Christian Lehmann | Possession in Yucatec
Structures - functions - typology |
| 05 Lieve Verbeeck | Linguistic Acculturation in Mopan Maya
A study of language change in Belizean Mopan due to Spanish and English
Culture and language contact |
| 06 Andrés Romero-Figeroa | A Reference Grammar of Warao |
| 11 Marcus Maia | The Javae Language |
| 30 Sérgio Meira | A Reconstruction of Proto-Taranoan:
Phonology and Morphology |
| 31 Nilson Gabas, Jr. | Phonological Study of the Karo
Language (Brazil) |
| 32 John Stonham | Aspects of Tsishaath Nootka
Phonetics & Phonology |
| 34 Claudine Chamereau | Grammaire du purépecha |
| 35 MJ Hardman | Aymara |
| 36 J. Diego Quesada | A Grammar of Teribe |
| 37 F. Queixalós (resp.) | Des noms et des verbes en
Tupi-guarani: état de la question |

- | | |
|---|---|
| 38 Rogerio Ferreira | Língua matis (pano): aspectos
Descritivos da morfosintaxe |
| 39 Vitória Regina
Spanghero Ferreira | Língua matis (pano):
uma análise fonológica |
| 40 Thomas Stolz | Die Numeralklassifikation
im klassischen Aztekischen |
| 41 Timothy Guile | Anthology of Menominee Sayings
(Texts & Grammar) |
| 42 Luciano Giannelli, Giovanna
Marotta & Beatrice Pacini | Fonologia della lingua cuna (dule gaya) |
| 43 Pilar Valenzuela | Relativization in Shipibo-Konibo:
A typologically-oriented study |
| 44 Jürgen Bohnemeyer | The grammar of time reference in
Yukatek Maya |
| 46 Doreen Bryant | Genus-Systeme im Wandel.
Spezifität, Animazität und Femininum im
Mohawk |
| 47 Ximena Lois
& Valentina Vapnarsky | Polyvalence of root classes in
Yukatekan Mayan languages |
| 48 Cristina Messineo | Lengua toba (guaycurú).
Aspectos gramaticales y discursivos |
| 49 Duna Troiani | Aperçu grammatical du totonaque de
Huehuetla, Puebla, Mexique |
| 50 Marília Ferreira | Morfossintaxe da língua Parkatêjê |